ISSN 0006-5218

BLUME, HAU em Cadernos

















PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing Prefeito Municipal Edson Brunsfeld Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke Presidente

Iúry Bugmann Ramos Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry Diretora Histórico-Museológica

Direcu Bombonatti Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

> Rafaela Hering Bell Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Annemarie Fouquet Schünke (Presidente)
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Roberto Marcelo Caresia
Urda Alice Klueger
Viegas Fernandes da Costa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux, na Área de História – edição 1998, concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina Prêmio Destaque - 2002 concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 – Blumenau (SC)
Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Imagens do interior do Museu da Família Colonial - Blumenau - SC

Silvio Roberto de Braga Revisão: Valdir A. Petry Digitação: Elton Cardoso Secretária: Mirela Nolasco



EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO

Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br http://www.fcblu.com.br

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -II. Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907 © Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento "Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

SUMÁRIO

Apresentação	7
Documentos Originais - Memórias	
Mais uma excursão à mata	
Karl Kleine 0	9
Artigos	
O quarto joinvilense no início do século XX - Mobília: entre o mármore o simples baú	e
David de Abreu Camilo / Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes	8
Vicente Só e a exploração do ouro	
Saulo Adami	8
Entrevista	
História de vida - Franz Brack	
Sueli M. V. Petry	3
História & Historiografia	
O Esporte Clube Metropol e a importância social do futebol em Criciún	ıa
Maurício Ghedin Corrêa9	6
Autores Catarinenses	
Lutador solitário	
Enéas Athanázio11	5

Apresentação

Nesta edição, a revista Blumenau em Cadernos oferece ao leitor, como sempre, um diversificado feixe de temas que merecem a atenção e reflexão de pesquisadores e leitores.

Abrindo a coluna Documentos Originais – artigos, continua-se com a publicação das memórias escritas pelo imigrante alemão Karl Kleine. Publicadas sob a forma de um livro, no idioma alemão, estas leituras estavam restritas a um pequeno público. Para dar acesso a todos os interessados, iniciou-se a tradução da obra intitulada "Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten", ou seja: "Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante". Os originais manuscritos estão retidos em 35 cadernos, estando os mesmos sob a guarda do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva - Fundo Memória da Cidade – Coleção "Família Kleine". A tradução vem sendo realizada pela colaboradora Annemarie Fouquet Schünke. Nesta edição publica-se o texto intitulado "Mais uma excursão à mata".

Na coluna **Artigos**, publica-se "O quarto joinvilense no início do século XX", de autoria do acadêmico David de Abreu Camilo e sua orientadora Prof^a Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes, do Curso de História da UNIVILLE. A temática dá visibilidade à importância da criação e utilização dos espaços museológicos como forma de reprodução das estruturas sociais hierarquizadas, e através da pesquisa contribuem para levantar questões para o debate das relações sociais. O texto leva o leitor a uma reflexão para questionar até que ponto as instituições se configuram como locais de transmissão do conhecimento.

O segundo texto de **Artigos** tem como autor o escritor Saulo Adami. Sob o título "Vicente Só e a exploração do ouro", trata da exploração deste minério na região de Brusque, por volta do século XVIII. Este metal tão ambicionado pelos mineradores foi motivo de muita cobiça e investidas em outras regiões do Brasil. Também por aqui, no grande vale do Itajaí o ouro foi motivo de exploração e passagem de muitos mineradores que se aventuraram a penetrar na floresta e percorrer o curso do grande rio e seus

afluentes.

Na coluna Entrevistas, trazemos para o leitor um depoimento do senhor Franz Brack. Sua vida esteve muito ligada à história cultural de Blumenau dos últimos 60 anos. Veio com os pais para o Brasil, nos anos vinte, em decorrência da grande inflação que assolava a Alemanha após o término da Primeira Guerra Mundial. Através da entrevista conta suas vivências desde o seu país de origem e acima de tudo as dificuldades no novo pais o qual considerava sua nova pátria.

Através da coluna **História & Historiografia**, o acadêmico em História e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)) – Universidade Federal de Santa Catarina, - Maurício Ghedin Corrêa, discute através do seu texto "O Esporte Clube Metropol e a importância social do futebol em Criciúma", a importância desta agremiação futebolística para a cidade, e suas nuances no contexto social e econômico da região.

Ao final da edição, na coluna Autores Catarinenses, Enéas Athanázio tematiza a literatura, tecendo comentários sobre livros publicados.

Visando dar continuidade a seu papel de divulgação de fontes históricas sobre literatura, história, memória e realidade local, a revista espera contar com a colaboração dos seus leitores e pesquisadores, através do envio de textos para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V. Petry Diretora da revista Blumenau em Cadernos

Mais uma excursão à mata

Karl Kleine1

Originais -Memórias

Antes desta, eu havia feito outras viagens mata adentro, bem como a outros lugares. Antes de casar, ainda quero narrar ao paciente leitor algo sobre estas viagens, pois creio que depois não mais terei tempo para isso... Penetrei, mais uma vez, na mata virgem na região do Itapocu, o segundo maior rio da Província. Aqui, deveríamos demarcar uma área de três léguas quadradas para o genro do Imperador D. Pedro II, o Conde D'Eu. O engenheiro Odebrecht (antes eu falava Adelbrecht) assumira o trabalho, levando meu irmão Theodor como ajudante e eu como auxiliar deste. A maioria dos trabalhadores era de Blumenau e descendentes de alemães, mas havia alguns brasileiros entre eles. Quase todos os alimentos foram levados de Blumenau e da Barra do Itajaí. Tudo foi carregado num pequeno navio



¹ Imigrante alemão veio para a Colônia Blumenau em 1856. Suas lembranças "Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante" - (Blumenau einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten) foram redigidas em 35 cadernos. Os originais encontram-se no acervo do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, órgão vinculado à Fundação Cultural de Blumenau. Fundo Memória da Cidade – Coleção "Família Kleine". Tradução: Annemarie Fouquet Schünke.

WEITERE WALDREISE.

Vorher machte ich aber noch einige Wald - und andere Reisen. Von diesen will ich dem geduldigen Leser noch etwas auftischen, ehe ich mich in den Ehestand begebe; hernach hätte ich vielleicht keine Zeit mehr dazu... Zuerst geht es noch einmal in den Urwald, diesmal an den Itapocu, den zweitgrößten Fluß in unserer Provinz. Hier sollte für den Schwiegersohn des Kaisers Don Pedro II., den Conte D'Eu, ein Stück Land von drei Legoas im Quadrat vermessen werden. Herr Ingenieur Odebrecht (den ich vorher Adelbrecht nannte) hatte die Arbeit übernommen und nahm zu seinem Adjutanten meinen Bruder Theodor mit. Diesem wurde ich als einfacher Arbeiter zugeteilt. Sämtliche Arbeiter waren aus Blumenau, fast alle deutscher Abkunft, nur einige Brasilianer waren dazwischen. Auch wurden die meisten Lebensmittel von Blumenau und der Barra do Itajahy mitgenommen. Die Sachen wurden auf einen kleinen Küstenfahrer verladen, der dieselben so weit den Itapocu hinaufbringen sollte, wie er eben fahren konnte. Die Arbeiter gingen über Land. -Truppweise, wie wir gerade zusammengeraten waren, marschierten wir meistens auf der Praia an der Küste des Meeres entlang. Ich ging mit zwei Deutschen, unserem Koch Cornelius und Wilhelm Bütchen und mit einem Brasilianer namens Bazil. Dieser war ein sehr guter Waldläufer und wohl der beste Canoeiro in Blumenau. Er war bei Herrn Odebrecht sehr gut angeschrieben, der ihn auch zum Aufseher über uns setzte.

Wir waren noch nicht weit über die Barra hinausgekommen, da begegnete uns am Meeresstrand ein steinaltes Mütterchen. Sie blieb stehen und bettelte uns an. Um uns freigiebiger zu stimmen, versprach sie, für uns beten zu wollen, daß diese Reise für uns glücklich abliefe, und setzte hinzu, daß unsere Kameraden vor uns ihr auch schon Almosen dafür gegeben hätten. Wir steckten ihr alle etwas Geld zu. Ich aber sagte ihr dabei, daß sie für mich das Beten unterlassen möge, da ich allein mit meinem Herrgott fertig zu werden hoffe und keines Fürsprechers bedürfe. Die Alte warf mir einen bösen Blick zu und humpelte brummend weiter. Wir sahen noch, wie sie ihren Rosenkranz eifrig ableierte; für mich war wohl keine Perle dabei.

Bazil aber meinte zu mir: "Du hättest das nicht sagen sollen! Nun ist sie böse und hängt dir ein Unglück an". Ich ließ ihn bei seinem Glauben und schwieg.

Nicht weit vom Strand befanden sich einige Felsengruppen im Meer. Aufihnen sahen wir eine Menge Fischer stehen, die mit sehr langen Angelruten hier fischten. Männer, Frauen und Jünglinge von sehr verschiedenem Alter standen sämtlich nur in kurzen Hemden im Schaum der Wogen und genierten sich vor einander überhaupt nicht. -Bald danach kamen wir in einen kleinen Flecken, wo einige Häuser um eine

costeiro, o qual deveria adentrar o rio Itapocu o mais longe possível. Os trabalhadores foram por terra. À medida que chegavam, formavam grupos e, assim, percorremos quase todo percurso à beira do mar. Eu estava na companhia de dois alemães, nosso cozinheiro Cornelius, Wilhelm Büttchen e de um brasileiro chamado Bazil. Este era um bom mateiro e talvez o melhor canoeiro de Blumenau. Ele era muito bem conceituado perante o senhor Odebrecht, tanto que era nosso supervisor.

Não muito longe da Barra, encontramos uma anciã na praia pedindo esmola. Apelando para nossa generosidade, ela prometeu rezar por nós para que tivéssemos uma boa viagem, acrescentando que os companheiros que nos antecederam também lhe haviam dado uma esmola para isso. Todos lhe demos um pouco de dinheiro, mas eu falei que não precisaria rezar por mim, pois eu esperava entender-me com Deus sem a interferência de ninguém. Ela me fuzilou com o olhar e se afastou resmungando. Ainda vimos como desfiava seu rosário, mas para mim, certamente, não havia uma conta sequer.

Basil falou: "Tu não deverias ter dito isso! Agora ela está furiosa e vai trazer-te desgraça." Eu o deixei com seus pensamentos e fiquei quieto.

Não muito distante da praia, havia alguns rochedos no mar. Lá, encontravam-se vários pescadores, utilizando varas muito compridas. Homens, mulheres e crianças de diferentes idades estavam entre as ondas do mar, vestidos apenas com camisas sem se envergonharem por isso.

Pouco depois, chegamos a um lugar onde havia algumas casas e uma igreja. Logo na entrada da vila, havia um negro agachado pedindo esmola, ele era perneta. Basil lhe deu um mil-réis, recomendando rezar por ele. Büttcchen e Cornelius fizeram o mesmo, convidando-me para também fazêlo. Eu não dei nada, pois percebi que o velho já estava bêbado e que iria usar a esmola para cachaça. Entre suas orações, contou como havia perdido a perna. Em sua juventude, ao carregar muito peso caíra e quebrara a perna em três lugares e por isso teve de ser amputada. Desde então, se alimentava precariamente da pescaria, de esmolas e de orações – três profissões nada desgastantes. Ficamos por lá durante um bom tempo, esperando pelos companheiros que haviam ficado para trás. Caminhei pelo lugarejo e descobri algumas antigüidades, na pessoa de mulheres de pescadores e de casebres caindo aos pedaços. Não me interessei por nada, pois as casas não tinham nenhum valor arquitetônico.

katholische Kirche starnden. Gleich am Eingang dieses Seestädtchens kauerte ein alter Neger, der ein Bein verloren hatte, und streckte bittend die Hände gegen uns aus. Bazil gab ihm einen Milreis mit der Weisung, für ihn zu beten. Bütchen und Cornelius taten desgleichen und forderten mich auch auf dazu. Ich gab nichts; denn ich sah, daß der alte Kerl schon betrunken war und das erbettelte Geld nur in Schnaps anlegte. Zwischen den Gebeten hinein erzählte er uns die Geschichte von seinem verlorenen Bein. In früher Jugend schon war er mit einer schweren Last so unglücklich gestürzt, daß sein Bein dreimal brach und abgenommen werden mußte. Seitdem ernährte er sich kümmerlich von fischen, betteln und -beten. drei leichte Professionen. Wir hielten uns hier eine geraume Zeit auf, um die zurückgebliebenen Kameraden herankommen zu lassen. Ich schlenderte in dem Ort ein wenig umher und entdeckte dabei einige Altertümer in Gestalt einiger Fischerweiber und baufälliger Häuser. aber da dieselben weder architektonischen noch historischen Wert hatten, so interessierten sie mich nicht weiter...

Ich trat jetzt in eine Venda, um mir etwas Kaffee zu verschaffen. Nach und nach sammelten sich unsere Kameraden und auch die Bewohner des Ortes in den beiden Vendas, die sich hier am Platze befanden. Auch der schwarze Stelzfuß mit seiner Krücke kam hereingewankt. Er setzte sich in eine Ecke, wo er nicht umfallen konnte, und nahm sein unterbrochenes Geschäft wieder auf, das heißt er fing mit lallender heiserer Stimme seine bezahlten Gebete wieder an.

Bazil sammelte nun seine Leute und trat den Weitermarsch an. Wir kamen an diesem Tag noch bis Barra Vellia, so genannt, weil hier füher einmal der Itapocu ins Meer mündete. Der Ort bestand zu jener Zeit aus einer großen Sanddüne, hinter der das alte Flußbett noch zu sehen war, welches aber jetzt voll Meerwasser stand. Dann waren noch drei ganze Häuser, drei Hühnerställe und zwei große Bootsschuppen zu bemerken. In dem größten der Häuser befand sich eine Venda, das heißt man konnte hier Schnaps, Roscas, Tabak und zur Not auch etwas zu essen bekommen. In den anderen Häusern wohnten Privatleute, die hier Fischerei betrieben, ihre Pflanzungen aber weiter im Hinterland hatten. Nur einige von uns übemachteten hier, die anderen gingen mit Bazil noch bis an den Itapocu.

Man hatte uns die beiden Bootsschuppen als Nachtquartier angewiesen, aber einer der Hausbesitzer, ein gewisser Mariano, nahm mich und noch einen Kameraden namens Johannes mit in seine Wohnung. Da wir es in seinem Hause jedenfalls besser hatten als in dem offenen Schuppen, so gingen wir gerne mit. Hätten wir aber geahnt, in welche Verlegenheit wir dort geraten sollten, so würden wir doch lieber die ganze Nacht den kalten Südwind in dem luftigen Schuppen ertragen haben.

Entrei numa venda para tomar café. Aos poucos, os companheiros foram se reunindo, bem como os moradores do local. O preto perneta também apareceu, equilibrando-se em sua muleta. Ele sentou num canto onde não corria o risco de cair e começou com sua tarefa que havia interrompido, quer dizer: rezar com a língua enrolada.

Bazil reuniu seus homens para continuar a marcha. Neste dia, ainda chegamos até Barra Velha, tendo esse nome porque, em tempos idos, o Itapocu desaguava ali no mar. Naquele tempo, havia no lugarejo uma grande duna, atrás da qual ainda dava para ver o leito do rio, agora continha água do mar. Ainda havia três casas, três galinheiros e dois grandes ranchos para as canoas. Na maior das três, havia uma venda, quer dizer: era possível comprar cachaça, roscas, tabaco e, se necessário, também conseguir comida. Nas demais, seus moradores dedicavam-se à pesca, no entanto, suas plantações ficavam mais terra adentro. Somente alguns pernoitaram ali, os outros foram com Bazil até o Itapocu.

O rancho das canoas nos foi colocado à disposição para o pernoite, mas o proprietário, um tal Mariano levou-me junto com outro companheiro chamado Johannes para a sua casa. Aceitamos, pois na casa seria melhor do que no rancho aberto. Porém, se tivéssemos adivinhado o constrangimento a que iríamos passar, teríamos preferido pernoitar no rancho aberto, expostos ao vento sul frio. Nosso simpático anfitrião era viúvo e tinha duas filhas, Anita e Maria, que administravam a casa. As duas eram jovens, bonitas e casadoiras. Fato corrente: os brasileiros gostavam de casar com alemães. Isso nós iríamos descobrir essa noite. As duas beldades nos serviram carne seca de cação, farinha e uma panela de água morna. Hannes, achando que a água fosse caldo de peixe, serviu-se imediatamente tomando tudo, mas sua expressão foi de surpresa. As duas moças começaram a rir. O velho gargalhava e disse para Hannes: "É água quente, meu filhinho, para fazer pirão".

"O que ele disse?", perguntou Hannes. "O que é Aquente?"-"Caldo de peixe", respondi prontamente, "come bastante, lá fora tem mais". Hannes olhou meio desconfiado, sacudiu a cabeça e disse: "Não, não pode ser, o gosto é horrível". É raro encontrar uma boa água potável à beira-mar, toda ela é salobra, per meada pela água do mar. Preparei o meu pirão para não deixar esfriar a água. Enfim, Hannes se deu conta para o que servia a água, então me imitou. Pegamos uma tira do peixe, e como não havia faca, usa-

Unser freundlicher Wirt war Witwer; zwei erwachsene Töchter, Anita und Maria, führten ihm die Wirtschaft. Sie waren beide noch jung, hübsch und -heiratslustig. Nun ist es Tatsache, daß sich die Brasilianer gem mit Deutschen verheiraten. Das sollten wir beiden Burschen auch heute abend erfahren. -Es wurde uns von den beiden Schönen des Hauses trockenes Haifischfleisch, Farin (Mandiokmehl) und ein Topf voll warmen Wassers aufgetragen. Mein Hannes, der dieses Wasser für Fischbrühe hielt, schöpfte sich einen Teller voll und löffelte ihn auch gleich aus, machte aber ein gar wunderliches Gesicht dabei. Die beiden Mädchen fingen an zu kichern. Der Alte lachte aus vol1em Ha1se und sagte zu Hannes: "É água quente, meu filhinho, para fazer pirão (Es ist heißes Wasser, mein Söhnchen, um pirão damit anzumachen)."

"Wat seggt hei?" fragte mich Hannes. "Wat is dat, Aquente?" - "Fischbrühe", erwiderte ich prompt, "du sollst man tüchtig essen, draußen ist noch mehr davon". - Hannes sah mich mißtrauisch an, schüttelte den Kopf und meinte: "Nee, dat kann nich wesen. Dat smeckt tau greulich". -An der ganzen Küste trifft man nur selten gut schmeckendes Trinkwasser an, es ist alles brackig, von Meerwasser durchdrungen. - Um nun das Wasser nicht kalt werden zu lassen, machte ich mir jetzt meinen pirão zurecht. Hannes, dem jetzt ein Licht aufging, tat es mir nach. Dann nahmen wir uns jeder einen Streifen von dem getrockneten Haifleisch. Messer gab's nicht, also mußten wir abbeißen. Ahnungslos steckten wir es in den Mund, aber obwohl wir dama1s noch ein recht nettes Gebiß hatten -es wollte nicht gehen. Weder mit Beißen, Kauen oder Zerren.

Glück1icherweise ging Mariano jetzt mit seinen beiden Töchtern in die Küche, um dort ihr Abendbrot einzunehmen. Wir versuchten nun unsere Taschenmesser an der lederartigen Haut. -"Nix", sagte Hannes lakonisch. Dann fingen wir an und wollten wenigstens etwas Fleisch herunterschaben. - "Och nix", seufzte Hannes wieder. "Na, teuf man een beeten", setzte er ingrimmig hinzu, "denn schall wenigstens ihn Hunn dran verrecken". Damit rollte er seinen Streifen "Hartgummi" zu einem Knäuel zusammen und warf es zu Tür hinaus. Ich folgte seinem Beispiel ohne Zögern. Wir mußten uns am schieren Pirão sattessen, wurden dann aber durch eine Tasse guten Kaffees wieder etwas getröstet.

Die Tafel - nur eine simple Strohmatte - wurde nun abgeräumt, zusamrnengerollt und in die Ecke gestellt. Dann setzte sich der alte Mariano zu uns und erzählte uns ein langes und breites von seiner Pflanzung im Hinterland, von seinem Vieh, seinen Fischerbooten, seinen großen Netzen und von Gott weiß was allem noch. Natürlich tat er dies nur, um uns sein Wohlhabenheit vor Augen zu führen. Endlich rückte er mit dem Hauptpunkt heraus: seine beiden Töchter konnten

mos os dentes. Embora, estes ainda fossem bons na época, não conseguimos mastigar, nem morder, ou puxar.

Felizmente, Mariano e as filhas foram à cozinha para comer. Tentamos cortar a pele do peixe com nossos canivetes. "Nada", falou Hannes laconicamente. Então tentamos tirar pelo menos um pouco da carne. Hannes suspirou novamente: "Também nada, vamos jogar no canteiro, assim pelo menos a galinha vai se engasgar." Enrolou a tira de "borracha" e a atirou porta afora. Sem vacilar, segui o seu exemplo. Tivemos de nos satisfazer somente com pirão, mas fomos consolados com uma xícara de café.

A mesa - nada mais do que uma esteira – foi tirada, enrolada e encostada num canto. Então Mariano sentou conosco e falou detalhadamente sobre suas plantações, seu gado, de suas grandes embarcações, das grandes redes de pesca e sabe Deus do que mais. Óbvio, que era apenas para demonstrar sua opulência. Finalmente, ele expôs o principal: suas filhas poderiam dividir tudo entre si, pois seus outros filhos haviam falecido. Por fim, sugeriu que Johannes e eu poderíamos vir a ser seus genros. Responder o quê? Eu já estava noivo, mas não comentei nada com Hannes sobre o plano do velho. Parei para pensar, ambos éramos protestantes, talvez ele desistisse da idéia. Isso, no entanto, não o impressionou, afirmando que essa questão seria fácil de resolver. Nesse momento de aperto, usei de astúcia. Pedi um tempo para pensar até o nosso retorno. Mas, eu sabia que regressaríamos pela vertente do Itapocu e Itajaí. Ele se deu por satisfeito e eu fiquei aliviado por encerrar esse assunto delicado.

Na hora de dormir, a "mesa" foi novamente desenrolada, colocaram dois travesseiros e a cama estava pronta. Tínhamos cobertores, além disso, estávamos exaustos. Ainda quero falar sobre esses travesseiros antes de dormir. De um modo geral, sua forma é redonda e são preenchidos com uma flor parecida com a camomila. Estas flores são cuidadosamente colhidas, selecionadas, secas e socadas nos travesseiros. Elas têm um aroma delicado, duram bastante tempo, e de vez em quando precisam ser sacudidas e secas na sombra. Dizem que nos induzem a bons sonhos. É por isso que não faltam em nenhuma casa de brasileiros, pelo menos aqui no litoral, onde a planta cresce em abundância.

Após uma noite bem dormida, e da calorosa despedida de nosso futuro sogro e de nossas noivas de cabelos negros, continuamos nossa camisich in die Habe teilen, weil ihre anderen Geschwister alle gestorben seien. Zuletzt meinte er geradezu, Johannes und ich sollten seine Schwiegersöhne werden. Was nun antworten? - Ich hatt doch schon eine Braut, und Hannes sagte ich vorläufig noch gar nichts von den famosen Heiratsplänen des Alten. Aber halt! Wir waren doch alle beid evangelisch. Vielleicht schreckte das den Alten ab. Aber das machte keinen großen Eindruck aufihn. Dieses Hindernis wäre leicht zu beseitigen, meinte e kurz. Da gebrauchte ich in meiner Bedrängnis eine kleine List. Ich bat un Bedenkzeit bis zu unserer Zurückkunft von dieser Reise. Ich wußte aber, daß wir über die Wasserscheide von Itapocu und Itajahy wieder nach Haus, gelangen wollten. Er gab sich zufrieden damit, und ich war froh, daß das peinliche Thema ein Ende hatte.

Als wir zu Bett wollten, wurde der "Tisch" wieder aufgerollt, zwei Kopfkissen darauf gelegt - und unser Bett war fertig. Decken hatten wir selber, und müde genug waren wir auch. Aber ehe ich einschlafe, muß ich noch etwas über diese Kopfkissen sagen. Sie haben meist eine runde Form und werden mit der Blüte einer Pflanze gefüllt, die der Kamille ähnlich ist. Diese Blüten werden sehr sorgfältig gesammelt, ausgelesen, getrocknet und fest in das Kissen gestopft. Sie haben einen feinen, aromatischen Duft und halten sich ziemlich lange, müssen aber von Zeit zu Zeit ausgeschüttet, aufgelockert und von neuem im Schatten getrocknet werden. Man schreibt ihnen zu, daß sie zu angenehmen Träumen verhelfen. Daher fehlen sie in keinem brasilianischen Hause, zumindest hier am Meeresstrand, wo diese Pflanzen üppig wachsen.

Nach einer sanft durchschlafenen Nacht machten wir uns am anderen Morgen wieder auf den Weg, nachdem wir von unserem zukünftigen Schwiegervater und unseren schwarzhaarigen Bräuten herzlichen Abschied auf ein fröhliches Wiedersehen genommen hatten. - Bald erreichten wir den Sammelplatz am Itapocu. Unser Küstenfahrer kreuzte auch schon draußen auf See und suchte die Barra zu gewinnen. Endlich schlüpfte er in den Fluß hinein. Nach kurzem Aufenthalt fuhren wir diesen hinauf. Die Canoas zur Weiterreise wurden von hier aus mitgenommen. Jedes Canô bekam seine bestimmten Canoeiros zugeteilt, die für ihr Fahrzeug und die Ladung verantwortlich waren. Am ersten Salto mußte der Küstenfahrer Halt machen. Hier sollten alle Sachen in die Flußboote umgeladen werden; das ging aber nicht so schnell, und wir blieben diesen Tag und diese Nacht unterhalb des Saltos liegen. Hier wohnte ein Brasilianer mit seiner zahlreichen Nachkommenschaft in einem großen Gebäude, welches Wohnhaus, Zucker - und Farinmühle zugleich vorstellte. Diese Familie gehörte zu dem weitverzweigten Stamm der Pereiras. Das Oberhaupt davon lud unseren Oberbefeh1shaber mitsamt seiner Mannschaft zu einem kleinen Fandango zu heute abend ein. Schon vor Dunkelwerden füllte sich der ganze Raum nhada na expectativa de um feliz reencontro. Em pouco tempo, alcançamos o lugar combinado no Itapocu. O navio costeiro também já estava tentando chegar à Barra. Finalmente, conseguiu entrar no rio, e após uma curta parada continuamos rio acima. Daqui, levamos as canoas para continuarmos a viagem. Para cada canoa, foi designado um canoeiro responsável pela embarcação e carga. O navio costeiro teve de parar junto ao primeiro Salto. Toda bagagem precisava ser transferida para as canoas, mas isso não foi tão rápido. Permanecemos todo o dia e também a noite logo abaixo do Salto. Aqui morava um brasileiro com sua numerosa descendência em um grande rancho que servia como moradia, engenho de açúcar e moinho de farinha. Eles pertenciam à ramificada família Pereira. O patriarca convidou nosso supervisor, juntamente com seus subalternos, para um pequeno fandango nesta noite. Já ao anoitecer, o recinto foi tomado pelos moradores dos arredores, que vieram movidos pela curiosidade em ver tantos alemães. Óbvio que nenhum de nós faltou, as velas e as lamparinas espalhavam o clarão sobre uma sociedade bem mista. Era uma mistura de brancos, negros e amarelos, assim como na primeira apresentação de Barthel em Luiz Alves.

Todos usavam tamancos, sem os quais um fandango seria inimaginável entre os brasileiros de origem humilde. Na abertura da festa, foi servido um pouco de café forte bem doce, com alguns minúsculos biscoitos. Como de costume, dançava-se ao som de uma viola, tocada, alternadamente, por alguns jovens. Por enquanto, nós, pobres diabos, nos contentamos apenas em apreciar. O fandango não tem nada em comum com os alemães, aliás, esse nem era parecido com o fandango espanhol, seja pelos movimentos graciosos, seja pela expressão do rosto ou pelo acompanhamento musical. Nenhum de nós jamais havia participado de um fandango, o melhor era não participar, certamente teria sido um fiasco.

De repente, surgiu um convidado atrasado. Era um negro grande e muito forte, trazia uma harmônica debaixo do braço. Vestia uma camisa e calça branca. Tinha um lenço de seda colorido em volta de seu pescoço e em seus pés os indispensáveis tamancos. Foi recebido com júbilo: "Viva Manuelo, viva o grande músico!" ecoava de todos os lados. Altivo, dirigiuse até o pódio, sentou, tirou seu chapéu de palha de abas largas e preparouse para tocar. Estava vindo de Dona Francisca para visitar seus pais. Falava

mit den Bewohnern der Umgegend, die woh1 meistens die Neugier auf so viele Alemãos hierhergetrieben hatte. Natürlich fehlte auch keiner von uns dabei, und die vielen Talglichter und Tranlampen warfen ihren trüben Schein auf eine sehr gemischte Gesellschaft. Weiße, Schwarze, Gelbe, alles bunt durcheinander, gerade wie damals bei Barthels erstem Debut am Luiz Alves.

Alle hatten Tamanken an den Füßen, ohne die überhaupt ein Fandango unter den gewöhnlichen Brasilianern undenkbar ist. - Zur Einleitung des Festes gab es erst einmal Kaffee, sehr stark, sehr süß, sehr wenig und mit einigen winzigen Stückchen Gebäcks. Wie gewöhnlich wurde nach den Tönen einer Viola getanzt, die von den jungen Burschen abwechselnd gespielt wurde. Wir armen Teufel mußten uns vorläufig mit Zuschauen begnügen. Für einen Deutschen ist der Fandango nicht gemacht, der übrigens mit dem spanischen Fandango nicht die geringste Ähn1ichkeit hat, weder an graziösen Bewegungen, noch an lebhaftem Mienenspiel oder musikalischer Begleitung. Keiner von uns hatte jemals einen Fandango mitgemacht, und wir hätten hierein glänzendes Fiasko erlebt; also - lieber nicht!

Aber plötzlich erschien noch ein verspäteter Gast. Es war ein großer, wahrhaft herkulischer Neger mit einer Harmonika im Arm. Er trug ein schneeweißes Hemd und ebenso weiße Hosen. Um seinen Hals schlang sich ein großes buntseidenes Tuch, an seinen Füßen die unvermeidlichen Tamanken. Brausender Jubel empfing ihn: "Viva Manuelo, viva o grande músico!" so tönte es von allen Seiten. Der schritt sehr selbstbewußt auf das Musikantenpodium, setzte sich und lüftete nun erst lächelnd seinen großen, breitrandigen Strohhut und bereitete sich zum Spielen vor. Er war aus Dona Francisca hierher gekommen, um seine Eltern zu besuchen. Er konnte gut deutsch sprechen und überhaupt alle deutschen Tänze spielen. Das alles wußten wir natürlich noch nicht und waren erstaunt, als Manuelo plötzlich einen Straußschen Walzer intonierte und den Text auf Deutsch mitsang. Wir trauten unseren Ohren und Augen nicht, aber es war so - nun besannen wir uns nicht lange, sondern nahrnen die Gelegenheit wahr. Herzhaft wurden die Schönen von uns engagiert, und siehe da: es ging! Es ging wirklich und wahrhaftig, als hätten unsere Damen in ihrem Leben nie etwas anderes als Straußsche Walzer getanzt. - Dann kam wieder ein Stück Fandango, aber das Eis war nun gebrochen, und wir tanzten jetzt auch mit. Aber fragt mich nur nicht wie. Es war einfach herrlich. Aber noch schöner wurde es, als unser Chef sich empfahl...

Am anderen Morgen setzte sich unsere kleine Flotille in Marsch. Vorneweg das Flaggschiff mit dem Admiral und seiner Suite, geführt vom Kommandanten zur See Negrito Bazil. Dann folgten die Avisos, gut armiert und noch besser bem o alemão, além disso, tocava todas as danças alemãs. Naturalmente, não sabíamos nada disso, ficamos espantados quando repentinamente começou a tocar uma valsa de Strauss e ele se pôs a cantar em alemão. Nós mal pudemos acreditar em nossos ouvidos, tampouco em nossos olhos. Não vacilamos mais, aproveitamos a oportunidade e convidamos as beldades para dançar e vejam: conseguimos. Realmente, deu certo. Era como se as nossas damas nunca tivessem dançado outra coisa além das valsas de Strauss. Então, voltaram ao fandango; como o gelo havia quebrado, continuamos a dançar. Mas, não me perguntem como. Foi simplesmente maravilhoso e ficou muito melhor quando nosso supervisor se retirou...

Na manhã seguinte, nossa pequena frota seguiu caminho. À frente, o navio com a bandeira içada levando o Admiral e seu cortejo, conduzido pelo comandante Negrito Bazil. Seguiram os Avisos bem armados e com muitos suprimentos: sempre um atrás do outro. Era uma fila imponente, que poderia ter enfrentado alguns navios piratas. Os moradores brasileiros do Itapocu haviam descrito essa viagem como muito perigosa, como se o rio fosse uma corredeira só. Certamente, havia correntezas, mas já havíamos feito viagens bem piores ao longo do Itajaí. As margens do Itapocu ainda eram pouco habitadas, naturalmente por brasileiros. Alguns plantavam cana-de-açúcar e mandioca, no entanto, a maioria vivia da caça e pesca. De um modo geral, havia pouco plantio. Também não vimos muito gado. Em lugar nenhum havia casas boas como em Blumenau. A terra parecia mais fértil nas margens do rio, era um pouco mais elevada terra adentro onde a vegetação nativa indicava haver pântanos. Mais rio acima, os pântanos aparentemente desapareciam. Aqui terminava a colonização. Paramos um pouco acima da desembocadura do rio Jaraguá e levantamos um depósito de mantimentos. Lá, permanecemos durante algum tempo, porque a demarcação de terras começaria bem perto dali. Ao meu irmão foi destinada a parte superior das terras. Os dois pelotões se encontrariam no ponto mais próximo de Blumenau.

Foi tudo muito bem, enquanto pudemos navegar pelo Itapocu e seus afluentes maiores. Os vales dos rios eram planícies de terras férteis. A mata, no entanto, era um emaranhado de espinhos, lianas e bambus, desse modo, avançávamos lentamente abrindo a picada de demarcação. À medida que embrenhávamos pela mata, ela clareava, mas o trajeto em canoa também

verproviantiert, immer eins hinter dem anderen. Es war eine stattliche Reihe, die es schon mit einigen Piratenschiffen hätte aufnehmen können. Die Brasilianer am Itapocu hatten uns diese Fahrt so schlimm vorgestellt, als wäre der ganze Fluß eine einzige Stromschnelle. Es gab wohl auch Strömungen, aber wir hatten auf dem Itajahy schon ganz andere Fahrten gemacht. Der Itapocu war damals noch wenig bewohnt; natürlich von lauter Brasilianern. Einige bauten Zuckerrohr und Mandiok an, der größte Teil aber lebte von Fischfang und Jagen. Allgemein wurde nur wenig Ackerbau getrieben. Viel Vieh sahen wir nicht. Gute Häuser, wie wir sie in Blumenau gewohnt waren, sah man hier nirgends. Am Ufer entlang schien das Land besser zu sein und höher zu liegen als weiter nach hinten zu, wo der Pflanzenwuchs des Urwaldes Sumpfland anzeigte. Weiter flußaufwärts schien sich der Sumpf mehr und mehr zu verlieren. Aber hier hörte die Kolonisation ganz auf. - Etwas oberhalb der Mündung des Jaraguáflusses wurde Halt gemacht und ein Lebensmitteldepot angelegt. Hier blieben wir einige Zeit liegen, weil die Messungen ganz in der Nähe ihren Anfang nahmen. Mein Bruder bekam die obere Hälfte des Quadrates zugewiesen. In der Linie, welche Blumenau am nächsten lag, wollten die beiden Meßtrupps dann zusammentreffen.

Solange wir die Wasserstraße vom Itapocu und seinen großen Nebenbächen benutzen konnten, ging alles ganz schön. Die Flußtäler waren meist ganz eben und hatten durchweg gutes Land. Deswegen War aber auch der Wald hier so dicht verwachsen von Domen, Schlingpflanzen und Röhricht, daß wir nur langsam mit unserer Meßpikade vordringen konnten. Als wir aber damit weiter ins Innere kamen, wurde Zwar der Wald etwas lichter, aber jetzt hörte das Kahnfahren auf und die Buckelei fing an. Zudem stieg das Terrain immer mehr an, und zuletzt gerieten wir ganz und gar in die Ausläufer, Rippen, Abhänge und Schluchten der Sefra Geral oder der Serra do Mar hinein. Wir mußten über große Strecken abgeschürfter Felsenplatten, die manchmal noch schräg lagen und durch das Wasser, welches aus den Ritzen, Poren und Löchern der Felsen fortwährend herausfloß und - sickerte, so glatt waren wie ein richtiger Eisgletscher nur sein konnte. Ein Sturz wäre hier sicherer Tod gewesen; und doch mußten wir hinüber und hatten noch dazu das ganz Gepäck auf dem Buckel, das wenigstens seine 40 Kilogramm wog. Bei dem Transport der Lebensmittel hatten wir meistens nur eine Hand, denn Gegenstände wie Stativ, Axt, Gewehr usw.konnten wir nicht auf den Rücken schnallen. So mußten wir uns mit einer Hand an Wurzeln, Schlingpflanzen und Felsenzacken festhalten so gut es ging. Aber wir hatten Gottlob keinen ernsten Unfall zu verzeichnen. Nur unser guter Hannes machte einmal eine regelrechte Rutschpartie, die aber terminara e agora tudo precisava ser carregado nas costas. Além disso, o terreno se tornava íngreme e estávamos à beira de precipícios e desfiladeiros da Serra Geral ou Serra do Mar. Precisamos atravessar platôs de rocha desgastada, que muitas vezes eram íngremes e molhados pela água que vertia ininterruptamente pelas frestas, poros e buracos - eram tão escorregadios como se fossem geleiras. Uma queda teria sido morte certa, mas tínhamos que ultrapassar e tudo isso com a bagagem nas costas que pesava aproximadamente quarenta quilos. No transporte dos mantimentos, tínhamos apenas uma mão livre, pois não podíamos carregar cavalete, machado, espingarda etc. nas costas. Com a outra nos segurávamos da melhor maneira possível em raízes, cipós ou numa ponta de rocha. Mas, felizmente, não registramos nenhum acidente grave. Somente nosso querido Hannes escorregou sem sofrer maiores consequências. Ele deslizou alguns cem metros grota abaixo numa incrível velocidade; de cima não conseguimos ver o fundo, pois estava tomado pela vegetação. Corremos para socorrê-lo. Quando, finalmente, o alcançamos, nosso querido Hannes estava sentado, fumando tranquilamente seu cachimbo. Meu irmão lhe perguntou:

- Falta alguma coisa?
- Sim.
- O que é?
- O fundilho da minha calça.
- Ah, bem, esse estrago dá para consertar.
- Está bem, mas o meu assento está queimando que nem fogo.
- Ah, é por isso que ficaste sentado nessa grota fresca?
- Isso mesmo, me fez bem.

Nesse meio tempo, uma alma caridosa havia tirado a cueca e jogado para o desastrado. Hannes levantou e foi trocar-se atrás de uma moita. Quando voltou, mostrou sua calça esfarrapada, dizendo admirado: "Eu não sei como fechou tão depressa!" Um de nós lhe respondeu: "Hannes não está fechado, mas aberto!" Aí, todos caíram na gargalhada. É verdade, também a mata tem seu humor!

Finalmente pudemos demarcar o primeiro ângulo. Retornamos ao Itapocu, seguindo pelo lado direito deste. Respiramos aliviados ao alcançarmos o vale do rio. Um trabalho árduo ficara para trás. Eles atravessaram o rio e armaram as barracas na margem direita, aguardando a vinda das

glücklicherweise gut ablief. Er sauste einige hundert Meter in sitzender Stellung mit rapider Schnelligkeit einen steilen Abhang hinunter, dessen Grund wir von oben aus nicht sehen konnten, weil er von Gebüsch verdeckt wurde. Auf Umwegen eilten wir ihm zu Hilfe. Als wir unten ankamen, saß mein lieber Hannes noch immer auf dem Boden und rauchte ganz gemütlich seine Pfeife. "Fehlt dir was?" fragte ihn mein Bruder. "Jo!" -"Was denn?" -"Min Hosenboden". - "Ach so! Nun, der Schaden ist noch zu kurieren". - " Jo, aber min Achterdeel brennt mi as höllsch Füer". - " Aha, deswegen bist du wohl hier in der kühlen Grotte sitzen geblieben?" - "Jawoll, dat teit mi gaut".

Unterdessen hatte eine mitleidige Seele die Unterhose ausgezogen und dieselbe dem Verunglückten zugeworfen. Hannes stand nun auf und verzog sich rückwärts hinter einen Busch, um sich umzuziehen. Als er wieder zum Vorschein kam und uns seine zerfetzte Hose zeigte, sagte er verwundert: "Ick weit doch gar nicht, wo dat so rasch taugahn kunn!" Als dann einer von uns darauf erwiderte: "Hannes, das ist gar nicht zu-, sondem aufgegangen! ", da brachen wir alle in lautes Gelächter aus. - Ja, auch der Wald hat seinen Humor!

Endlich konnten wir die erste Eckmarke setzen. Im rechten Winkel ging es jetzt wieder dem Itapocu zu. Als wir ins Flußtal kamen, atmete jedermann erleichtert auf. Ein saures Stück Arbeit lag hinter uns. Sie überquerten den Fluß, und auf der anderen Seite - dem rechten Ufer- wurden die Zelte aufgesch1agen und neue Lebensmittel erwartet. Ein paar Tage vorher schon hatte mein Bruder mich und Wilhelm Bütchen nach dem Depot quer durch den Wald geschickt, damit wir mit dem Kahn Proviant nach der Stelle brächten, wo er lagern wollte. Bütchen war ein durchaus zuver1assiger Kamerad, wie man ihn sich nicht besser wünschen konnte. - Mein Bruder hatte nur eine Tagereise bis zum Depot gerechnet, und deshalb bekamen wir nur eine handvoll Farin und etwas Salz mit auf den Weg. Wir hatten uns aber heimlich noch einen kleinen Blechtopf und ein bischen gemahlenen Kaffee besorgt. Unterwegs haben wir uns noch ein Guti und ein Waldhuhn geschossen, um unsere schmale Verpflegung aufzubessern. Abends haben wir die Beute am Lagerfeuer am Spieß gebraten. Dann Iegten wir uns ums Feuer und schliefen wie die Murmeltiere. -Am andem Morgen hatten wir kein Farin mehr und nur noch den abgelaugten Kaffeesatz. Ein zweiter Aufguß war unser ganzes Frühstück. Erst gegen Mittag kamen wir am Depot an. Unterwegs waren wir noch von einer großen Schlange aufgehatten worden, die zusarnmengerollt auf dem Waldweg lag und in die wir beinahe buchstäblich hineingerannt wären. Wie ein gewaltiger Klumpen lag sie vor uns. Wir sahen aber weder Kopf noch Schwanz von dem ungeheuren provisões. Alguns dias antes, meu irmão os mandara a mim e Wilhelm Büttchen, através da mata, e as trouxemos de canoa até o acampamento. Büttchen era realmente um companheiro excepcional e confiável. Meu irmão havia calculado uma distância de apenas um dia até o depósito, por isso, recebemos somente um pouco de farinha e sal para a jornada. Mas, pegamos às escondidas uma lata com um pouco de pó de café. Pelo caminho, abatemos alguma caça, para melhorar nosso minguado suprimento. À noite, a assamos no espeto. Então, deitamos perto do fogo e dormimos profundamente. Na manhã seguinte, não tínhamos mais farinha, sobrara apenas a borra do café, na qual pusemos água quente. Este foi todo o café matinal. Chegamos ao depósito somente perto do meio-dia. Durante a caminhada nos deparamos com uma cobra muito grande, quase tropeçamos nela. Ela estava enrolada, mais parecia um monte, não se via cabeça, nem cauda. Demos a volta, deixando-a tranquila. O brasileiro chamava-a de cobra fria. Até pode ser que o nome lhe cabe, pois à vista dela ficamos gelados, eu fiquei arrepiado e Büttchen muito pálido. Se pensarmos sobre a maneira miserável de morrer na mata, por causa desses bichos terríveis, onde não existe socorro, então é compreensível que mesmo o mais ousado mateiro se assuste com algo assim. À tarde, arrumamos tudo no depósito para partirmos de manhã bem cedo. Quando amanheceu, já havíamos caminhado alguns quilômetros. Ao chegarmos ao acampamento do meu irmão, uma vara de porcos do mato atravessava o rio em direção das barracas. Naturalmente foram bem-vindos. Somente alguns foram abatidos com espingarda, os outros, enxotados rio abaixo com gritaria, paus e pedras. Passamos com a canoa no meio da porcada, teria sido fácil abater alguns, mas meu irmão fez sinal para não o fazermos. Já havia o suficiente na praia. Agora tínhamos o que comer por algumas semanas.

Inexplicavelmente, ainda não havíamos percebido a presença de bugres ou onças. Apenas uma vez, encontramos sinais dos selvagens num banco de areia, onde haviam afiado suas armas. Quando havíamos atravessado o vale do rio, avistamos os altos morros e, mais uma vez, iniciamos a escalada. Quase todos os dias mudávamos de lugar e erguíamos um novo acampamento. Antes do amanhecer, tomávamos o café da manhã. Cada qual precisava alimentar-se o tanto para agüentar o dia, pois muitas vezes, somente teríamos o que comer à noite. O trabalho precisava ser rápido por

Reptil, das uns zu unserem Schrecken den Weg versperrte. Wir wagten nicht auf die Schlange zu schießen, weil wir den Kopf nicht sahen. Wir ließen sie also ruhig liegen und schlichen in einem großen Bogen um sie herum. Der Brasilianer nennt diese Schlange "cobra fria", das heißt kalte Schlange. Na ja, mag schon der richtige Name sein, denn bei ihrem Anblick ist uns beiden recht kalt geworden; ich verspürte so etwas wie eine Gänsehaut, und Bütchen sah sehr bleich aus. Wenn man bedenkt, wie elend man im Wald, wo keine Hilfe möglich ist, durch solch ein entsetzliches Tier umkomrnen kann, so wird man es begreit1ich finden, daß auch behelzte Waldläufer davor erschrecken können. Wir machten an diesem Nachmittag im Depot alles zurecht, um am anderen Morgen ganz früh aufbrechen zu können. Als es dann Tag wurde, hatten wir schon einige

Kilometer zurückgelegt.

Als wir am Lagerplatz meines Bruders ankamen, setzte gerade ein großer Trupp Wildschweine über den Fluß, die durchaus an der Stelle landen wollten, wo die Zelte standen. Natürlich wurden sie warm in Empfang genommen. Nur einige wurden geschossen, die übrigen mit Knüppeln, Steinen und Stangen und heillosem SpektakeI flußabwärts gejagt. Wir fuhren mit unserem Kahn mitten durch die schwimmende Herde und hätten leicht noch eine Menge von ihnen töten können, aber mein Bruder winkte ab. Sie hatten schon genug Schweinemes auf der Sandpraia liegen. - Nun hatten wir wieder für einige Wochen vollauf zu essen.

Von Bugem oder Tigem hatten wir bis jetzt merkwürdigerweise noch nichts gemerkt. Nur ein einziges Mal trafen wir auf einer Sandsteinbank eine Stelle, wo die Wilden ihre Waffen gewetzt hatten. - Als wir auf dieser Seite das FlußtaI durchsclmitten hatten, saßen wir wieder in den hohen Bergen, und die alte Kletterei begann von neuem. Fast jeden Tag mußte umgezogen und ein neues Lager aufgeschlagen werden. - Morgens, wenn es noch dunkeI war, gab es Frühstück. Jeder mußte seinen Magen so vollstopfen, daß er den ganzen Tag über aushalten konnte, denn oftmals bekamen wir erst abends wieder etwas zu essen. Der LebensmitteI halber mußte die Arbeit forciert werden: denn es war in diesen Bergen keine Kleinigkeit, hier Proviant zu transportieren. Ganz abgesehen von den Kosten, war es eine Menschenschinderei, aber es ging halt nicht anders. Wir sahen das auch ein und taten unser Möglichstes, um schnell mit der Arbeit fertig zu werden. Manchmal waren wir so abgehetzt, daß wir uns auf unser Lager warfen und vorläufig gar nicht ans Essen dachten. Da schliefen wir erst eine Weile und schlugen dann aber eine ordentliche Bresche in den steifen Bohnenpirão und verschonten dabei den Ieckeren Spießbraten gewiß nicht. Ein echter Waldläufer muß eben Freß - und causa dos mantimentos; aqui, nesses morros não era brincadeira transportálos. Era uma judiação, mas não tinha outro jeito, tudo isso sem considerar as encostas íngremes. Isso nós compreendemos e fazíamos o possível para terminar rapidamente o trabalho. Muitas vezes, estávamos tão exaustos, que nos atirávamos nas camas e nem pensávamos em comer logo. Dormíamos durante um tempo e então nos lançávamos sobre o pirão de feijão duro e também não desprezávamos a carne de espeto. Um verdadeiro mateiro precisa ser um malabarista: ser tanto um comilão, quanto saber passar fome, senão é melhor ficar com a sua mãe. Após o café, as tendas eram desmontadas, toda bagagem empacotada; no inicio era muito pesada, mas a cada dia que passava, tornava-se mais leve. Quando tudo estava pronto, cada qual colocava a mochila nas costas. À voz de comando "avante!", a coluna se punha em movimento, precedida por meu irmão, com suas longas pernas de mateiro, as quais já haviam suportado muitas caminhadas pela mata virgem. Nós também conseguíamos caminhar muito bem, mas com este daí, obrigado! Logo atrás dele iam os melhores andadores, depois a maioria e, por fim, os retardatários. O último, normalmente, era o pobre diabo do cozinheiro, pois era o que mais tinha a fazer. Ninguém podia ultrapassar o companheiro da frente ou sair da fileira sem motivo. Se precisássemos descansar, meu irmão é que dava o sinal, assim como para a partida. No caso de alguém precisar fazer suas necessidades, todos aguardavam em silêncio até que a pessoa estivesse pronta e enfileirada. Assim, íamos todos os dias até o lugar onde o trabalho findara no dia anterior. Então tudo era descarregado. O grupo de homens, escalados para o trabalho, ia à frente em direção da picada de demarcação a fim de procurarem um lugar adequado para o acampamento; ao mesmo tempo abriam uma picada estreita para buscar os alimentos. Após levantarem as tendas e tudo estar em ordem, esse grupo precisava seguir em frente para ajudar os outros, trabalho este já iniciado por meu irmão com os demais homens. Às vezes, precisávamos levantar o acampamento quando voltávamos do trabalho, pois nem sempre se encontrava um lugar adequado para acampar.

O cozinheiro era quem mais trabalho tinha. Na mudança de um acampamento para outro ele precisava carregar todos os utensílios de cozinha. Estes eram de folha e encaixados um no outro. Os pratos e tigelas eram colocados dentro das panelas avulsas. Além disso, Cornelius precisava coHungerkünstler zugleich sein, sonst ist es besser, wenn er bei Muttem bleibt. War das Frühstück beendet, so wurden die Zelte abgebrochen, sämtliche Bagage in Bündel oder Lasten gepackt, die zu Anfang immer sehr schwer, mit jedem Tage aber leichter wurden. - Wenn alles fertig gepackt war, nahm jedermann seinen Huckepack, der wie ein Tornister getragen wurde. Auf das Kommando: "Los!" setzte sich die ganze Kolonne in Bewegung, voran mein Bruder mit seinen ewig Iangen, patentierten Waldläuferbeinen, die schon so manchen Dauerlaufim Urwald ausgehalten. Na, wir anderen konnten im Laufen auch etwas leisten, aber mit dem dadanke schön! Gleich hinter ihm folgten die besten Fußgänger, dann kam in unregelmäßigen Abständen das Gros mit der Nachhut angetrottelt. Der Allerletzte war gewöhnlich der arme Teufel von Koch, weil er regelmäßig am längsten zu tun hatte. - Keiner durfte den anderen vorbeilaufen oder ohne Grund aus der Reihe treten. Sollte geruht werden, so gab mein Bruder das Zeichen dazu, ebenso wieder zum Aufbruch. Mußte einer abseits gehen, so standen alle still, bis der Mann seine Notdurft verrichtet hatte und wieder in Reih und Glied stand. In dieser Ordnung ging es jeden Tag bis an den Endpunkt der Arbeit des vorigen Tages. Hier wurde alles wieder abgeladen. Die eingeteilte Mannschaft ging nun in der Richtung der Meßpikade voraus, um wieder einen geeigneten Lagerplatz zu suchen, und öffnete dabei eine schmale Laufpikade, auf der dann die Sachen nachgeholt wurden. Hatte diese Abteilung dann die Zelte aufgeschlagen und alles in Ordnung, so mußte sie den anderen nachkomrnen und in der Meßpikade noch mithelfen, die mein Bruder mit den übrigen Leuten wieder aufgenommen hatte. Manchmal kam es aber auch vor, daß wir noch mit Lager machen mußten, wenn wir von der Arbeit kamen; denn nicht immer fand sich gleich ein passende Stelle, wo wir campieren konnten.

Bei allen diesen Arbeiten hatte es der Koch am schwersten. Bei dem Umziehen mußte er sämtliches Kochgeschirr tragen. Dieses war sämtlich aus Blech hergestellt und so eingerichtet, daß imrner ein Topf in den anderen paßte. Die Blechteller und Schüsseln paßten wiederum in die einzelnen Töpfe. Außer dem Kochen mußte Comelius noch für den Kommandanten flicken, schustem und waschen. Seine Kocherei dauerte bis in die späte Nacht hinein, um drei Uhr morgens mußte er schon wieder an das Frühstück denken. Wenn es schlimm kam, wurde ihm freilich ein Gehilfe zugeteilt, aber es blieb doch immer ein schlechter Posten, zumal bei Regenwetter. Comelius war ein sehr guter Koch. Aber bei Regenwetter verging ihm doch die Lust, unter Gottes freiem Himrnel zu kochen. Das schlimrnste war eben, daß wir jeden Tag - mit wenigen Ausnahmen -umziehen mußten; ob es regnete oder nicht, vorwärts mußte es gehen.

zinhar, remendar, bancar o sapateiro e lavar a roupa para o comandante. Ele cozinhava até altas horas da noite; às três da madrugada já precisava se preocupar com o café. Quando o trabalho era demais lhe destinavam um ajudante, mas era um cargo muito ruim principalmente quando chovia. Cornelius era um bom cozinheiro. No entanto, com chuva, ele perdia a vontade de cozinhar a céu aberto. O pior de tudo era que precisávamos mudar diariamente de acampamento com raras exceções, com ou sem chuva tínhamos de avançar.

Numa ocasião, fomos obrigados a dormir a céu aberto, pois nos encontrávamos sobre uma rocha à beira dum precipício, onde não era possível armar tenda. Dormir, nem pensar, pois a pedra era escorregadia e só podíamos ficar sentados bem juntos, porque bastaria um movimento descuidado para fazer-nos cair no precipício. Nessa noite inesquecível, choveu! Aglomerados, debaixo das cobertas, deixamo-nos molhar. Nossos dentes batiam como os dos porcos do mato quando incitados. Na manhã seguinte, estávamos tão duros quanto octogenários, mas logo recuperamos a agilidade quando uma parte do morro desabou a poucos metros de onde estávamos, interrompendo nossa passagem. Descemos por desvios e chegamos ao vale onde encontramos um lugar adequado para acampar. Assim era nosso dia-a-dia e isso durante meses. Tudo corria bem com tempo bom, mas com a chuva sofriam: nossa saúde, as provisões, nossa vestimenta e as armas. A picada foi aberta bem larga e demarcada de tal modo que, com certeza, ainda hoje em dia pode ser encontrada. Isso continuou assim até que pudemos erguer, pela segunda vez o marco no ângulo superior. Agora deveríamos executar a linha final, até encontramos o Sr.Odebrecht, que estava avançando com o trabalho em nossa direção. Esse trecho era o mais penoso. Eram morros íngremes cobertos com pedras soltas, tanto que os trabalhadores da frente temiam que os companheiros que estavam mais atrás pudessem ser atingidos, machucados ou até mortos. Não havia como desviar nestas encostas onde os trabalhadores precisavam segurar-se com uma mão, enquanto cavavam a picada com a outra. Avançávamos devagar e com muito cuidado. Aqui esmoreciam e falhavam os bons mateiros, apenas três o conseguiram. Até meu irmão, que sempre servia de exemplo, perdeu seu humor e ânimo. Hannes dizia: "Isso é loucura, aqui se acaba morrendo pelas pedras". Mas, do que adiantava? Enquanto ainda podía-

Einmal mußten wir auf dieser Reise ohne Zelte schlafen, weil wir uns an einem steilen Abhang auf einer schmalen Felsenplatte befanden, wo an zelten nicht zu denken war. An schlafen war ebenfalls nicht zu denken, weil wir auf unserem glatten Präsentierteller nur eng zusammengedrückt sitzen konnten und bei der geringsten unvorsichtigen Bewegung in den Abgrund gestürzt wären. In dieser unvergeßlichen Nacht regnete es auch noch! Wir hockten unter unseren Decken alle auf einem Klumpen und ließen uns naßregnen. Dabei klapperten wir rnit den Zähnen wie die Wildschweine, wenn sie gereizt werden. Am Morgen nach dieser schrecklichen Nacht waren wir so steif wie achtzigjährige Greise, wurden aber bald sehr gelenkig, als keine 20 Armlängen vor uns ein Bergrutsch niederging und uns den Weg versperrte. Auf Umwegen mußten wir ins Tal hinunterklettem, wo wir endlich einen geeigneten Lagerplatz fanden.- In dieser Weise ging es jeden Tag monatelang fort. Bei gutem Wetter ging alles gut, aber bei Regenwetter litten unsere Gesundheit, unser Proviant; unsere Kleidung und Waffen gar sehr. Die Pikade selbst wurde sehr breit aufgehauen und dermaßen markiert, daß sie wohl heute noch ilberall zu finden ist. Das ging so lange, bis wir zum zweiten Male die Eckmarke an der oberen Linie setzen konnten. Nun hatten wir die letzte, die Schlußlinie durchzuführen, bis wir auf Herrn Odebrecht stießen, der uns entgegenarbeitete. Diese Strecke war die beschwerlichste von allen. Steile Berge, mit Rollsteinen bedeckt, so daß die vorderen Arbeiter in Angst leben mußten, ihre Hintermänner mit herabrollenden Steinen zu verletzen oder gar zu töten. An ausweichen war nicht zu denken an diesen steilen Hängen, wo die Pikadenhauer sich rnit einer Hand festhalten und rnit der anderen hauen mußten. Nur sehr langsam und rnit der größten Vorsicht konnten wir vordringen. Hier verzagten und versagten die guten Waldläufer, bis auf drei - selbst mein Bruder, der immer mit gutem Beispiel voranging, verlor seinen Humor und ließ die Ohren gewaltig hängen. - "Dat is tau dull", sagte Hannes, "hier schmiet se een mit Steine dotig." - Aber was half 's. Solange wir noch krabbeln konnten, mußten wir versuchen, vorwärts zu kommen. Zu guter Letzt wurden uns die Lebensmittel wieder knapp. Hier in den steilen Hängen und tiefen Abgrüden konnten wir auch nicht jagen. Also mußte Bruder Karlemann rnit noch einem Kameraden wieder los, um Lebensmittel nachzuholen.

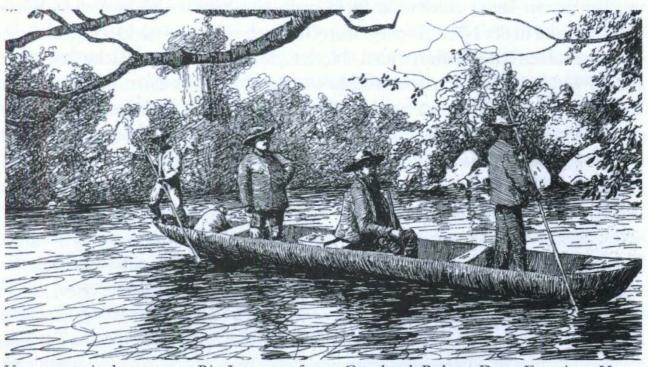
Vor uns schnitt gerade ein größerer Bach das Felsengebirge. Wenn wie diesem hätten folgen können, so würden wir noch am selben Tag das Depot erreicht haben. Aber wir mußten leider wieder die ganze Linie zurücklaufen, weil wir das Canô mitnehmen sollten, welches wir am Itapocu - dort, wo unsere Linie den Fluß schnitt - hatten liegen lassen. Mit mir ging ein Brasilianer, Chico Lageano genannt; eigentlich

mos engatinhar, precisávamos dar um jeito de ir em frente. Por fim, nossos mantimentos escassearam. Não era possível caçar nestas encostas íngremes com precipícios. Por isso, o irmão Karlemann e mais um companheiro tiveram que buscar mantimentos.

Um riacho cortava a montanha bem à nossa frente. Se pudéssemos ter acompanhado seu curso, teríamos alcançado o depósito ainda hoje. Infelizmente tivemos de retornar pela linha demarcada, pois precisávamos levar a canoa que havíamos deixado no Itapocu, lá onde nossa linha atravessava o rio. Comigo ia um brasileiro chamado Chico Lageano, seu verdadeiro nome era Francisco Leite, mas, como ele era de Lages, deram-lhe este apelido. Chico era covarde e preguiçoso, tanto quanto grande e forte. Como ele estava se sentindo adoentado, eu deveria deixá-lo no depósito e substituí-lo por dois outros trabalhadores alemães. Naquele dia, queríamos chegar ao local onde havíamos deixado a canoa, mas conseguimos ir somente até o vale do rio; pernoitamos dois quilômetros antes do ponto de chegada. Como tínhamos levado carne já assada e o tempo estava bom não era necessário levantar um rancho, nem ascender o fogo. Mas Chico não concordou. Agora, o "doente" preguiçoso repentinamente ficou ativo. Ele foi sozinho buscar uma porção de madeira e construiu o rancho, cobrindo-o com arbustos. Admirei-me com todo este empenho, mas logo fui esclarecido. O fogo era para afastar tigres e porcos do mato, o rancho fechado para aparar as flechas dos bugres. Fiquei olhando calmamente sem mexer um dedo. Quando ele terminou, deu seis tiros seguidos com sua pistola, a fim de assustar os bugres e onças, como disse. Após ter comido o resto da carne assada em companhia do "doente", fui deitar e adormeci em seguida. Chico ficou sentado junto a meus pés, fazendo a vez de sentinela. Depois de um tempo, o sabichão me acordou, dizendo que agora eu deveria fazer a guarda. Expliquei-lhe claramente que não tinha nenhuma vontade para inverter os papéis e permaneci deitado. Chico levantou, xingou veementemente e retomou a guarda. Eu não sei mais quanto tempo levou, fui acordado com gritaria. "Estamos perdidos! Estamos perdidos!", berrava Chico ininterruptamente. Ele estava ao relento. Fui o mais rápido que pude para junto dele. Eu já o estava vendo entre dentes e garras de um tigre. Mas o grandalhão estava seguro entre dois galhos de um pé de araçá vermelho. Sua pistola e seu fação estavam jogados ao pé do tronco. Ele jogara suas

hieß er Francisco Leite, aber weil er aus Lages stammte, hatten sie ihm diesen Beinamen gegeben. Chico war ebenso feige und faul wie groß und stark. Weil er sich krank fühlte, sollte ich ihn im Depot gegen zwei deutsche Arbeiter austauschen. - Wir wollten an diesem Tage noch bis an die Stelle gelangen, wo wir unseren Kahn am Itapocu auf dem Lande liegen hatten, erreichten abernur das Flußtal und mußten zwei Kilometer davor übernachten. Da wir schon fertig gebratenes Fleisch mitgenommen hatten und das Wetter gut war, so wären weder Feuer noch Rancho für die Nacht nötig gewesen. Aber Chico tat es da ohne nicht. Nun wurde der Faule und "Kranke" auf einmal fleißig. Er schleppte ganz allein eine Menge Holz zusammen und baute ein Rancho, das er überall mit Büschen verdeckte. Ich wunderte mich tiber seinen Eifer, sollte aber bald darüber aufgeklärt werden. Das Feuer sollte die Tiger und Wildschweine, das dichte Rancho aber die Pfeile der Buger abhalten. Ich sah ihm ganz ruhig zu und rührte keinen Finger. Als er fertig war, schoß er seine Pistole sechsmal hintereinander ab, "um den Bugern und Tigern Furcht einzujagen", wie er sagte. Nachdem ich mit dem "kranken" Mann den letzten Rest des Spießbratens verzehrt hatte -, legte ich mich aufs Ohr und schlief sofort ein. Chico aber sass zu meinen Füßen mit der Pistole und spielte meine Ehrenwache. - Nach einer Weile weckte mich der schlaue Chico: ich sollte nun wachen. Ich machte ihm aber sehr deutlich k1ar, daß ich durchaus keine Lust verspürte, die Rollen zu vertauschen, und blieb ruhig liegen. Unter gewaltigem Fluchen kroch Chico wieder von seinem Lager herunter und nahm seinen alten Posten ein. - Ich weiß nicht, wie lange es gedauert, aber auf einmal weckte mich ein fürchterliches Geschrei wieder auf. - "Somos perdidos! Somos perdidos! " schrie Chico unaufhörlich. Er befand sich draußen im Freien. So schnell ich konnte, stürzte ich hinaus, um Chico beizuspringen. Ich sah ihn schon zwischen den Zähnen und Krallen eines Tigers. Aber der große Schlaks saß wohlgeborgen auf einem roten Araçá -Baum zwischen zwei großen Ästen und hielt sich mit beiden Händen am Stamme fest. Seine Pistole und sein langes Waldmesser lagen unten am Stamm. Er hatte seine Waffen abgeworfen, um besser klettem zu können. Seine langen Beine reichten fast bis auf den Boden. Bei dem hellen Feuer konnte ich sein angstverzerrtes Gesicht deutlich sehen.- "Duhast wohl wieder Gespenster gesehen?" schrie ich hinauf. -"Não, não", wimmerte er kläglich, "es kommt eine ganze Truppe Schweine. Der Wald ist voll von ihnen!"

Zunächst hörte ich noch nichts von den schwarzen Borstenviechern. Aber Chico schwor, daß sie kämen. "Na", sagte ich spottend, "da mußt du aber noch ein gutes Stück höher. Die Schweine können dir ja noch an die Beine springen". - armas para melhor escalar. Suas pernas quase tocavam o chão. Eu conseguia ver seu rosto apavorado ao clarão do fogo. Berrei: "Viste outra vez fantasmas?" – "Não, não", respondeu choramingando, "uma vara de porcos está vindo, o mato está cheio deles."



Uma travessia de canoa no Rio Itapocu - fonte: Gernhard, Robert. Dona Francisca, Hansa und Blumenau. Breslau. Schlefische Verlags = Unstalt v.S. Schottlaender 1901.p.361.

A princípio, não escutei nada. Mas, Chico jurou que viriam. Ironicamente, eu disse: "Bem, então precisas subir mais um pouco, pois os porcos podem pular em tuas pernas". Imediatamente, ele subiu um pouco mais e pôs-se a choramingar. Pedia ajuda a todos os santos. De repente, ele ficou bem quieto, atento à escuridão. Agora, também eu escutava o ruído tão conhecido de uma vara de porcos. Parecia um trovejar longínquo, aos poucos se tornava mais intenso. Primeiro até parece mais um grunhido do que um ronco, mais de perto é como se houvesse uma grande fogueira dentro de uma árvore. Até agora, eu nunca havia me deparado com porcos à noite. Talvez estivessem em fuga, perseguidos por um ou mais tigres. Percebia-se que fugiam pela rápida aproximação, pelos grunhidos fortes e pelo nítido bater dos dentes. Muitas vezes, já me havia deparado com porcos do mato de dia sem ser atacado, mas, à noite, provavelmente seria diferente. Parecia que esse grupo estava muito agitado e raivoso. O melhor a fazer era juntarme a Chico. Antes disso, os indesejáveis hóspedes já estavam ali. A manada

Sofort kletterte er noch eine Etage höher und fing nun laut an zu jammern. Er rief alle Heiligen um Hilfe an. Auf einmal wurde er ganz mäuschenstill da oben und lauschte in die Finsternis. - Jetzt hörte ich wirklich das mir so wohlbekannte Geräusch einer herannahenden Herde von Wildschweinen. Erst klingt es wie femer Donner, welcher immer lauter anschwillt. Es ist mehr ein dumpfes Brurnmen als lautes Grunzen, und in der Nähe gleicht es dem Geräusch einer sehr starken Flamme, die in einem hohlen Baumstamm wütet. - Noch hatte ich niemals des Nachts Schweine auf der Wanderung erlebt. Aber vielleicht wurden sie jetzt von einem oder mehreren Tigem gejagt und befanden sich auf der Flucht. Denn daß sie flüchtig waren, konnte man an ihrem schnellen Herannahen, an ihrem heftigen Gebrumme und an dem wütenden Zähneklappen deutlich genug vemehmen. Schon oft war ich am Tage in eine Herde Wildschweine geraten, ohne daß sie mich angegriffen hätten, aber des Nachts lag die Sache doch wohl etwas anders. Auch war dieser Trupp offenbar sehr aufgeregt und wütend. Das beste war wohl, ich bäumte auch aufund zog bei Chico mit ein. - Aber ehe ich noch meinen löblichen Vorsatz ausführen konnte, waren die ungebetenen Gäste schon da. Wie ein breiter, schwarzer Strom ergoß sich die ganze Herde über unseren Lagerplatz. Rücken an Rücken, mit wild funkelnden Augen und aufgesperrten Rachen, die sie von Zeit zu Zeit mit fürchterlichem Krachen zusamrnenschlugen, stürmten sie wutschnaubend daher. In einem Nu war das kleine Lager dem Erdboden gleichgemacht. Unser bischen Gelumpe, eine wollene Decke und für jeden eine Reservehose, fanden wirnachher in lauter kleinen Fetzen wieder. Das Schlimmste war aber, daß auch die Jagdtasche mit unserer Munition, einem kleinen Kompaß und einem Brief an Herrn Odebrecht, in dem wichtige Notizen für ihn standen, mit dahin waren.

Das alles geschah in wenigen Minuten. Ehe ich recht zur Besinnung kam, war schon alles vorüber. Ich stand bei dem plötzlichen Überfall zu meinem Glück nahe am Feuer. In meiner Angst ergriff ich einen mächtigen Feuerbrand und schwenkte ihn fortwährend um mich herum, so daß ich in einem wahren Feuerregen stand. Sehr wohl zu Mute war mir wirklich nicht dabei; ich hielt mich schon für verloren und wunderte mich sehr, als dann die Gefahr vorüber war, daß ich überhaupt noch ganzbeinig dastand. -"Carlos, Carlos!" ertönte jetzt eine Stimrne, die vom Himmel zu komrnen schien, "ainda estás vivo?" (Bist du noch am Leben?). Der alte Schelm regte sich schon wieder in mir und ich antwortete mit hohler Stimme aus voller Lunge in portugiesischer Sprache: "Nein, mein Herr Chico, ich bin mausetot!" - Ein kräftiger Fluch war die Antwort. Ich lachte laut und forderte ihn auf, von seinem Baum herunterzusteigen. -"Nicht für 100 Contos, mein Sohn, ich bleibe die

inundou nosso acampamento como uma correnteza negra. Vinham numa corrida desabalada, colados uns nos outros com os olhos faiscando e a boca escancarada, a qual, de tempo em tempo, fechavam com um ruído pavoroso. Num piscar de olhos, nosso pequeno acampamento estava no chão. O cobertor e as calças que tínhamos como reserva estavam em trapos. O pior de tudo é que também perdemos a mochila com a munição, um pequeno compasso e uma carta para o Sr. Odebrecht, que continha anotações importantes.

Tudo isso aconteceu em poucos minutos. Antes de me dar conta, tudo já havia passado. Felizmente, eu me achava perto do fogo. Atemorizado, peguei uma tocha e a balancei em minha volta, de maneira que me encontrei em meio a uma chuva de faíscas. Não me senti nada bem com isso. Quando o perigo havia passado, admirei-me que eu ainda estava inteiro. "Carlos, Carlos!", - mais parecia uma voz vinda do céu, - "ainda estás vivo"? O velho maroto já se manifestava de novo em mim e respondi em português com voz oca: "Não, meu Sr. Chico, estou mortinho da silva". Uma maldição foi a resposta. Comecei a rir alto e o convidei a descer da árvore. "Meu filho, nem por cem Contos. Ficarei a noite toda aqui em cima". Eu o preveni que poderia adormecer e cair, mas o sabido já se prendera com o cinto ao tronco, afirmando: "Eles vão voltar, eles vão voltar".

Os porcos não voltaram mais, em compensação haviam deixado outro bem mais perigoso para trás, que se anunciou com estardalhaço. O rugido de uma onça vindo de perto dá arrepios mesmo num homem corajoso, principalmente à noite, ainda mais quando não é possível ver de que lado a besta se aproxima pronta para o bote. Para mim a situação estava extremamente crítica, pois não podia contar com a ajuda de Chico. Nem sombra de minha pistola. Eu havia corrido para socorrê-lo apenas com um fação. Infelizmente havia deixado a pistola no rancho. No momento, a besta estava quieta. Provavelmente, rodeava o fogo, aguardando o momento certo para me atacar. Isso poderia acontecer a qualquer momento, no entanto, não perdi a cabeça e agi como é preciso num momento desses. Providenciei uma tocha e procurei minha pistola. Logo a achei, mas, os canos estavam tão cheios de terra que não a poderia usar nesse momento. Peguei a pistola descarregada de Chico, carreguei-a com a pólvora que tinha no polvorinho e coloquei a espoleta de minha pistola por cima. Também peguei o fação do Chico, este mais parecia uma espada pontiaguda e afiada. Procurei um luganze Nacht hier oben!"-Ich stellte ihrn nun vor, daß er einschlafen und herabstürzen würde, aber der Schlauberger hatte sich schon mit seinem Leibriemen festgeschnallt und meinte nur immer: "Sie kommen zurück, sie kommen zurück!"

Die Schweine kehrten zwar nicht wieder zurück, aber sie hatten dafür einen schlimmeren Gesellen zurückgelassen, der seine Nachbarschaft plötzlich sehr vernehmbar durch Gebrüll ankündigte. Das Gebrüll eines Tigers in unmittelbarer Nähe geht selbst einem mutigen Mann durch Mark und Bein, zumal in der Nacht, wenn man nicht sehen kann, von welcher Seite die Bestie zum Ansprung heranschleicht. - Für mich war die Situation äußerst kritisch. Von Chico hatte ich keine Hilfe zu erhoffen. Von meiner Pistole sah ich keine Spur. Ich war vorhin in der Eile mit blankem Facão Chico zur Hilfe geeilt und hatte die Pistole leider im Rancho stecken lassen. - Die Bestie war jetzt still. Wahrscheinlich umschlich sie das Feuer, um eine günstige Gelegenheit zu erspähen, mich anzuspringen. Das konnte jeden Augenblick geschehen. Dennoch verlor ich nicht den Kopf, sondem tat, was unter solchen Umständen das beste war. Ich besorgte mir zuerst einen tüchtigen Feuerbrand und suchte erst einmal nach meiner Pistole. Die fand ich auch bald, aber beide Läufe staken so voll Erde, daß ich sie jetzt nicht gebrauchen konnte. Ich ergriff Chicos abgeschossene Pistole, lud eine tüchtige Handvoll Pulver hinein, das noch in meinem Pulverhom stak, und legte die Zündhütchen von meiner Pistole darauf. Da Chicos Waldmesser aus einem langen Säbel bestand, der oben sehr spitz und zweischneidig war, so nahm ich auch diese Waffe an mich. Nun suchte ich mir einen Platz, wo ich wenigstens den Rücken gedeckt hatte, und erwartete ängstlich lauschend meinen Feind. - Nichts regte sich, weder Chico noch der Tiger. Nur das Feuer knisterte zuweilen, und von ferne tönte der unheimliche Ruf einer großen Waldeule. Ich hatte meine Sinne natürlich auf den Wald gerichtet und dachte nicht im entferntesten daran, daß sich der Tiger schon im Bereich des Feuerscheins befand. Ich hatte das Feuer zur linken Seite, aber so, daß mich kein Schein traf. Als ich mich zufällig umwandte, sah ich den Tiger hinter dem Feuer stehen, wie er unverwandt nach der Stelle schaute, wo ich mich befand. Im ersten Augenblick schrak ich zusarnrnen und fühlte ein Zittern in allen Gliedern. Aber es war nicht das erste Mal, daß ich eine Begegnung mit einem solchen Burschen gehabt hatte, und ich ermannte mich schnell wieder, hob die Pistole und schoß beide Läufe zugleich ab. Als der Pulverrauch verzogen war, sah ich keinen Tiger mehr. Schnell lud ich die Pistole wieder, hatte aber kein Zündhütchen. Ich konnte sie mit einem Feuerbrand abschießen, wagte aber nicht, in den Schein des Feuers zu treten. Während ich noch überlegte, ob ich es dennoch tun sollte, erschien der Tiger zum zweiten Male an derselben Stelle. Von

gar onde tivesse as costas protegidas e aguardei meu inimigo, sentindo muito medo. Nada se movia, nem Chico, tampouco o tigre. Somente o fogo crepitava e ouvia-se ao longe o chamado de uma coruja. Eu estava totalmente atento à mata, nem imaginando que o tigre pudesse estar nas imediações do fogo. Tinha o fogo à minha esquerda, mas de modo que o clarão não me atingisse. Quando me virei, vi a onça atrás da fogueira, olhando imóvel para onde me encontrava. No primeiro instante me assustei e senti minhas pernas tremerem. Não foi a primeira vez que me havia deparado com um bicho desses. Consegui me refazer, ergui a pistola e atirei com os dois canos a um só tempo. Quando a fumaça dissipou, não vi mais nenhuma onça. Carreguei a pistola depressa, não tinha mais espoleta para acendê-la. Eu poderia fazê-la funcionar usando fogo, porém não arrisquei aproximar-me dele. Enquanto pensava se deveria fazê-lo mesmo assim, a onça apareceu pela segunda vez no mesmo lugar. De lá ela não podia me atacar, pois eu estava na bifurcação de um tronco de figueira, portanto, protegido de três lugares. Ele só poderia vir de frente, mas seria muito ruim, pois havia muitas lianas que tornariam o salto inseguro. Eu sabia que um tigre ataca somente quando o caminho livre está, além disso, se falha na primeira não tenta a segunda vez. Tudo isso me deu coragem e observei muito bem a minha "vizinha". Esta onça não era das maiores, porém, suficientemente forte para acabar comigo. Afoita ela era, pois senão não teria se aproximado tanto da fogueira. Continuava a olhar-me, acho que não me via porque eu estava no escuro e ela no clarão da fogueira. Enquanto ela não mudasse de posição e a fogueira queimasse, não haveria perigo para mim. Porém, o fogo já estava bastante baixo, eu precisava de um jeito ou outro atiçá-lo para enxotar o bicho. Havia lenha suficiente, além disso, estava ao alcance e poderia atirá-la sobre o carvão. Eu não poderia permitir o fogo apagar, nem expôr-me na claridade. Como afastaria o "guarda-noturno" com boas maneiras?

Então percebi um barulho vindo do pé de araçá, seguido pelo som de galho quebrado, misturado com o berreiro de Chico. Ao cair, conseguiu segurar-se nos galhos de baixo. Seus pés estavam perto do solo. Ele tentou subir novamente, fazendo grande esforço, dependurado entre o céu e a terra. Eu não perdi a onça de vista em momento algum. Ao primeiro berro de Chico se pôs em fuga, escutei como se afastava aos pulos. Depressa, joguei

da aus konnte er aber nicht auf mich springen, denn ich stand zwischen der hohen Wurzelschere eines dicken Figueira - Baumes und war also von drei Seiten vollständig gedeckt. Nur von vorne konnte mich das Tier anspringen, und auch nur schlecht, denn hier hing ein Gewirr von Schlingpflanzen, welches ihm den Sprung unsicher machen mußte. Ich wußte aber, daß der Tiger nur springt, wenn er freie Bahn hat, und nie ein zweites Mal seinen Sprung wiederholt, wenn der erste mißlang. Das alles gab mir Mut, und ich sah mir den Herrn Nachbar erst einmal ordentlich an. Er war keiner von den größten, aber immerhin war er stark genug, um mit mir fertig zu werden. Frech genug war er auch, sonst hätte er sich nicht so nahe an das Feuer herangewagt. Seine Augen stierten noch immer zu mir herüber, aber er konnte mich wohl nicht sehen, weil er im Schein des Feuers, ich aber ganz im Dunkeln stand. Solange er seinen Platznicht veränderte und das Feuer brannte, war keine Gefahr für mich. Aber das Feuer war schon recht niedergebrannt, und ich mußte auf irgendeine Art versuchen, das gefährliche Tier zu verscheuchen, um das Feuer wieder in Gang zu bringen. Holz war noch genug da, auch lag es so günstig, daß ich es aus dem Dunklen auf die Kohlen werfen konnte. Ich durfte weder das Feuer ausgehen lassen, noch in den Lichtschein treten. Aber wie sollte ich den Nachtwächter da mit guter Manierfortbringen? Da ließ sich ein leises Geräusch im Wipfel des Araçá-Baumes hören, dem gleich ein lautes Krachen folgte, vermischt mit Chicos entsetzlichem Geschrei. Der kam von oben heruntergesaust; in den untersten Ästen hielt er sich noch fest. Seine Füße waren kaum fünf Handbreit von der Erde entfernt. Jetzt machte er die größten Anstrengungen, sich wieder empolzuschwingen, aber er blieb zwischen Himmel und Erde hängen. - Ich hatte keinen Augenblick den Tiger aus dem Auge gelassen. Gleich bei dem ersten Geschrei, das Chico ausstieß, wandte er sich zur Flucht. Ich hörte ihn deutlich mit großen Sätzen entfliehen. -Schnell sprang ich jetzt hervor, warf einen Haufen Holz auf das Feuer und wandte mich nach Chico um. "Laß dich fallen!" schrie ich ihm zu. Aber vor lauter Angstgebrüll hörte er mich nicht.

Ich ließ ihn hängen und begab mich wieder auf meinen sicheren Posten. Das Feuer brannte wieder hell auf und beleuchtete mit grellem Schein Chicos langen Unterkörper. Er zappelte unter beständigem Gebrüll wie ein Fisch an der Angel. - Nach einer Weile aber fiel er wie eine reife Frucht zur Erde nieder, sprang aber gleich wieder auf und rieb sich sein Hinterteil. Dabei sah er sich entsetzt nach allen Seiten um. Ich mußte laut auflachen und rief ihn zu mir, aber er wollte nicht kommen und meinte, er könne nicht gehen, weil ihm beide Beine und wenigstens drei Rippen gebrochen seien.

lenha na fogueira, olhei para Chico e gritei: "Deixa-te cair!" Mas, ele não escutou, devido ao seu berreiro.

Deixei-o dependurado e voltei ao meu lugar seguro. O fogo novamente estava queimando bem e iluminava Chico da cintura para baixo. Ele se debatia aos berros como um peixe no anzol. Passado um tempo, caiu tal fruta madura, levantou rápido e esfregou o traseiro. Olhava apavorado para todos os lados. Tive de rir e o chamei para vir até junto de mim, mas ele não quis, dizendo que não podia andar porque havia quebrado pelo menos as duas pernas e três costelas.

"Bem, então fica aí até a onça voltar e terminar contigo." Isso ajudou. De repente, Chico voltou a andar e com alguns pulos estava ao meu lado. Quando viu que estávamos mais ou menos seguros, desatou a insultar

o diabo do animal. Chegou a ponto de dizer, que o cortaria em pedaços com a espada, de modo a ninguém reconhecer o animal. A esperta onça deveria estar pensando algo assim, pois daí em diante nos deixou em paz... Logo ador mecemos com os facões na mão, encostados um no outro de tão cansados que estávamos e acordamos somente ao raiar do dia. Levantamos sobressaltados. A princípio nem sabíamos onde estávamos. Ao vermos a destruição à nossa volta, logo lembramos da aventura noturna. O fogo apagara, portanto havíamos dormido algumas horas: Fomos nos lavar num riacho próximo e procuramos, sem sucesso, por alguns objetos úteis no acampamento. Os porcos haviam destruído tudo. Dos cobertores e vestimentas, sobrou o tanto para usar como um lenço de cabeça para substituir o chapéu. O chapéu do Chico ainda estava pendurado no alto do pé de araçá. Como ele se cansara de subir na árvore, resolveu deixálo por lá. Seu cabelo encaracolado e



Um acampamento na floresta. (Fonte: Gernhard, Robert. Dona Francisca, Hansa und Blumenau. Breslau. Schlefifche Verlags = Unftalt v.S. Schottlaender 1901.p.364.

"Na ja", sagte ich, "dann halte dich man so lange auf, bis der Tiger wiederkommt und deinem Leiden ein Ende macht!" - Das half. Chico konnte mit einem Male wieder laufen und war mit ein paar Sprüngen bei mir. Als er sah, daß wir hier ziemlich sicher saßen, fing er an, das Teufelstier gräßlich zu verfluchen. Er vermaß sich hoch und teuer, wenn der Tiger wiederkäme, wolle er ihn mit seinem Säbel so verarbeiten, daß niemand mehr erkennen sollte, was für ein Tier es eigentlich gewesen sei. - Der schlaue Tiger mußte wohl so etwas ahnen, denn er ließ uns fortan ungeschoren... Wir aber schliefen bald, Rücken an Rücken gelehnt und mit den Waldmessern in der Hand, vor Müdigkeit so ein, daß wir erst wieder wach wurden, als es schon heller Tag war. Erschrocken sprangen wir fast gleichzeitig in die Höhe und wußten erst gar nicht, wo wir uns eigentlich befanden. Wir wurden aber bald bei dem Anblick des verwüsteten Platzes an unser nächtliches Abenteuer erinnert. Das Feuer war ganz niedergebrannt, also hatten wir doch noch ein paar Stunden geschlafen. Wir wuschen uns im nahen Bache und suchten vergebens den Lagerplatz nach noch brauchbaren Sachen ab. Die Schweine. hatten alles zerrissen. Von unseren Decken und Kleidem konnte ich gerade noch so viel retten, um mirein Kopftuch als Hutersatz zu machen. Chicos Hut hing noch oben im Araçá-Baum. Aber er war des Klettems überdrüssig und ließ ihn dort hängen. Sein zotteliger schwarzer Haarwust war ihm Bedeckung genug. Ohne Frühslück liefen wir los und kamen nach knapp einer halben Stunde an die Stelle, wo der Kahn Iag. Mit Mühe und Not schafften wir das schwere Ding ins Wasser des Itapocu und sausten dann wie in einem kleinen Dampfboot den Fluß hinunter und kamen noch beizeiten am Depot an.

Hier war eine Mannschaft stationiert. Chico ezählte nun aufschneiderisch von seinen nächtlichen Abenteuem. Aus dem einen Tiger wurden erst zwei, dann drei und zuletzt war das halbe Dutzend glücklich voll. Natürlich ist er spielend mit ihnen fertig geworden. Auch die Schweineherde hat er im Handumdrehen zu Hackfleisch verarbeitet. Ich spielte nur eine Nebemolle bei seinen maßlosen Aufschneidereien und sollte nur immer seine gräßlichen Lügen bestätigen. Ich tat ihm auch den Gefallen, weil ich doch recht gut wußte, daß ihm keiner Glauben schenkte. Innerlich war ich froh, daß ich den Prahlhans hier endlich los wurde.

Nach meiner Instruktion sollte ich außer den beiden deutschen Arbeitem Lebensmittel für ungefähr eine Woche mit dem Canô bis zu einem bestimmten Bache bringen, den mein Bruder weiter oberhalb schneiden mußte. Diesen sollten wir so weit wie möglich hinauffahren und die Lebensmittel in einem kleinen Rancho deponieren. Von dem Proviant sollten wir so viel Bohnen, Farin und Trockenfleisch mitnehmen, wie wir tiagen könnten, dann wieder das Boot an die Stelle bringen,

despenteado protegia o suficiente. Partimos sem tomar café e depois de meia hora chegamos ao local onde estava a canoa. Com muito esforço carregamos a pesada canoa até as águas do Itapocu, disparamos então rio abaixo e chegamos a tempo ao depósito.

Aqui um grupo de homens estava parado. Chico contou a nossa aventura noturna com exagero. Da onça ele fez duas, depois três e por fim completou meia dúzia. É claro, que ele deu jeito em todas com a maior facilidade. A vara de porcos ele também reduziu em picadinho num instante. Eu era apenas um coadjuvante em sua exagerada descrição, servia apenas para confirmar suas mentiras absurdas. Fiz-lhe este favor, porque eu bem sabia que ninguém acreditava naquilo que dizia. Intimamente, fiquei feliz em desfazer-me desse fanfarrão.

De acordo com as instruções que recebera, além dos dois trabalhadores alemães, também deveria levar as provisões, para uma semana, de canoa até um determinado riacho mais acima onde meu irmão teria de atravessar. Teríamos de subir o riacho o mais possível e depositar as provisões num pequeno rancho. Precisaríamos levar o máximo que pudéssemos de feijão, farinha e carne seca, voltar e deixar a canoa no mesmo local de onde a havíamos tirado e retornar pela linha demarcada o mais depressa possível, portanto fazer o mesmo caminho de volta que havia percorrido com Chico. Isso nem precisaria ter sido feito, se soubéssemos que meu irmão já atravessara o riacho onde depositáramos as provisões. Bastava subir o riacho e em algumas horas estaríamos junto das barracas. Como não sabíamos disso e precisávamos cumprir as ordens recebidas, levamos dois dias para alcançar meu irmão.

Eu carregava um saco de farinha nas costas, pois caminhava mais depressa que meus companheiros, tanto que venci alguns quilômetros a mais e assim precisei pernoitar sozinho. A terra mãe foi minha cama, o saco de farinha, meu travesseiro, a copa das árvores minha coberta. O jantar, farinha e um bom café. Trazia comigo somente um facão e uma espingarda de um cano, pois havia trocado minha pistola. Como não caçara nada durante o dia, tive de abster-me da carne de espeto. Na manhã seguinte, deixei a panela com um pouco de farinha e café para os companheiros que haviam ficado para trás, continuando minha caminhada. Eu havia percorrido mais ou menos uma hora quando tive um acidente ao descer um morro

wo es gelegen hatte, es aufs Land ziehen und so schnell wie möglich in der Linie nachkommen, also dieselbe Reise noch einmal machen, die ich schon mit Chico zurückgelegt hatte. - Das wäre nun gar nicht nötig gewesen, wenn wir gewußt hätten, daß mein Bruder den Bach, an dem die Lebensmittel lagen, bereits geschnitten hatte. Wir hätten nur diesen Bach hinaufgehen müssen, so wären wir in ein paar Stunden bei den Zelten gewesen. Da wir das aber nicht wissen konnten, so mußten wir die erhaltene Anweisung befolgen und benötigten zweieinhalb Tage, bis wir meinen Bruder wieder erreichten.

Ich hatte eine Last Farin auf dem Buckel und lief schneller als meine beiden Begleiter, so daß ich am ersten Tage einige Kilometer Vorsprung gewann und allein übemachten mußte. Mutter Erde war mein Lager, der Farinsack mein Kopfkissen, das Laub der Baumkronen meine grüne Decke. Mein Abendbrot bestand aus trockenem Farin, doch konnte ich mir in einer mitgenommenen blechemen Kaffeekanne einen guten Kaffee kochen. Als Waffe hatte ich nur eine einläufige Flinte, die ich gegen meine Pistole umgetauscht hatte, und mein Waldmesser bei mir. Da ich den ganzen Tag kein Wild zu schießen angetroffen hatte, mußte ich diesmal auf den erwünschten Spießbraten verzichten. - Am anderen Morgen ließ ich den Top fund etwas Farin sowie Kaffee für meine nachfolgenden Kameraden zurück und eilte wieder voran. Eine Stunde etwa mochte ich gelaufen sein, da passierte mir beimAbstieg von einem hohen, steilen Berg ein Unfall. Eine Wurzel, an der ich mich festhielt, riß aus der Erde und ich stürzte kopfüber in die Tiefe. Ich hätte mich halten können, aber der Farinsack rutschte mir über den Kopf und zog mich mit den Riemen, die noch an meinen Schultem fest waren, unaufualtsam mit sich fort. Unten am Fuß des Berges befand sich eine Grotte, durch die ein kleiner Bach rieselte, an dem sich eine Herde Wildschweine zur Tränke eingestellt hatte. Ich sauste mit meinem Farinbeutel mitten in die Herde hinein und fiel rücklings auf die Rücken zweier Schweine. Das war mein Glück, denn der ganze Bach lag voll großer Steine; aber zum Unglück platzte der Farinsack auf, und die beiden Borstentiere unter mir wurden nun hübsch weic gepudert. Darüber entsetzten sie sich so, daß sie eiligst die Flucht ergriffen; ihnen nach und zum Teil über mich weg die ganze Herde.

Da lag ich nun in der kühlen und etwas feuchten Grotte, halb betäubt und die Augen voll Farin, die Kleider voll Schmutz und zerrissen obendrein; doch spürte ich keine Schmerzen, raffte mich auf und wusch mir erst einmal die Augen aus, um mir den Schaden zu besehen. Der Farin war weg - bis auf einige Hände voll, die ich noch retten konnte. Meine Flinte, die ich die ganze Zeit krampfuaft festgehalten hatte, war verbogen und ganz voll Schmutz. Mein Waldmesser hatte ich mitsamt

alto e íngreme. Eu me segurava numa raiz quando esta se desprendeu e caí de cabeça lá no fundo. Até poderia ter-me segurado, não fosse o saco de farinha ter escorregado por cima de minha cabeça, puxando-me pelas alças que ainda estavam presas em meus ombros. Ao pé do morro corria um pequeno riacho, no qual uma vara de porcos do mato saciava a sede. Despenquei com o saco de farinha, caindo de costas no lombo de dois deles. Essa foi a minha sorte, pois havia muitas pedras no riacho, porém para azar meu o saco de farinha arrebentou, deixando os dois bichinhos branquinhos. Assustaram-se tanto que saíram em disparada, seguidos pelos demais. Uma parte da vara ainda passou por cima de mim.

Estava deitado meio atordoado na grota úmida, com farinha nos olhos, a roupa suja e rasgada. Pelo menos não sentia dor. Levantei-me, lavei os olhos para averiguar o estrago. A farinha estava perdida, com exceção de algumas mãos cheias que ainda pude salvar. A espingarda estava em ordem, porém bem suja, eu a havia segurado o tempo todo. Perdi o meu facão junto com a bainha. Que beleza! Apesar da desgraça, fiquei contente, pois os porcos debandaram depressa e meus ossos ainda estavam inteiros. O pior de tudo era chegar sem a farinha. Fiquei imaginando a cara do meu



Acampamento de medidores na floresta do grupo de Emil Odebrecht.

der Scheide verloren. Eine schöne Bescherung! - Froh war ich bei all dem Unglück doch, daß die lieblichen Schweinchen so schnell ausgezogen waren und ich noch heile Knochen hatte. Ohne Farin ankoinmen, war freilich das Schlimmste bei der ganzen Geschichte. Ich malte mir schon im Geiste das Gesicht meines Bruders aus, und den Text der Empfangsrede bei meiner Ankunft im Lager konnte ich mir ungefähr denken. - Aber was half alles Zittem und Zagen! Hier konnte ich nicht lange stehen bleiben, sonst hätte ich am Ende noch den Schnupfen bekommen in dem Kellerloch, zudem war der strenge Moschusgeruch, den die Flüchtlinge hinterlassen hatten, fast nicht zu ertragen. Also machte ich rnich auf und suchte erst einmal nach meinem Waldmesser, fand es auch glücklich ein Stückchen weiter oben wieder. Dann bog ich den Gewehrlauf vorsichtig wieder gerade, reinigte ihn, so gut ich konnte und nahm meinen Kurs wieder auf. Diesmal mit Ieichtem Buckel, aber schweren Herzens.

Zwei Stunden weiter sah ich von einem hohen Berge unten in einem kleinen Tale den Rauch von meines Bruders Lager aufsteigen. Ich brauchte bloß den Berg hinabzusteigen, so war ich bei ihm. Am Fuße des Berges standen die Zelte an einem Bache. Es war derselbe, an dem ich unten den Proviant gelassen hatte. Hier traf ich meinen Bruder mit allen seinen Leuten an. Ich wunderte mich im stillen, daß er nicht an der Arbeit war und befürchtete schon, er sei krank. Aber er rief mir schon von weitem zu: "Es geht nicht mehr weiter, wir müssen nach Hause. Ihr habt die Lebensmittel umsonst hergeschleppt!" - Keiner war darüber so froh wie ich, nicht weil es nach Hause ging, sondem weil ich keine Strafpredigt zu gewärtigen hatte. Ich wurde nun, nachdem sie mich alle ordentlich beguckt und ich meine Mütze voll Farin abgeliefert hatte, ganz gehörig ausgelacht. Noch mehr lachten sie aber, als ich meine Höllenfahrt zum besten gab, und der Spott dazu blieb natürlich nicht aus.

"Aber wo bleiben denn die beiden Nachzügler?" rief mein Bruder ungeduldig. "Ich stehe wie auf Kohlen. Wir müssen fort!" - Aber wir mußten wohl oder übel noch einige Stunden warten, bis sie herankan1en. Sie wurden von seiten unseres Kommandeurs gerade nicht sehr gnädig empfangen. Die Zelte waren schon längst abgebrochen und alles zum Abmarsch fertig. Also mußten die beiden armen Kerle gleich wieder weiter. Im Hurra ging es den Bach hinunter, immer was haste, was kannste; mancher Purzelbaum wurde heute geschlagen, aber es gingja nach Hause!

Unterwegs bekam ich auch zu wissen, warum mein Bruder die Linie aufgeben mußte. Gleich über dem Bach fing wieder so ein steiler Berg an, der mit losen Steinen wir besät war. Einer davon hatte das Meßinstrument getroffen und es unbrauchbar gemacht. Für meinen Bruder war die Sache äußerst peinlich, denn er irmão e a "recepção" de boas vindas ao chegar ao acampamento. Do que adiantava tremer e ficar desanimado! Aqui, eu não poderia ficar muito tempo, senão ainda iria me resfriar, além disso, o cheiro almiscarado dos fujões era insuportável. Levantei, procurei meu facão, felizmente o achei um pouco mais acima. Então endireitei cuidadosamente o cano da espingarda, limpei-a o melhor que pude e segui meu caminho. Desta vez sem o peso nas costas, mas... no coração.

Duas horas mais tarde, avistei do alto de um morro uma coluna de fumaça num pequeno vale, era o acampamento do meu irmão. Bastava descer o morro para chegar até ele. As barracas estavam armadas ao pé do morro, perto dum riacho. Era o mesmo onde deixara as provisões. Encontrei meu irmão com todos seus companheiros. Admirei-me que ele não estivesse trabalhando, temi que pudesse estar doente. Já de longe, ele disse: "Não é possível continuar, precisamos ir para casa, vocês trouxeram os mantimentos para nada". Ninguém ficou mais feliz do que eu, não porque teríamos de voltar para casa, mas, por não precisar ouvir um sermão. Todos me olharam espantados, e após entregar a touca com a farinha, riram demais de mim. Riram mais ainda quando contei o que acontecera, é lógico que debocharam.

"Mas, onde estão os dois retardatários?", perguntou meu irmão impacientemente. "Eu estou sobre brasas, precisamos partir". Porém, querendo ou não, fomos obrigados a esperar mais algumas horas até que eles chegaram. Não foram muito bem recebidos pelo nosso comandante. As tendas já estavam desarmadas e tudo pronto para a partida. Assim, os coitados tiveram de continuar logo a marcha. Com gritos de alegria descemos o riacho o mais que se podia, houve muitas cambalhotas, enfim, estávamos indo para casa!

Durante a caminhada, fiquei sabendo por que meu irmão precisou desistir do trabalho. Logo acima do riacho, havia mais um morro íngreme semeado de pedras soltas. Uma dessas pedras havia atingido e danificado o instrumento de demarcação. Isso foi muito desagradável para meu irmão, pois recebera ordem severa para terminar a linha de qualquer jeito, até chegar à demarcação do Sr. Odebrecht. Este já tinha ido embora e deixou ao encargo de meu irmão a conclusão do trabalho. Ele confiava totalmente em meu irmão. Isso ele também podia, pois este era tão consciencioso quanto seu chefe e

hatte strenge Order, die Linie unter allen Umständen durchzuführen bis auf die Messung von Herrn Odebrecht. Dieser war nämlich schon abmarschiert und hatte meinem Bruder die Fertigstellung der Messung übergeben. Er verließ sich ganz auf meinen Bruder. Das konnte er auch, denn dieser war ebenso gewissenhaft im Dienst wie sein Herr und Meister. - Ehe wir nun aber weiterreisten nach Blumenau, möchte ich erst die Gründe angeben, warum Herr Odebrecht zurückgehen mußte. Diesem Ingenieur war es in der ganzen Zeit viel übler ergangen als meinem Bruder. Gleich zu Anfang, als wir noch alle beisammen waren, hatte es Unstimmigkeiten gegeben zwischen uns deutschen Arbeitem und Bazil. Es ärgerte uns, daß der Brasilianer über uns gesetzt war, und wir verbargen unseren Unmut darüber nicht. Die meisten von uns waren eben nochjung und unerfahrenund bedachten ihre Worte nicht. Infolge dessen nahm Herr Odebrecht nur einige wenige Deutsche mit und besorgte sich durch Bazil Brasilianer, die am Itapocu wohnten, um seine Abteilung wieder vollzählig zu machen. Wir deutschen Aufmucker blieben also bei meinem Bruder. Später kamen noch einige Brasilianer dazu. –

Als nun die brasilianischen Reservetruppen anrückten, sahen wir gleich, daß sie für die schwere Waldarbeit völlig ungenügend ausgerüstet waren. Sie liefen barfuß, nur mit einem dünnen Hemd und einer geflickten Hose bekleidet. In einem Tuch trugen sie eine Reservehose, an der Seite baumelte ihnen ein langes, fabrikgemachtes Waldmesser, das nicht viel taugte. In der Hand hielten sie eine alte Tukanflinte; das war ihre ganze Ausrüstung für ungefähr vier Monate Waldarbeit, von der sie überhaupt keine Ahnung hatten. - Schon in der ersten Woche liefen die ersten davon, der Rest folgte bald nach. - So mußte Herr Odebrecht den Bazil nach Blumenau schicken, um andere Arbeiter zu holen. Da der sich nicht lange aufhalten konnte, so raffte er hier die ersten besten zusammen und kehrte so schnell wie möglich wieder zurück. Diese Arbeiter nun, fast lauter verheiratete Deutsche, waren wohl fleißige und ordentliche Kolonisten, aber das Leben auflängere Zeit im Walde nicht gewöhnt und muBten sich erst dareinfinden und einarbeiten, ehe sie etwas leisten konnten. So kam es, daß die Arbeit nicht so schnell voran kam, wie Herr Odebrecht es wünschte und wohl gehofft hatte. In seinem Unmut darüber hatte er einige Worte geäußert, die den Arbeitem nicht gefielen; sie wollten samt und sonders wieder ausreißen und ihren Herm im Stich lassen. Die heikle SaGhe wurde aber wieder beigelegt, und sie arbeiteten weiter. -Nun wurden ihnen in der letzten Linie die Lebensmittel knapp und schließlich ganz alle. Es trat zum Unglück schlechtes Wetter ein, so daß es unmöglich wurde, frischen Proviant nachzuholen. Dazu kam noch, daß es auf der Seite sehr wenig Wildschweine gab, wenigstens im Vergleich zu unserer Seite, die

mestre. Antes de continuarmos a viagem para Blumenau, quero mencionar os motivos que levaram o Sr. Odebrecht a retornar. Esse engenheiro teve de suportar bem mais coisas nesse período do que meu irmão. Logo no início, quando ainda estávamos todos juntos, houve desavenças entre os trabalhadores alemães e Bazil. Ficamos aborrecidos que o brasileiro nos supervisionava e não escondíamos nosso mau humor. A maioria era jovem, sem experiência e não pensava no que dizia. Conseqüentemente o Sr. Odebrecht levou somente alguns alemães e contratou, através de Bazil, brasileiros que moravam ao longo do Itapocu para completar sua equipe. Portanto, nós alemães, ficamos rebeldes com meu irmão. Mais tarde alguns brasileiros se juntaram a nós.

Quando o grupo de brasileiros chegou, logo vimos que não estavam adequadamente equipados para o trabalho pesado na mata. Eles vinham descalços, apenas com uma camisa fina e uma calça remendada. Em uma trouxa, tinham uma calça de reserva, na cintura usavam um fação fabricado em série que não valia nada. Ainda traziam uma espingarda para caçar tucanos; esse era todo equipamento para aproximadamente quatro meses de trabalho na mata, do qual não tinham noção alguma. Alguns já foram embora na primeira semana, outros os seguiram. O Sr. Odebrecht foi obrigado a mandar Bazil até Blumenau para conseguir outros trabalhadores. Como ele não podia demorar-se, contratou os melhores trabalhadores que conseguiu e retornou o mais rápido possível. Estes homens eram todos casados e bons colonos, mas não estavam habituados a uma vida na mata durante meses. Precisaram de algum tempo para se acostumar ao trabalho antes do serviço render. Assim, o trabalho não rendeu o que o Sr. Odebrecht esperava. Ele se manifestou irritado com o fato. Isso desagradou os trabalhadores, todos queriam fugir e deixar seu chefe na mão. Esse assunto foi deixado de lado e o trabalho continuou. Enquanto realizavam o serviço na última linha, os alimentos escassearam e por fim terminaram. Por azar o tempo fechou, tornando-se impossível buscar mantimentos frescos. Além de tudo, naquele lado, comparado com o nosso, os porcos do mato eram escassos, nós podíamos matar diariamente o quanto necessitávamos. Os trabalhadores começaram a comer palmito e ficaram doentes. Esse fruto, quando cozido é muito gostoso e não é prejudicial, mas, ingerido cru em grande quantidade provoca diarréia, consequentemente fraqueza, ainda mais se a gente beber muita água. O Sr. Odebrecht certamente queria ter terwir täglich so viel schießen konnten, wie wir zum Essen bedurften. Die Arbeiter fingen an Palmitenkohl zu essen und machten sich krank damit. Gekocht ist dieses Palmenherz sehr schmackhaft und nicht schädlich, aber in großen Mengen roh genossen, erzeugt es meistens Durchfall und in der Folge große Mattigkeit, besonders wenn man viel Wasser danach trinkt. - Herr Odebrecht, der begreiflicherweise die Messung gem beendet hatte, hielt so lange aus, wie er irgend konnte, aber schließlich könnten die Leute nicht mehr vorwärts, und er mußte zum Rückzug blasen. Weil er nun sicher annahm, daß mein Bruder die Messung beenden würde, ging er mit seinen Leuten nach Hause. Hätte er geahnt, wie es meinem Bruder zuletzt noch ergehen würde, dann hätte er aufjeden Fall die Linie wieder aufgenomrnen und wäre nicht eher gegangen, als bis alles fertig war.

Wir mußten aber jetzt auch nach Blumenau. Wir liefen also den Bach hinunter bis an das kleine Depot. Hier hatte ich auch eine Canoa gelassen. So schifften wir uns ein und fuhren zuerst nach dem großen Depot, um alle unnötigen Sachen abzuliefem und der Wache dort Bescheid zu geben, daß wir gingen. Dann wurden von dort zwei Mann mitgenomrnen bis an die obere Linie, damit sie die dort liegenden Boote wieder zurtickbringen konnten, die ja bei dem Auszug aus dem Hauptdepot gebraucht wurden. Wir aber marschierten in der Linie bis an die Endmarke, gingen die andere Linie noch ein Stück entlang und schwenkten dann ab nach Blumenau zu. Wir hatten keine Zelte und nur wenig Lebensmittel mitgenomrnen. Mein Bruder mit seinen langen Schritten ging, oder liefviel mehr, mit dem Kompaß in der Hand vomeweg. Wir anderen wie die Windhunde hinterher. Zuerst wurde etwas Pikade gehauen, aber da das nicht schnell genug ging, flitzten wir ohne Pikade durch den Wald. Das liebe Blumenau zog doch gar zu sehr! Unsere Kleider, die sowieso schon aus lauter Lumpen bestanden, bekamenjetzt den Rest. Obwohl uns kein Buger überholt hätte, brauchten wir doch langere Zeit, als mein Bruder angenommen hatte, um bis zu den ersten Bewohnem des Cedro-Flusses zu gelangen.

In den letzten Tagen hatten wir nur noch ein bißchen Farin, aber zum Gltick noch ein gut Teil Zucker bei uns. So machten wir denn von großen Waldblattem eine Tüte, in die wir ein wenig Farin, heißes Wasser und sehr viel Zucker hineinschütteten. Mit dem Zeigefinger oder einem Blattstiel rührten wir um und schlürften dann diese heiße, sehr dünne, aber sehr süße Brühe hinunter. Diese bekam uns sehr gut; wir spürten keine Müdigkeit und konnten laufen wie die Bürstenbinder. Wild gab es unterwegs genug, aber wir nahmen uns nicht die Zeit, es zu schießen. Niemand durfte sich aufhalten, sonst wären die vorderen Kameraden verschwunden.

Endlich faßten wir Wasser vom Cedro und bald daraufihn selber, aber

minado a demarcação, mas foi obrigado a se retirar, embora tenha agüentado o quanto pôde, mas os homens não conseguiram mais continuar. Ele foi para casa com seus homens, pois acreditava que meu irmão terminaria a demarcação. Se ele tivesse imaginado o que aconteceria a meu irmão, com certeza teria retomado o trabalho e não teria partido antes de ter tudo acabado.

Agora, nós também teríamos de voltar a Blumenau. Acompanhamos o curso do riacho até o pequeno depósito, onde eu deixara uma canoa. Embarcamos e fomos até o depósito maior para descarregar as coisas desnecessárias e avisar ao guarda que estávamos partindo. Levamos conosco dois homens até a linha de cima para trazerem de volta as canoas, que seriam usadas para transportar tudo do depósito principal. Nós, porém, fomos até o marco final da linha, caminhamos durante um trajeto pela outra linha e seguimos para Blumenau. Não levamos as barracas, somente um pouco de mantimento. À frente, meu irmão com suas passadas largas e o compasso na mão, mais corria do que andava. Nós, atrás dele como cães corredores. Logo no começo abrimos uma picada, mas isso era muito vagaroso, então resolvemos correr assim mesmo pela mata. A querida Blumenau nos puxava demais! Nossa vestimenta já estava toda rasgada, agora então reduzida a trapos. Embora nenhum bugre tivesse conseguido nos ultrapassar, levamos mais tempo do que o previsto por meu irmão para chegar até aos primeiros habitantes de Rio dos Cedros.

Nos últimos dias tínhamos somente um pouco de farinha, mas, para sorte nossa ainda tinha uma boa porção de açúcar. Fizemos um cartucho de folhas grandes, no qual colocamos água quente, um pouco de farinha e bastante açúcar. Misturamos tudo com o dedo ou com um caule de folha para então tomar esse caldo quente, ralo, porém muito doce. Isso nos fez muito bem, não sentimos cansaço e corremos bastante. Havia muita caça pelo caminho, nem nos demos o tempo de atirar. Ninguém podia parar, senão perderíamos os companheiros de vista.

Enfim chegamos às águas do Cedro. Descemos por uma picada de demarcação, beirando o rio até alcançarmos as casas dos últimos moradores da região. Uma parte do grupo havia entrado na mata com três calças novas, uma usada, um par de botas de cano alto novo, um bom cobertor de lã e um casaco novo de lã de carneiro. Agora, reunidos na primeira roça no Cedro, não parecíamos mais pessoas civilizadas. Quem ainda usava botas

ziemlich weit oberhalb. Hier liefen wir in einer Meßpikade den Fluß hinab, bis wir an die Häuser der letzten Bewohner desselben gelangten. - Mit drei neuen und einer schon gebrauchten Hose, einem Paar neuer Kniestiefel, einer guten Decke und einemneuen Rock aus grober Schafwolle war der größte Teil von uns in den Wald hineingegangen. Als wir uns jetzt in der ersten Roça am Cedro versammelten, sahen wir zivilisierten Menschen nicht mehr ähnlich. Aus den Stiefeln - das heißt, wer überhaupt noch welche hatte - sahen überall die bloßen Füße hervor. Einige Schlauberger hatten sich Sandalen daraus gemacht, andere wieder hatten ihre Stiefel mit Lianenschale umwunden. Die Kleider, sofern man noch von solchen sprechen konnte, paßten auffallend zu dem Schuhwerk. Einige hatten sich aus Gründen der Sittlichkeit aus alten Säcken Schürzen gefertigt. Einer hatte sogar den Sack unten aufgeschnitten und trug ihn nun als Rock, was ihm ein recht schottisches Aussehen verlieh. Ich hielt mich mit meinen zerrissenen Sachen immer etwas im Hintergrund. Ich hätte ja gem die Schürzenmode mitgemacht, aber die alten Säcke waren schon alle vergriffen. Da wir uns jetzt wieder der Zivilisation näherten, verdeckte ich meine Blößen ganz künstlerisch mit den Überresten meines Rockes. Als die Kameraden das sahen, machten sie es mir nach. Wer keinen Rock mehr hatte, nahm seine Decke oder deren Überreste zu solch einem Phantasieanzug. Hannes meinte dazu: "Dat häck in meen Läwen nich dacht, dat een Lock dat anner taudecken kunn!" - Aber wirklich, es geht! Man muß nur die Löcher geschickt verteilen. - Mein Bruder hätte mir gem mit Kleidem ausgeholfen, aber ertrug den letzten Anzug auf dem Leibe. Im letzten Monat hat sich auch keiner von uns mehr rasiert, weil niemand seine Haut an den total verrosteten Rasiermessem riskieren wollte. Dafür trugen wir jetzt ein Stück Urwald im Gesicht.

In diesem phantastischen Aufzug mußten wir nun bei den Kolonisten erscheinen. Als wir an das erste Haus kamen, war es leer. Hier wohnte noch niemand. Wir mußten nun noch eine Strecke durch Urwald, bis wir an das zweite Haus kamen. Als wir aus dem Wald heraustraten, schlugen die Hunde wütend an; dann folgte ein Geschrei von Menschen, und gleich darauf sahen wir, wie sich die Maisstauden hinter dem Hause wild bewegten. Darauf war alles still, selbst die Hunde winselten nur noch leise. -"Schöne Geschichte", sagte mein Bruder ärgerlich, "Mensch und Tier scheinen uns für Buger zu halten". - So war es auch. Aus diesem Grunde hatten die Bewohner die Flucht ergriffen. Wir konnten von Glück sagen, daß wir nicht mit Schüssen empfangen wurden.

Die Lage war durchaus nicht sehr angenehm für uns; denn wenn die Nachbam uns auf den Hals rückten, konnte die Geschichte übel ablaufen. Unterdessen tinha os dedos de fora. Alguns espertinhos haviam feito sandálias, outros as amarraram com casca de lianas. A vestimenta, se é que poderia ser chamada assim, combinava com as botas. Outros haviam confeccionado aventais de sacos velhos por causa da moral e bons costumes. Outro até cortou um saco, usando-o como saia, o que lhe conferiu um ar escocês. Eu me mantinha um pouco mais atrás com minhas roupas surradas. Até quis acompanhar a moda do avental, mas não tinha mais sacos velhos. Como estávamos nos aproximando da civilização, cobri minha nudez artisticamente com o que restava do meu casaco. Ao verem isso, meus camaradas me imitaram. Quem não tinha mais o casaco, usava o cobertor, ou o que dele sobrara para a dita fantasia. Hannes falou: "Nunca imaginei em minha vida, que cobriria o buraco lá embaixo com um cobertor." Mas, funcionou! Foi preciso somente distribuir bem os buracos. Bem que meu irmão quis emprestarme uma roupa, mas ele vestia a última que tinha. No último mês, ninguém mais fez a barba, pois ninguém quis arriscar a pele na navalha enferrujada. Por causa disso nosso rosto parecia um verdadeiro emaranhado.

Fomos obrigados a nos apresentar aos colonos nesses trajes excêntricos. Ao chegarmos à primeira casa, percebemos que estava desocupada, ninguém morava lá. Tivemos de caminhar um trecho pela mata até chegarmos à segunda casa. Ao sairmos da mata, os cachorros começaram a latir furiosamente, seguiram-se gritos de pessoas e vimos os pés de milho balançar. Tudo ficou quieto, até os cachorros ganiam baixinho. – "Bela história esta," falou meu irmão irritado, "as pessoas e os cachorros estão nos tomando por bugres." – E foi mesmo. Por isso os moradores fugiram. Tivemos muita sorte de não termos sido recebidos à bala.

A situação não nos era muito favorável, caso os vizinhos viessem tudo poderia acabar mal. Nesse meio tempo, descobrimos uma anciã atrás de um grande toco de árvore. Sua fragilidade não permitiu ir muito longe. Ela tremia de medo, levantou as mãos e repetia sem parar: "Não façam nada, não façam nada!" Mais tarde, descobrimos que ela era surda. Felizmente seu neto de catorze anos estava escondido atrás de uma árvore e escutara tudo. Ele levantou e perguntou com voz chorosa: "Vocês são bugres ou agrimensores?" "Bem", respondeu meu irmão, "isso tu mesmo podes ver, bugres não usam botas." O jovem compreendeu e respondeu: "Não, não, certamente não teriam botas e nem estariam sujas de lama". - "Para onde correram teus pais?"

entdeckten wir hinter einem großen Baumstumpf ein altes Miltterchen. Ihre altersschwachen Knochen hatten sie wohl nicht weiter tragen kömnen. Sie zitterte vor Angst, hob f1ehend die Hände empor und wiederholte immerzu: "Teit mi nix! Teit mi nix!" - Wie sich hemach herausstellte, war das alte Weiblein taub. Aber zum Glück lag ihr Enkel, ein vierz.ehnjähriger Bengel, nahe bei seiner Großmutter hinter einem dicken Stamm und hatte alles mit angehört. Jetzt richtete er sich auf und fragte weinerlich: "Sind jü Bugers oder sind jü Vermäters?" - "Na", antwortete mein Bruder, "dat sühst doch woll. Bugers trägg doch keen Stäwel an". Das schien dem jungen Mann einzuleuchten, denn er meinte jetzt selbst: "Neeke, neeke, Stäwelns hän se wull nich, un wi hätt nich brukt utturieten". -"Wo sin dei Ältem denn hingelopen?" - "Dei sünn -dei holle dei Nachbarsch tau Houp, min Unkel August un min Unkel Koorl, dei sün Soldat weßt un -" - "Jung", unterbrach ihn mein Bruder, "lop schnell tau un segg Besched, dat wi keen Bugers sünn". Aber der gute Junge erklärte ganz bestimmt: "Neeke, von min Grotmoddem goh ick nich!"

Mittlerweile war es dunkel geworden, und die "Unkelns" konnten jeden Augenblick erscheinen und auf uns schießen. Während wir noch berieten, was wir am besten tun sollten, hörten wir es im Mais rascheln. "Votre, Votre!" rief der Junge. "Kumm her! Dat sünn keen Bugers. Dei habt Stäwelns an um snackt plattdütsch!" -" August", tönte jetzt gedämpft eine Männerstimme, "wo is Grotmodder?" - "Dei sitt hier, Votre!" schrie der Bengel zurück "Na, kommen Sie nur ran!" riefjetzt mein Bruder so laut er konnte. "Wir sind keine Räuber, sondem nur halbverhungerte Waldläufer". - Es dauerte auch nicht lange, so stand "Votre" vor uns; hinter ihm her kam sein zittemdes Weib. Nach erfolgter Aufklärung atmeten beide Teile auf. - Das biedere Ehepaar war auf seiner Flucht gar nicht weit gekommen, als sie bemerkten, daß Sohn und Großmutter fehlten. Voller Angst um die beiden waren sie wieder umgekehrt und haben sich leise durch die Pf1anzung geschlichen, um zu sehen, was aus ihnen geworden sei. Nun war ja alles gut!

Wir mußten alle mit in die kleine Bude. "Platz häw wi net veel", sagte der Mann, "awer nachens will ick sei noch min Broder un Schwagers bringe. Fiv Mann kenne hier bliewe un in uhs Maisschupfe schlofen". - "Gut", sagte mein Bruder, "dann bleib ich mit vier Mann hier, und die anderen können Sie in der Nachbarschaft verteilen, wenn Sie so gut sein wollen". "Jauke, jauke, awer tuirst möcht all wat fräten". –Zu unserer großen Freude hörten wir jetzt ein Geschrei im Hühnerstall und wußten, daß "Muttem" schon für uns sorgte. Unter Lachen und Scherzen halfen wir alle mit. Einige mpften die Hühner, andere mußten Aipim schälen, Wasser holen und so mehr. Bald stand ein für uns lukullisches Abendessen auf dem Tisch.

- "Eles foram até os vizinhos. Meu tio August e Karl foram soldados." - "Menino, vai depressa avisá-los que não somos bugres." Mas o rapaz respondeu determinado: "Não vou sair de perto de minha avó!"

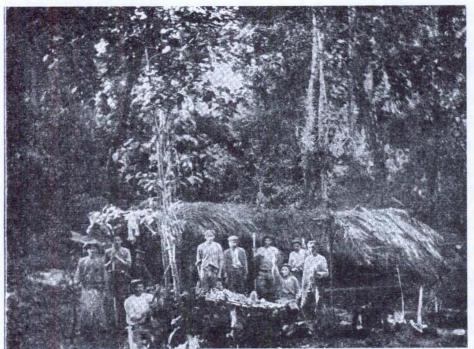
Nesse meio tempo anoiteceu. Os tios poderiam chegar a qualquer momento e atirar em nós. Enquanto deliberávamos o que fazer, escutamos movimentação no milharal. "Pai, Pai, vem cá, eles não são bugres, eles usam botas e falam o dialeto pomerano!"- Uma voz masculina falou baixinho: "August, onde está a avó?" – "Ela está sentada aqui, pai," gritou o garoto. Meu irmão falou: "Venham, nós não somos assaltantes, apenas mateiros mortos de fome." Não demorou e o pai apareceu, e atrás dele uma trêmula mulher. Após as devidas explicações todos suspiraram aliviados. O leal casal não foi muito longe quando percebeu que o filho e a avó estavam faltando. Apavorados os dois haviam voltado silenciosamente pela plantação para ver o que lhes acontecera. Felizmente, tudo estava bem agora.

Tivemos de entrar na pequena casa. O homem disse: "Não há muito lugar, mas depois os levarei até meu irmão e cunhado. Cinco homens podem dormir no celeiro." - "Certo", falou meu irmão, "eu ficarei aqui com mais quatro homens, os outros o senhor pode distribuir na vizinhança, se posso lhe pedir isso, mas antes todos precisam comer." Para alegria nossa, ouvimos barulheira no galinheiro e sabíamos que a "mãe" já estava providenciando tudo. Todos ajudaram em meio a risos e brincadeiras. Alguns depenaram as galinhas, outros descascaram o aipim, outros buscaram água e muito mais. Em pouco tempo, havia uma comida muito gostosa na mesa. As galinhas deveriam ter cozinhado mais umas duas horas, mas tínhamos bons dentes e muita fome depois de jejuar durante doze horas. O casal, a avó e August não comeram conosco porque faltaram pratos. Estavam ao lado da mesa e se admiraram da nossa voracidade. Em pouco tempo acabamos com tudo. O marido falou para sua mulher: "Eles comem tão bem como nosso porco". Bem, levamos uma! Entreolhamo-nos e por fim caímos na risada. Mas a mulher disse com sinceridade: "Não foi nada, isso saiu sem pensar, não falamos por mal".

Controlamos a vontade de rir da melhor maneira possível. Levantamos da mesa para seguir com nosso anfitrião algumas casas adiante a fim de conseguirmos um pernoite. Estávamos exaustos. Hannes e eu ficamos na casa de um colono recém-casado. O bom homem era enorme, dava pelo Die Hühner hätten eigentlich noch zwei Stunden länger kochen sollen, aber dafür hatten wir ja gute Zähne und einen Hunger, wie er eben nach zwölfstündigem Fasten nur sein konnte. - Die beiden Eheleute samt Großmutter und August aßen nicht rnit, weil es an Tellem fehlte. Sie standen aber neben dem Tisch und staunten über unsere Vertilgungswut. In kurzer Zeit war alles ratzekahl verputzt. - "Dei fräte äwe so gaut as uhs Swihn", meinte der Mann zu seiner Frau. – Na ja, da hatten wir's! - Einer sah den andern an, und zuletzt brachen wir alle in Lachen aus. Die Frau aber sagte treuherzig: "Nix für ungut! Hei is immer so glicks tau. Hei meint dat awer nich bös."

Wir verkniffen uns das Lachen so gut wir konnten und standen vom Tisch auf, um mit unserem Wirt noch ein paar Häuser weiter zu marschieren, damit wir Nachtherberge bekamen, denn wir waren hundemüde. Hannes und ich kamen zu einem Kolonisten ins Quartier, der noch nicht lange war. Der gute Mann, ein wahrer Hüne von Gestalt, aus dem man wenigstens drei solche Kerlchens, wie ich eines war, hätte machen können, lieh mir mitleidig eine Hose. Ich zog sie auch an, aben obwohl ich dieselbe oben in viele Falten gelegt und mit dem Riemen festgeschnallt hatte, konnte doch noch ein halbes Fuder Heu hineingestopft werden, ehe der Hosenboden voll wurde. Unten machte sich die Sache besser, ich brauchte bloß aufzukrempeln. Das junge Ehepaar und Johannes wollten sich schieflachen, als ich mit meinen Pluderhosen aus der Schlafkammer trat und in die Stube kam. - Wir wurden aufs freundlichste bewirtet und mußten nochmals Abendbrot essen. Nachdem Eier, Speck und Brot wieder ratzekahl vertilgt waren, ging's nach Bethlehem. Aber - du lieber Gott - wir sollten im Ehebett schlafen! Hannes und ich sahen uns verlegen an. Wir, die wir vier Monate lang so gut wie auf blanker Erde geschlafen, sollten plötzlich in ein echt pommersches Ehebett, dessen Zudecke - aus echten Gänsefedern - gut 15 Kilograrnm wog. - "Dat geiht nich", sagte Hannes leise zu mir, "dat is min un din Tod". - Aber es half alles nichts; wenn wir unsere fteundlichen Wirte nicht kränken wollten, mußten wir in die Fedem kriechen. - "Ick treck min Büxen nich ut", flüsterte Hannes, "dat bin ick nich wöhnt". Ich folgte natürlich seinem Beispiel, obgleich ich es schon gewöhnt war, ohne Hosen zu schlafen. -Wenn wir gehofft hatten, die Kolossale Decke beseitigen zu können, so sahen wir uns jetzt bitter getäuscht. Auf die Erde wollten wir sie nicht werfen, und auf andere Weise wurden wir die ungeheure Federmasse nicht los. - Eine kleine Weile sahen wir es mit an, dann erklärte Hannes: "Ick hol nich mehr ut! Ich mott rut! Dat brannt mi as höllsch Füer up min Liw. - Ick hol nich ut! Ick hol nich ut!" So stöhnte Hannes und glitt leise aus dem schrecklichen Bett, legte sich längelang auf die Diele und schnarchte bald so laut wie unsere Wirtsleute in der Stube. - Es dauerte auch nicht

menos três como eu. Compassivo, emprestou-me uma calça. Eu a vesti, embora a tivesse virado algumas vezes na cintura e preso com o cinto. Ainda assim, poderia ter colocado um monte de feno dentro dela para encher o fundo. Embaixo, nas pernas foi mais fácil, era só arregaçar. O jovem casal e Jonnanes quase morreram de tanto rir quando saí do quarto com as calças bufantes. Fomos muito bem recebidos e precisamos jantar mais uma vez. Após termos comido ovos, toucinho e pão fomos dormir. Minha nossa! Éramos para dormir na cama de casal. Hannes e eu nos entreolhamos encabulados. Nós, que durante praticamente quatro meses dormíramos em chão de terra batida, agora de repente tínhamos para dormir uma autêntica cama de casal pomerana, com cobertor de penas que pesava uns quinze quilos mais ou menos. Hannes disse baixinho: "Isso não dá, isso é minha e tua morte". Mas, nada adiantou. Caso não quiséssemos ofender nossos anfitriões, teríamos de ir para debaixo das penas. - "Eu não vou tirar as minhas calças, não estou acostumado com isso", disse Hannes. Segui seu exemplo, embora eu estivesse acostumado a dormir sem calça. Se porventura tínhamos esperança em deixar de lado o imenso cobertor, estávamos enganados. Não queríamos jogá-lo no chão, mas não havia outro jeito para desfazer-nos desse monte de penas. Pouco depois Hannes falou gemendo: "Eu



Grupo de agrimensores e mateiros no interior da floresta. (Fonte: Gernhard, Robert. Dona Francisca, Hansa und Blumenau. Breslau. Schlefifche Verlags = Unftalt v.S. Schottlaender 1901.p.377.

não agüento mais, eu preciso sair, isso queima como o fogo do inferno, eu não agüento mais, eu não agüento mais!" Escorregou silenciosamente da cama, deitou no chão e logo roncava tão alto quanto nossos anfitriões na sala. Não demorou muito, também eu estava deitado ao lado de Hannes roncanlange, da lag ich neben Hannes und machte das Schnarchquartett voll. So schnarchten wir um die Wette, bis es heller, lichter Tag war.

Das Frühstück stand schon längst auf dem Tisch, aber wir beide sägten immer noch an unserem Holzklotz herum. Erst als die Kammertür kreischend aufging und unser Wirt seine Ehehälfte herbeirief um ihr unser Lager zu zeigen, wachten wir auf. - Wir sprangen erschrocken in die Höhe, meinten aber im ersten Augenblick, wir befänden uns noch im Walde. "Nee, nee Comelius", faselte Hannes schlaftrunken, "is dat all Tid tom upstohn?" Ich torkelte ebenso schlaftrunken umher, bis ich unsanft mit der großen Bettstelle in Berührung kam und davon hell wach wurde. Wir bekamen nun sanfte Vorwürfe von unseren Wirten, weil wir ihr Bett verschmäht hatten. Aber wir beteuerten einstimmig, daß wir keine Minute darin hätten schlafen können, was die beiden guten Leutchen gar nicht begreifen konnten. - Wir saßen noch beim Frühstück, als unsere Kameraden marschfertig anrlickten, alle in geborgten Kleidern. Da wir noch nicht fertig gegessen hatten, zogen die anderen schon ohne uns los.

Wir verzehrten in aller Seelenruhe unser Frühstück. Unterdessen besorgte uns unser gefälliger Wirt passende Kleider und sogar zwei Pferde bei seinen Nachbarn. Nach vielem Dank für die genossene Gastfreundschaft bestiegen wir unsere Gäule. Meiner ging einen scharfen Trab, aber der von Hannes lief nur im Schritt, und ich mußte mich dem anpassen. So kam es, daß wir unsere Kameraden erst an der Mtindung des Cedro einholten, und zwar an derselben Stelle, wo ich damals mit Kantel verunglückte. Heute sah es aber hier schon ganz anders aus. Der Urwald am Cedro entlang war verschwunden und das Land mit fleißigen Kolonisten besetzt, die schon recht nett eingerichtet waren. An der Unglücksecke stand jetzt ein stattliches Fährhaus nebst Venda. Der ganze Benedito hinunter war auf beiden Seiten mit stattlichen Häusem besetzt.

Hier in der Venda bekamen wir, zum Entsetzen meines Bruders, unsere erste Weihe mit dem landesüblichen Zuckerrohrschnaps. Unserem Beispiel folgend, mieteten sich unsere Genossen auch Pferde und mein Bruderein Canô. Zu Wasserund zu Landetraten wirunsere Reise wieder an. Aber da wir, außer meinem Bruder, alie einen sitzen hatten, waren Reiter und Flußschiffer nicht mehr ganz zurechnungsfähig. Unsere Pferde schwankten wie wir, und die Kahnfahrer drehten sich im Kreise und fuhren zuletzt wieder flußaufwärts anstatt hinunter. Mein Bruder merkte es zuerst nicht, weil er sich wegen eines Geschwtirs am Halse hingelegt hatte und eingeschlafen war. Vor Schmerzen wachte er wieder auf und sah nun die Bescherung. Er wollte aus der Haut fahren und gab sofort Kontradampf, und der Obersteuermann bekam

do, perfazendo o quarteto. Roncamos assim até o dia raiar.

O café da manhã já estava servido há tempo e nós ainda "serrávamos lenha". Acordamos somente quando nosso anfitrião abriu a porta barulhenta, chamando sua mulher para mostrar nossa cama. Levantamos sobressaltados, achando ainda estarmos na mata. Hannes disse meio atordoado: "Não, não, Cornelius, é esse teu modo de acordar?" Eu cambaleava de um lado para outro até que bati na cama, acordando finalmente. Fomos censurados gentilmente, por termos desprezado a cama. Mas, asseguramos que não poderíamos ter dormido nela, coisa que as bondosas pessoas não entenderam. Ainda estávamos tomando café, quando nossos companheiros apareceram prontos para seguir, todos com roupas emprestadas. Como ainda não estávamos prontos, eles seguiram sem nós.

Tomamos o café tranquillamente. Enquanto isso nosso zeloso anfitrião providenciou roupas adequadas e até dois cavalos junto a seus vizinhos. Agradecemos demais a hospitalidade e montamos os cavalos. O meu marchava bem, mas o de Hannes trotava devagar, tanto que tive de me adequar a ele. Desse modo, encontramos nossos camaradas somente na desembocadura do Cedro, no mesmo lugar do meu acidente com Kantel. Ali, tudo estava diferente. A mata ao longo do Cedro desaparecera, a terra era habitada por colonos esforçados, hoje já bem instalados. No lugar do acidente, havia agora a casa do balseiro junto a uma venda. Casas ladeavam as margens do Benedito.

Nesta venda, recebemos para espanto de meu irmão, a primeira sagração do habitual aguardente de cana-de-açúcar. Seguindo nosso exemplo, os demais companheiros também alugaram cavalos, e meu irmão uma canoa. Continuamos nossa viagem pelo rio e por terra. A não ser meu irmão, todos nós, canoeiros e cavaleiros, estávamos meio embriagados, portanto, sem responsabilidade. Nossos cavalos cambaleavam como nós, os canoeiros se moviam em círculo, por fim, ao invés de descerem o rio foram em direção contrária. A princípio, meu irmão não percebera nada, pois deitara por causa de um furúnculo no pescoço e adormecera. Acordou por causa da dor e então percebeu o que acontecera. Ele ficou furioso, mandou mudarem de rumo e o timoneiro teve de se sujeitar a uma severa repreensão. Nós cavalgamos alegres, cantando, gritando "Hurra" ao longo do Benedito, para deleite dos moradores da região.

eine Predigt, die er wohl nicht hat drucken lassen. - Wir aufunseren Gäulen zogen mit Singen, Jodeln, Hurrarufen und lautem Randalieren den ganzen Benedito hinunter, zum großen Gaudium der Kolonisten.

So kamen wir endlich an der Mündung des Benedito an. Vater Krambeck, der uns übersetzen mußte, merkte wohl den Braten und wollte uns erst sitzen lassen, bis wir die Krisis überstanden hatten, verließ sich aber schließlich auf seine breite Fähre und seine handfesten Ruderer. Er schimpfte zwar mächtig über uns "besoffenen Köppe", holte uns aber doch nach und nach tiber den Fluß. - Als dann die ganze saubere Gesellschaft in Vater Krambecks Gaststube beisammen war, hielt dieser eine Standrede, die uns zwar sehr zu Herzen ging, aber leider die Sache selbst nicht besser machte. . Ais er mit seiner Rede zu Ende war, ergriffen wir den biederen Holsteiner an Beinen und Armen, hoben ihnhoch empor und ließen ihn noch höher leben. Da verrauchte sein Zom über uns arme Sünder und verwandelte sich alsbald in Rührung.

"Dat is nu ganz engol, min Modder", sagte er zu seiner Frau, "davör möt wi uhs rewanschieren". Dann traktierte er uns so freigiebig, daß wir bald nicht mehr wußten, wer zur Kavalleria und wer zur Marine gehörte. Ich erinnere mich nur noch dunkel, daß Lampen angesteckt wurden, daß eine ungeheure Suppenterrine voller Punsch auf dem Tisch erschien, daß diese Terrine noch mehrere Male nachgefüllt wurde, daß noch viele Hochs ausgebracht wurden, daß Vater Krarnbeck und seine "Modder" viele Bruder - und Schwesterküsse bekamen, daß ich dabei die Tochter mit der "Modder" verwechselte und daß ich mich für den einzigen Nüchtemen hielt. Auch erinnere ich mich, daß wir dann der Reihe nach auf Matten lagen und unseren Rausch ausschliefen.

Bruder Theodor, der längst über alle Berge war, hat von dem ganzen Rummel nie etwas erfahren. Vielleicht hat er aber geahnt, was kommen mußte, weil er sich so schnell verdrilckte. - Als wir am anderen Morgen am Itajahy standen und uns den Brummschadel etwas abkilhlten, sagte Vater Krambeck, der wie wir die Wasserheilmethode benutzte: "Jungens, Jungens! Dat wier doch en beeten tau dull. Na, ick segg nix nach, da könnt jüer drop verlooten". - Zu vermelden ist nur noch, daß mir unterwegs mein Mietgaul krepierte und ich das Pferd mitsamt den Eingrabungskosten bezahlen mußte. Im übrigen kamen alle kreuzfidel und

kemgesund bei Muttem wieder an.

Nach der Republikerklärung wurde der Landkomplex, den wir am Itapocu für des Kaisers Schwiegersohn vermessen hatten, von der republikanischen Regierung kolonisiert, wenigstens die Flußtäler davon. Das übrige wird wohl heute noch devolut sein, weil an den steilen Abhängen und Bergen der Wegebau zu kostspielig sein würde.

Assim, finalmente chegamos à desembocadura do Benedito. Pai Krambeck, o balseiro, não queria nos atravessar, pois percebera nosso estado, achava que deveríamos curar a ressaca. Por fim resolveu confiar em sua balsa larga e em seus robustos remadores. Ele nos xingou por estarmos bêbados, mas enfim resolveu nos atravessar. Quando estávamos reunidos em sua sala de visitas, ele nos repreendeu severamente, tanto que atingiu nossos corações. Infelizmente não melhorou na situação. Quando terminou, seguramos o simpático de Holsteiner pelos braços e pernas, levantando-o com vivas. Isso abrandou sua ira e se transformou em emoção.

"Agora tanto faz, mãe," falou à sua mulher, "isso precisamos retribuir." Fomos tratados tão generosamente, que já não sabíamos mais se pertencíamos à cavalaria ou à marinha. Lembro-me vagamente que as lamparinas foram acesas e uma grande poncheira apareceu sobre a mesa, sendo reabastecida várias vezes. Muitos vivas ecoaram, muitos beijos foram dados em pai Krambeck e sua "mãe". Eu confundi a filha com a mãe, achando ser o único sóbrio. Ainda lembro que estávamos deitados sobre esteiras para curar a ressaca.

Irmão Theodor já estava longe, jamais soube dessa bagunça. Talvez estivesse desconfiado do que viria e por isso foi embora tão depressa. Na manhã seguinte, ao refrescarmos nossas cabeças no Itajaí, pai Krambeck, que fez o mesmo, falou: "Rapazes, rapazes, seria melhor mergulhar. Eu não vou olhar, podem confiar." Resta registrar que meu cavalo morreu no trajeto e tive de arcar com as despesas do enterro, além do custo do cavalo. No mais, chegamos bem em casa.

Após a Declaração da República, o complexo de terras que demarcamos no Itapocu para o genro do Imperador foi colonizado pelo governo da República, pelo menos os vales dos rios. O restante ainda hoje deve ser terra devoluta, porque a construção de estradas à beira de precipícios e em encostas se tornaria muito dispendiosa.

O quarto joinvilense no início do século XX

David de Abreu Camilo¹ Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes²

Artigo

Mobília: entre o mármore e o simples baú

Resumo: O presente artigo tem em vista expor um estudo sobre o dormitório de casal, em fins do século XIX e início do XX, na cidade de Joinville, contemplando tanto os aspectos relacionais quanto sociais, vinculando-os à educação patrimonial. Para tanto, nosso trabalho encontra-se subsidiado por uma pesquisa bibliográfica, imagética, análise da cultura material e entrevistas orais com as quais pretendemos compreender melhor e perceber as transformações familiares, sociais em sua diversidade bem como a importância de certos utensílios e mobília para aquele momento histórico. Dentre os resultados obtidos, pudemos constatar as inúmeras relações entre objetos e indivíduos, ampliando o caráter dialógico que se pode travar com os mesmos, por meio da contextualização de tais objetos sobretudo permeando hábitos e práticas de grupos que vivenciaram aquele período.

Palavras-chave: Cultura Material, Educação Patrimonial, Museu.



¹ Acadêmico do curso de História, bolsista de iniciação científica da UNIVILLE.

² Orientadora, professora Dra. do Departamento de História da UNIVILLE.

1. Introdução

Através de uma análise de dois conjuntos de dormitórios que datam de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, expostos no Museu Nacional de Imigração e Colonização - MNIC - situado na cidade de Joinville, desenvolvemos nossa pesquisa. Num primeiro momento, nossa tarefa dizia respeito a uma comparação entre os elementos dos mesmos, inclusive nos aspectos de elaboração. Posteriormente procuramos estabelecer critérios quanto ao poder de aquisição de tais objetos, sua funcionalidade, bem como se aquele tipo de mobiliário exposto era comum entre os diversos grupos étnicos que compunham a cidade naquele momento histórico. Para este fim, comparamos os móveis em exposição, de origem teuta com informações oriundas de entrevista oral sobre o tipo de mobiliário utilizado pelo grupo luso-brasileiro, a fim de que pudéssemos ver com maior clareza as diferenças e semelhanças, tanto culturais quanto econômicas existentes nos dois grupos.

2. Museu: um lugar de possibilidades no processo dialógico

Em fins da década de 1930, o Brasil passa por um momento de mudanças que acabam por desencadear no período de nacionalização (COELHO,2000,p.170). O sul do país é diretamente afetado com essa postura antiestrangeira, de maneira a influir em aspectos culturais e educacionais dos grupos de origem européia que aqui viviam. Em decorrência disso, a cultura germânica do sul do país sofreu grandes transformações, perdendo muitos de seus referenciais a partir da "integração nacional atrauniformização do idioma, tradições e educação" (COELHO,2000,p.173). Porém, com a comemoração dos 100 anos da cidade, em 9 de março de 1951, elabora-se um "projeto" de resgate das raízes, com "desfiles, bandas, visitas ilustres, hino, tudo registrado em filmes e livro" (GUEDES,2001,p.83). Nesse mesmo espírito, após seis anos desse grandioso evento, é criado o Museu Nacional de Imigração e Colonização. A tarefa era reunir em um museu, "tudo que existia, para resgatar aquilo porque com a nacionalização tudo foi abafado, foi destruído, jogado fora" (BÖBEL,2003), o tudo, relaciona-se, à cultura alemã. Percebe-se que o prédio, em que se encontra o acervo do museu, está atrelado a essa necessidade do resgate da origem, tornando-se reduto e abrigo da cultura material

germânica em Joinville. O que podemos, então, inferir, é de que realmente o Museu Nacional tem em vista a salvaguarda da germanidade e para tal propósito tem em seu acervo objetos que possam de forma "genuína", e em sua pretensa totalidade compartilhar desse sentimento que outrora fora "destruído".

Neste sentido, a comissão organizadora do Museu Nacional tinha a árdua tarefa de "reunir tudo que existia". O que fica implícito é que, junto com a reunião dos objetos, está a seleção de tais objetos, os quais pudessem representar de forma fidedigna a materialidade dos utensílios dos imigrantes. Ou seja, iria ser exposto para as multidões e o público precisaria ver o que a cultura germânica tinha de melhor. Portanto, no Museu Nacional de Imigração e Colonização há o compartilhar da perspectiva de Possamai (2001,p.10), de que

[...] o museu opera a construção de um discurso através da disposição de artefatos e imagens num determinado espaço físico e no ato de selecionar e/ou descartar aquilo que deve ou não ser considerado peça de museu constrói e veicula representações sobre si mesmo, sobre a sociedade, sobre o passado e a história que deve ser contada às futuras gerações.

Quando refletimos sobre a instituição museu, pensamos acerca da materialidade e por conseguinte numa cultura dessa materialidade. Assim, quando falamos em cultura material, entendemos que por meio de um objeto pode-se inferir acerca dos indivíduos e suas relações. Dessa forma, partimos do pressuposto de que eles comunicam algo, inserem-se num contexto e, através dos mesmos, podemos vislumbrar o passado e entender como certos grupos viveram, bem como perceber a presença de grupos distintos e seu poder de acesso a tais objetos. Contudo, os objetos não falam por si, não têm vida própria, mas são expressão de grupos que por motivos vários os têm escolhido, outrora selecionados, para ser seus representantes identitários.

A cultura material serve, ainda, de entreposto no processo comunicador na relação indivíduo/história. Abre-se, nesse sentido, uma via para o diálogo com os objetos, que vai de encontro ao ato de refletir sobre o que está exposto. Aliado à seleção dos objetos, devemos inserir outro elemento fundamental que é a memória. Segundo Pollak (1992,p.201), a memória é um fenômeno coletivo e social, submetido a transformações constantes. Há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

O museu é também local, por excelência, para o trabalho de educação patrimonial. Isto possibilita o exercício do caráter pedagógico do Museu, que também é o de inclusão. Mas também, quando o museu amplia seu espaço dialógico, é possível que venham à tona "verdades" que, silenciadas, podem dar um tom diferente ao discurso que durante muito tempo fora preservado. Educar através do patrimônio significa inserir e ao mesmo tempo ampliar as relações e discussões de indivíduos com o Museu.

3. O Quarto de dormir: um lugar de múltiplas transformações

Quando analisamos o quarto de dormir, devemos inseri-lo num contexto multifacetado. Nesse sentido, o mobiliário exposto no MNIC nos permite refletir sobre as relações também com os outros ambientes de uma casa, nas múltiplas relações que há entre o dormitório e o cotidiano daqueles indivíduos, como a lida diária da mulher e sua relação direta com o quarto e os filhos, a higiene, as doenças e mortes prematuras, bem como a procriação.

A rotina diária do casal geralmente começava entre cinco horas e cinco e meia da manhã, cabendo à mulher as tarefas de casa que consistiam em engomar a roupa com ferro em brasa, fazer camisas, calças, travesseiros, colchões, tricô, crochês e a lavação das roupas. À medida em que os filhos nasciam e cresciam, inseriam-se neste contexto doméstico de ajudadores da mãe. "Naquela época a maior parte da população vivia da economia agrária. As famílias eram numerosas, pois para o trabalho na terra havia a necessidade de muitos braços" (ZIMMER,2005,p.100). Além dessas atividades, cabia à mulher cuidar dos animais, trabalhar na roça, na horta, mesmo em período de gravidez e, na maioria dos casos, com outros filhos menores para cuidar.

O quarto de casal, assim como o cuidado com o restante da casa, era por excelência do sexo feminino, para isto basta pensar que no cotidiano de uma mulher, mesmo antes do casamento era preparada para ser uma boa esposa e para isto era ensinada. Essa preparação não se limitava a teutobrasileiras, evidenciando-se também no grupo étnico luso-brasileiro, com uma presença marcante na cidade de Joinville naquele momento. Como parte integrante do enxoval da noiva se inseria o dormitório.

Os pais da noiva, responsáveis pela preparação do enxoval, na maioria das vezes,

presenteava os noivos com um jogo de quarto completo (cama, colchão de palha, coberta e travesseiros de pena, roupa de cama e armário), uma mesa com cadeiras ou bancos e um armário para guardar comida, baú, gamela, ferro de passar roupa a carvão e louças para a cozinha, uma máquina de costura e animais, como uma vaca, galinhas e um porco. O enxoval da noiva era denominado de Brautausstattung ou Aussteuer (ZIMMER, 2005,p.100).

Deve-se ressaltar que naquele momento não havia lojas que comercializavam tais mobílias e sim marceneiros, que faziam sob encomenda o conjunto mobiliário. E, em muitos casos, os pais da noiva ou do noivo compravam um terreno para o jovem casal construir a sua casa e, assim, dar início a vida conjugal no novo lar. Quando falamos em casamento, também nos referimos às questões sexuais, às quais eram severamente reguladas pela religião, sob os preceitos do "crescei e multiplicai-vos" e esse critério valia tanto para teutos quanto luso-brasileiros. Mas, além da religião e com o avanço científico, médicos especialistas em doenças sexuais começam a difundir suas idéias sobre como os indivíduos deviam portar-se, a fim de que a saúde como um todo não pudesse ser afetada por tais males. O médico francês Pierre Garnier alcançou repercussão ao escrever livros como A Geração Universal, sobre o qual disserta acerca do casamento, defendendo a idéia de que é o espaço onde a sexualidade pode e deve ser exercida comedidamente, sem os excessos que causam males como a esterilidade e a impotência. Da mesma forma, as práticas contraceptivas são condenadas. Para Garnier, não se devia desviar o ato sexual de sua função primordial - a reprodução, e o único espaço em que ele era aceito era o do casamento (DENIPOTI, 1996).

Além desses aspectos, devemos pensar que muitos casamentos se deram de maneira arranjada, em que a mulher, sem opção, saía dos laços do pai para entrar nos laços do marido. Elas, sem preparação alguma acerca do que seria a futura vida conjugal, deparavam-se com um relacionamento em curto prazo (o namoro), o período entre os indivíduos se conheciam e casavam às vezes não passava de seis meses a um ano. Logo que casavam, inevitavelmente, a família aumentava sem perspectivas de quando pararia de crescer.

Nos exemplares expostos no MNIC, os dois quartos em exposição apresentam configurações distintas. Enquanto o que está exposto no prédio principal do museu, é um dormitório com camas separadas, um roupeiro

pequeno com portas e gavetas, um lavatório em madeira com tampo de mármore e com um belo espelho em cristal, em anexo, uma cômoda, um berço e dois criados-mudos, todos fazendo parte de um mesmo conjunto muito bem elaborados; o outro, situado na casa ao fundo, numa casa em estilo enxaimel, tem uma outra proposta, à primeira vista, menos soberba que a anterior. Embora possua praticamente os mesmos objetos, neste quarto só há uma cama de casal, um berço, mais simples que o anterior citado, contudo, os criados-mudos seguem um mesmo padrão, com um espaço reservado ao urinol. Existe, ainda, um roupeiro, também pequeno, com portas apenas e também um pequeno baú de madeira simples, ausente no outro quarto. O lavatório, por sua vez é completamente distinto do anterior. Embora ambos sejam apresentados com um gomil (jarro) e uma bacia, como alusão à questão asseio pessoal, no da casa enxaimel, este exemplar é feito totalmente em madeira, sem a presença do mármore e sem espelho.

Embora distintos, ambos são representações de como seriam as possíveis configurações de quartos de descendentes de alemães. Na ausência de exemplares de outros grupos que compartilhavam o espaço da cidade naquele momento histórico, através de entrevistas percebemos que, de forma geral, o teuto-brasileiro tinha hábitos bem como peças no dormitório, distintos em sua configuração em relação a outros grupos, como por exemplo o grupo luso-brasileiro. Uma das diferenças diz respeito à utilização de apenas uma cama de casal, pelos luso-brasileiros (GOMES,2005).

Os colchões eram feitos com palha de milho, os cobertores eram forrados com penas de ganso assim como os travesseiros (WAHLE, 1997,p.52). Para os luso-brasileiros, além do colchão de palha, os travesseiros eram forrados com marcela ou camomila e o cobertor era de pena de galinha, sendo a palha e a marcela renovadas de tempos em tempos. Apesar do clima quente, as cobertas eram recheadas com penas. Este tipo de enchimento se fazia necessário, pois outros, como as lãs de carneiro, utilizadas na Europa, estavam sujeitas a serem comidas pelas traças (GOMES,2005).

Já no primeiro ano de casamento o ambiente recebia mais um móvel que ficaria instalado no quarto do casal por vários anos, era o berço do bebê. Este, geralmente, também encomendado a um marceneiro, variava em elaboração conforme o poder aquisitivo, sendo que famílias mais humildes não os possuíam, tendo que o bebê dormir com os pais, na cama de

casal, o que aumentava o risco de morte da criança por sufocamento ou esmagamento involuntário do pai. A permanência do berço é de extrema relevância, considerando que uma jovem, em geral, casava com a tenra idade de dezessete a dezenove anos e tinha filhos mesmo depois dos trinta anos (VIEBRANTZ,1973),nesse sentido de permanências, também é que (re)pensamos a presença do mobiliário. Um berço não está lá, representado nas dependências de uma casa, por mero acaso, ele cumpre uma função, nos fazendo perceber que, além de reproduzir, podemos entender como aquele tipo de sociedade vivia e se comportava.

O quarto era local de vida, onde ocorriam os nascimentos, porém, também era local de morte por vários motivos e, dentre eles, a proliferação de doenças contagiosas. Em Santa Catarina, entre 1932-40 houve vários focos de doenças contagiosas (infecção intestinal, verminose, febre tifóide), sendo a cidade de Joinville, um dos lugares em maior evidência. Nem todos tinham acesso aos cubos, "latas de metal, com tampa, que serviam como depósitos de fezes" (GUEDES, 1996,p.68). Os dejetos fecais eram depositados, próximos de onde eram construídos os poços, com profundidade entre 6 a 7 metros, a água se tornava contaminada, não era potável para beber (ALTHOFF,1979,p.182). Os poços eram comuns, porém não existia encanamento, nem esgoto sanitário, apenas a casinha no fundo, que quase todas as casas da região possuíam, sendo poucas as que tinham banheiro dentro de casa, o que somente depois da década de 1950 vai se tornar mais comum (GOMES,2005).

"Uma mulher, que certa ocasião veio até nossa casa, me disse com ares de censura: Como é que a senhora pode usar sapatos tão bons, durante a semana, no trabalho?" (HERMAN, 2003, p.23). O fato é que a maioria das pessoas andava descalça e contaminava-se com os detritos das estrebarias nos fundos das casas, levando-os para dentro das casas. Desta forma, era pelo desconhecimento da possível proliferação de doenças, causada pela falta de higiene da própria família e mesmo da mãe, a qual se deslocava do contato com os animais ou da roça e, sem limpar-se dava de mamar à criança que, ficavam doentes, chegando até mesmo a falecer (HERMAN,p.25).

As mortes também eram decorrentes dos partos que ocorriam em casa por intermédio das parteiras, muitas das quais sequer possuíam luvas para o trabalho. Nem sempre as coisas ocorriam da melhor forma, quando a criança sobrevivia, o parto poderia deixar marcas profundas para as mães ou mesmo para os recém-nascidos.

Geralmente a mulher ficava em repouso pós-parto no quarto, durante 9 dias, a sogra ou alguma irmã ia ajudar nos afazeres domésticos, enquanto o marido levava as suas atividades normais, permanecendo no mesmo quarto, mas em camas separadas. O bebê ficava até o primeiro ano no quarto do casal, depois desse período cedia espaço para o próximo irmão que estaria para nascer e ia dormir num outro quarto junto com os irmãos mais velhos, geralmente separados entre meninos e meninas. Essa rotina servia tanto a lusos quanto a teuto-brasileiros (GOMES, 2005).

O quarto, para os teuto-brasileiros também era local da higiene e o dia oficial para o banho geral da família era sábado, indistintamente, quer pobre, quer rico. As diferenças socioeconômicas também aparecem aqui, sendo que as famílias mais abastadas possuíam uma mesa com bacia e jarra para se lavar. Podiam ser tigelas de porcelana para os mais ricos, ou, para as famílias com menos condições, apenas uma bacia de zinco na qual se lavavam. Estes objetos ficavam em cima do lavatório.

Algumas famílias não faziam a sua higiene no quarto, sendo que para este fim possuíam na casa um cômodo específico. Estas, para o banho utilizavam uma tina de zinco. No caso do grupo luso brasileiro, a higiene pessoal era feita diariamente com água tirada do poço, em uma bacia, onde escovavam os dentes, lavavam o rosto e tomavam o banho. Havia também um ambiente específico para os indivíduos se lavarem. Não possuíam gomil e a mesma bacia servia para todos os componentes da família lavarem-se (GOMES,2005).

O Guarda-roupas e baú eram dois outros móveis presentes tanto em casa de lusos quanto de teuto-brasileiros.

Meu marido encomendou alguns móveis em Joinville e, eu estava feliz que poderia salvaguardar nossa roupa das baratas. Estas baratas nojentas, maiores e mais achatadas que um besouro, perfuram a roupa, principalmente, onde tem alguma mancha. Em que estado ficam os livros! A encadernação às vezes fica totalmente carcomida, caso manuseada sem a capa de proteção. Se um armário não estiver bem fechado ou se ficou aberto durante algum tempo, certamente as baratas entram, raspam a madeira para grudarem seus ninhos (HERMAN,2003,p.11).

Os baús já estavam presentes quando dos deslocamentos dos imi-

grantes de sua terra de origem para o Brasil, mesmo aqui, já instalados, os imigrantes ao deslocarem-se a cidades próximas levavam estas "malas". Cabe frisar que os baús se faziam presentes tanto em casas de famílias abastadas como as mais humildes, quer de origem germânica ou lusa. O mesmo servia para guardar roupas de cama e peças íntimas, era um móvel em madeira, geralmente trancado a chaves e também podia carregar fotos de família, roupas, moedas durante o translado – aos pés da cama servia, ao longo do tempo como guardador de roupas pesadas ou documentos, os quais eram colocados dentro de pequenas caixas. E sobretudo eram guardados vestidos e roupas de maior valor para evitar que as traças roessem.

Considerações Finais

Diante do exposto, vislumbramos algumas possibilidades de diálogo que os objetos em exposição em um museu podem nos legar. É possível deslocar o objeto de uma exposição, como um fim em si e transportá-lo para o seu tempo, buscando extrair do mesmo a própria história. Ainda que uma exposição seja excludente, privilegiando certos grupos e agentes sociais, é possível elaborar um trabalho de interação e inserção social. O objeto passa a ser um documento que permite, através de relações com outros documentos, trazer à tona outras "verdades" e produzir ou (re)produzir as interações em um contexto do qual o mesmo foi extraído. Dessa forma, o fetichismo, bem como o caráter romantizado que faz referência ao que é precioso e que privilegia as classes dominantes passam a ser objetos do conhecimento. Com esta perspectiva pode-se conceber um processo de educação através do patrimônio sendo que entre os aspectos mais importantes desta mudança destaca-se a discussão sobre o caráter do sujeito que, de uma posição contemplativa e passiva, passa a uma posição de sujeito ativo e agente capaz de transformar a realidade social.

Diante dessa perspectiva, a breve exposição que fizemos sobre o mobiliário, suas funções e relações tanto com os aspectos do cotidiano, como com a questão cultural se inserem como um viés a ser contemplado numa perspectiva que não é nova a cerca da instituição Museu e na qual se propõe um museu exercendo um papel pedagógico, tratando de instruir o público no que se refere ao modo de olhar, observar e principalmente valorizar os objetos, agregando pelos mesmos uma nova leitura acerca da reali-

dade presente, proporcionando um olhar diferenciado às coisas do cotidiano que passam desapercebidas, mas que podem servir no processo transformador dos indivíduos e da sociedade.

Referências

ALTHOFF, Reinoldo. Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau. Blumenau em Cadernos, t. XX, n.1,p.181-184, jan. 1979.

COELHO, Ilanil. É proibido ser alemão: É tempo de abrasilerar-se. In: GUEDES, Sandra P. L. de Camargo (org.). **História de (I)migrantes:** O cotidiano de uma cidade. Joinville: UNIVILLE, 2000.

DENIPOTTI, Cláudio. Revista de História Regional. Vol.1, n.1, 1996. Disponível em: http://www.rhr.uepg.br/v1n1/sumario%20v1n1.htm Acesso em: 15 abr.2005.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. Joinville: A cidade dos museus. Revista da Univille, Joinville, v. 6, n.2, dez. 2001.

_____. Instituição e sociedade: A trajetória do hospital municipal de Joinville 1852-1971. Joinville: Movimento & Arte,1996.

HERMAN, Clara. As vivências de Clara Herman. Blumenau em cadernos, t.XLIV, n.1/2, jan/fev. 2003.

. Blumenau em cadernos, t.XLII, n.3/4, p.09-25, mar/abr. 2003.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1992.

POSSAMAI, Zita Rosane. Nos bastidores do Museu: Patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre: EST, 2001.

VIEBRANTZ, Clara Züge. Uma Crônica Familiar. Blumenau em cadernos, t. XIV, n.1, p.212-215, 1973.

WAHLE, Sigfried Carlos. A vida do colono. Blumenau em cadernos, t. XXXVIII, n. 10, p. 52, out. 1997.

ZIMMER, Roseli. Celebrações de casamentos de 100 anos atrás em Pomerode. Blumenau em cadernos, t. XLVI, n.03/04, p. 100,111-112, 2005.

Entrevistas

BÖBEL, M. T. E. Maria Thereza Böbel: depoimento [out. 2003]. Entrevistadores: Diego F. machado e Eleide A. G. Findlay. Joinville, 2003. 1 fita cassete. Entrevista concedida para o projeto de pesquisa "Memória e Identidade: O Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville e a reafirmação da identidade local". LHO/Univille.

GOMES, S. Sebastião Gomes: depoimento [out. 2005]. Entrevistador: David de Abreu Camilo. Joinville, 2005. 1 fita cassete. Entrevista concedida para o projeto de pesquisa " O Quarto joinvilense no início do século XX – Mobília: Entre o Mármore e o Simples Baú". LHO/Univille.

Vicente Só e a exploração do ouro

Saulo Adami 1

Artigo

"Nos vastíssimos terrenos que hoje abrangem os municípios de Brusque e de Nova Trento e o de Blumenau, do Belchior para cima, tudo era mata virgem. Não havia nenhum habitante, a não ser os selvagens", lembra Antônio da Costa Flores²: "Quem primeiro morou no ponto em que está a sede de Brusque foi Vicente Ferreira de Mello, por apellídio Vicente Só: andando a caçar, achou o logar muito bonito e fez um rancho no alto do morro em que hoje se vê a egreja catholica. Mas não podendo continuar a viver lá, veiu com a família aqui para a Coloninha, onde terminou os seus dias".

Pensar que Vicente Ferreira de Melo (ou Mello) abalou-se de Itajahy para o lugar que hoje conhecemos como o centro urbano de Brusque apenas para pescar e caçar é, obviamente, ingenuidade. Isso porque não havia lugar mais farto de peixes do que Itajahy, onde também não lhe faltavam matas para explorar e caça para caçar.

Para o historiador Ayres Gevaerd³, Vicente Só "provavelmente foi outro minerador. Sua pre-



¹ Escritor. Co-autor do livro Brusque: Cidade Schneeburg (Itajaí: S& Editores, 2005), com Tina Rosa. Contatos: steditores@bol.com.br.

Jornal Novidades (Itajaí, 23 de junho de 1907).
 GEVAERD, Ayres. Ouro no Vale do rio Itajaí-mirim. In: Notícias de Vicente Só, número 14, abril/junho de 1980.

sença, segundo as crônicas, foi o gosto pela natureza e a beleza do local em que se acha a cidade de Brusque. Entretanto, como ninguém pode viver em eterno sonho, contemplando as belezas naturais, Vicente Só' teria sido mais um garimpeiro, cuja frustração só viria no fim de seus dias".

Gevaerd relata que desde 1651 contavam-se histórias da existência de ouro nas cabeceiras do rio Itajaí. Entre os exploradores, estava Salvador Pires, filho de Francisco Dias Velho Monteiro, fundador da vila de Dester-

ro, atual Florianópolis.

Quanto à exploração do ouro no rio Itajaí-mirim, o mais antigo relato registrado por Gevaerd é de 1727: "O sargento mor de Carollamna, Francisco de Souza Faria, encarregado da abertura de um caminho que devia ligar Laguna a Curitiba, iniciado em fevereiro daquele ano, partindo dos Conventos e subindo a Serra do Mar, em carta que dirigiu ao P. Mestro Diogo Soares, faz referência às ricas minas de Taió. Em um trecho de sua carta refere-se ao nosso rio: "(...) pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que vai buscar as cabeceiras do dito morro Taió, o qual morro é baixo, redondo e agudo com sua campina ao pé e tem este feitio. Tem também uma campina da banda norte e da banda do sul mato grosso carrasquenho, pelo pé deste morro podem buscar ouro; quando não se queiram alongar para os matos do mar, não seja pela parte do sul, seja pela parte do nordeste que daí manam as cabeceiras todas do Itajaí-mirim que não poderão deixar de achar ouro".

"A julgar pelos nomes geográficos, designando rios e lugares no valle do Itajahy, parece que nesta zona houve, nos seus começos, muitas minas, ou ao menos muitas tentativas de exploração de metais preciosos", pondera o redator do Novidades⁴: "Temos o Ribeirão do Ouro, em Brusque, o Ribeirão das Minas, nas divisas de nosso município com Blumenau, o Ribeirão da Prata, afluente do Luiz Alves, o Brilhante, na estrada de Brusque etc. Não se compreende que os primeiros povoadores desta zona tenham posto essas denominações sem razão alguma que as justificasse. O que se deu foi a obliteração, com o tempo, da origem desses nomes. Assim como nós, muitos leitores, ao ouvirem o nome de Ribeirão do Ouro, nos últimos tempos tão freqüentemente declinado, por causa das jazidas calcárias aí existentes e onde se pretende estabelecer uma fábrica de cimento, hão de

⁴ Itajaí, 27 de fevereiro de 1910.

ter ficar sobre o motivo porque deram àquele pequeno manancial que corre no extremo sertão de Brusque o nome do cobiçado metal".

O jornalista do Novidades relembra a história de Ribeirão do Ouro: "Há uns 70 anos atrás, pelos começos de 1840, quando toda a região que constitui hoje o município de Brusque era um sertão bravio, habitado pelos selvagens, apareceram aí três irmãos vindos dos Estados Unidos da América do Norte". Eram Robert, August e Leweson Leslie, que vieram procurar as minas de ouro. "Depois de terem cruzado todo nosso sertão, permaneceram durante alguns meses às margens de um córrego, afluente do pequeno Itajahy, e onde, segundo diziam, haviam encontrado ouro, tendo extraído e levado consigo uma boa quantidade desse metal".

A notícia se espalhou, "e quando, anos depois, moradores se foram estabelecer perto do ribeirão junto ao qual os três irmãos americanos haviam minerado, batizaram o riacho, em virtude daquela tradição, com o nome de Ribeirão do Ouro". Quanto aos irmãos Leslie, apenas Leweson – que foi morar em Ilhota e ficou conhecido como Velho Lessa – per maneceu no Brasil, os outros dois regressaram à pátria natal. O Velho Lessa morreu em 1909.

"As considerações que podem ser tiradas, são simples", na opinião de Ayres Gevaerd: "Não restam dúvidas, em face da aventura dos três americanos, que ao regressarem dois aos Estados Unidos, a notícia da existência de ouro no Itajaí-mirim teve repercussão. E a vinda, em grande número, de irlandeses, ingleses e norte-americanos, a maioria 'recolhidos' em Nova York, em 1867, para Rodger Road, na Colônia Príncipe Dom Pedro, tem coincidência. Documentos viriam comprovar os fatos e não são poucos os registros feitos".

A decepção dos mineradores deve ter sido tão grande quanto sua busca, pondera Gevaerd, ao lembrar que o Itajaí-mirim não era nenhum segundo Alaska ou uma segunda Califórnia: "O ouro era de aluvião, cuja procura requer trabalho paciente. A descoberta de um filão ou jazida compensadora era uma questão de sorte, e, caprichosa como ela só, talvez tenha bafejado um reduzidíssimo número de pesquisadores".

Antes da chegada do barão austríaco Maximilian von Schneeburg, colonizador de Brusque, existia apenas a floresta – e o morador mais conhecido era Vicente Só. Naquele tempo, "as terras das margens do rio Itajaí-Mirim já eram habitadas por alguns brancos, verdadeiros aventureiros e desbravadores da floresta, os autênticos pioneiros que movimentavam a vida econômica da região havia quase dez anos", como revelam as pesqui-

sas de João Carlos Mosimann⁵. Entre 1855 e 1860, quatro engenhos estavam em pleno funcionamento, na então localidade de Vicente Só, sendo seus proprietários Peter Josef Werner, Franz Sallenthien, Rheinhold Gaertner (Barra de Águas Claras) e Johann Paul Kellner (Pedras Grandes). Para Mosimann, Werner e Kellner "podem ser considerados os verdadeiros pioneiros de Brusque". Werner era pai de Maria, primeira criança nascida no Itajaí-Mirim, em 1856. Kellner, Gaertner e Sallenthien eram oriundos da colônia Blumenau, e Werner, da colônia de São Pedro de Alcântara.

Mosimann afirma que o envolvimento "de outros trabalhadores na retirada e beneficiamento da madeira implicava na existência de, pelo menos, alguns poucos habitantes, moradores próximos das serrarias", mencionadas como "engenhos". O transporte da madeira beneficiada era feito "através de balsas pelo rio, única via de transporte", empregando a mão-de-obra de outros operários. "No final de 1855 havia, no mínimo, sete moradores em Pedras Grandes: Kellner e seu irmão Adolf, um belga, um suíço com sua mulher e mais dois trabalhadores contratados. A Barra de Águas Claras (engenho de Sallenthien) também comportava um pequeno núcleo habitacional. As terras do rio Itajaí-Mirim não eram, portanto, tão inabitadas e devolutas como se poderia imaginar. Paul Kellner, ao requerer terras em 1853, só as conseguiu em Pedras Grandes, a meio caminho entre as atuais Dom Joaquim e Botuverá".

Outros documentos daquela época citam outros proprietários de terras, "mas não existem indicações de que estivessem estabelecidos fisicamente no Itajaí-Mirim antes da fundação de Brusque. Boa parte deles requeria as terras para mera especulação. Além dos quatro conhecidos latifundiários, havia João Carlos Read, por exemplo, com vasta área de terras na margem esquerda. Suas terras situavam-se entre o rio, as terras de Peter Josef Werner, junto à futura sede, e a localidade de Bateias. As terras de Read que foram motivo de muita briga com a direção da colônia, demoraram a ser negociadas, constituindo a chamada Fazenda da Limeira, entre o ribeirão do Poço Fundo (Peterstrasse) e o ribeirão do Schleswig. O latifundiário Matheus Palm, sogro de Peter Josef Werner, e seu filho mais velho, Peter Palm, oriundos também de São Pedro de Alcântara, eram donos de terras também em Pedras Grandes, à margem direita do Itajaí-mirim, em-

⁵ ADAMI, Saulo; ROSA, Tina. Brusque: Cidade Schneeburg (Itajaí: S&T Editores, 2005).

bora não habitassem no local. Outros proprietários, a maioria de Itajaí e de sobrenome luso, detinham a posse de áreas menores às margens do rio, na direção do litoral".

Os primeiros 55 imigrantes trazidos pelo barão von Schneeburg desembarcaram em Itajaí em 25 de julho de 1860, acompanhados do presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque. Em 31 de agosto de 1860, Schneeburg iniciou assim seu primeiro relatório ao presidente da Província: "Tenho a honra de levar ao conhecimento de Va. Exa. que em 4 de Agosto corrente, 5º dia de viagem pelo Rio d'Itajahy-Mirim acima, cheguei com a 1^a turma de 55 colonos com bom tempo e com muito zelo conduzidos pelo contrahente Pedro Werner (vulgo: Pedro miúdo) ao lugar Vicente-Só, cujo proprietário Pedro José Werner os agasalhou com o melhor recebimento no seu espaçoso engenho de farinha. Tratei logo de inspecionar o logar da Colônia, construí 4 ranchos grandes e um armazém de mantimentos com a despeza, que se vê na tabella junta de jornaes, e algum taboado marcado na conta corrente da Caixa. As piccadas antigas das medições, estão quase todas fechadas por capoeiras e sem novo limpamento intransitáveis, exceptuando parte da Merediana e algumas ao Oeste da mesma ultimamente limpadas".

Ainda a respeito de Vicente Só, nada consta no Arquivo Histórico de Itajaí. Isso nos leva a crer que Vicente Só tenha morrido antes de 1871 (ano da abertura do mais antigo livro de óbitos da Parochia do Santíssimo Sacramento de Itajahy). Os mortos de Itajaí eram sepultados no cemitério localizado onde hoje está construída a igreja matriz, o cemitério colonial que já não existe mais.

Mas, se Vicente Ferreira de Melo era conhecido como Vicente Só pelo barão Maximilian von Schneeburg, não poderia ter ele um outro nome? É provável que Vicente Só tenha tido filhos, e não seria improvável que um de seus filhos tivesse sido registrado com seu nome. Porque localizamos⁷, no Arquivo Histórico de Itajaí, o seguinte registro: "No dia 21 do mez de Abril do anno de 1892, sepultou-se no Cemitério público d'esta Cidade o cadáver do innocente Sebastião, com 3 mezes, filho legítimo de Manoel Vicente Ferreira de Mello e Clementina Pulchevic Roza, sendo a causa da morte Febre".

⁶ ADAMI, Saulo; ROSA, Tina. Brusque: Cidade Schneeburg (Itajaí: S&T Editores, 2005).

⁷ Livro de Óbitos da Parochia do Santíssimo Sacramento do Itajahy (1871-1910).

História de vida - Franz Brack

Entrevista

O entrevistado desta coluna é o Senhor Franz Brack, um alemão que chegou em Blumenau na década dos anos vinte. Sua história perpassa pelo período da Primeira Guerra Mundial, destacando as dificuldades enfrentadas pela família com a convocação do pai para os campos de batalha, a perda de todos os bens materiais da família e a decisão de emigrar para o Brasil, em decorrência da grande inflação alemã de 1923.

Franz Brack foi um colecionador de Selos. Mantinha um considerável acervo fotográfico, todas as fotos eram muito bem identificadas, e, sobre cada uma havia uma história. Sua participação na vida cultural de Blumenau foi muito intensa. Foi um tenor de voz muito afinada, participou de operetas, corais e apresentações no Theaterverein Frohsinn. Secretariou por mais de 25 anos as reuniões do Teatro Carlos Gomes. Enfim, foi um dos atores da história de Blumenau que merece ser lembrado. Com o seu falecimento (1997), esta voz silenciou-se. Ao publicar esta entrevista, pretende-se reavivar a lembrança daqueles que o conheceram e relatar aos leitores um pouco da história deste imigrante que veio com





seus pais em busca de uma nova vida. O depoimento foi gravado, no dia 13 de maio de 1976, pela professora Sueli Maria Vanzuita Petry. A transcrição original encontra-se no acervo de História Oral do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva.

S.M.V.P. - Sr. Franz Brack, antes de iniciar a entrevista gostaria de pedir sua autorização para posterior transcrição e uso para futuras pesquisas.

F.B. - Atendendo ao que me foi solicitado, estou inteiramente à disposição para responder de viva voz para corresponder às

normas estabelecidas e dou autorização plena e integral para fazer uso dessa entrevista para fins de pesquisa.

S.M.V.P. - O senhor poderia identificar-se, por gentileza?

F.B. - Pois não. Nasci na Alemanha no dia 6 de janeiro de 1912, na cidade de Kitzingen. Resido aqui no Brasil desde janeiro de 1924, ainda estou com a cidadania alemã. Meus pais chamam-se Georg Brack e Cristine Brack, já são falecidos. Nós éramos em três irmãos. Um irmão, o Joseph Brack, falecido em Porto Alegre, e outra irmã Grete Brack, residente na Alemanha, na cidade de Feitzburshtheim, perto da cidade de Weitshoechheim.

S.M.V.P. - Sr. Franz, poderia nos relatar alguns fatos de sua vida?

F.B. – Dois anos depois de meu nascimento, houve o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. O meu pai tinha, na cidade de Kitzingen, uma fábrica de móveis de estofados bem estabelecida. Eu era entre os meus irmãos, o mais velho. Logo no início da Guerra, meu pai foi convocado para o serviço militar. Os anos vinham passando e durante a Guerra foram tempos bastante difíceis, se bem que eu não recorde assim de detalhes. A minha mãe, na medida do possível, continuava a dirigir a

fábrica do meu pai. Enfim, todos nós tivemos que nos ajustar às dificuldades e às privações que uma guerra impunha a todo cidadão. Com o fim da Guerra em 1918, recordo muito bem quando meu pai voltou, foi um novo começo de vida, um novo começo, enfim, de tudo o que a Guerra destruiu. Quero dizer destruiu, e deixou tremendas conseqüências. Foi o tempo em que também tive que ir para a escola, e os acontecimentos naturalmente foram se desenvolvendo. Os feitos do pós-guerra, como a fome, as privações, a miséria, enfim, tudo isso nós passamos.

Recordo-me muito bem, que naquela época, por exemplo, não havia pneumáticos, e as bicicletas foram dotadas de rodas de ferro; não assim rodas de ferro ao redor. Ao invés de pneumáticos tinham uma camada de uma outra folha de metal, embaixo, fixada com pequenas molas para que os choques não fossem tão grandes. Recordo também, quando não tínhamos carne para comer. Ali as lingüiças foram feitas de matéria artificial. Para o pão não havia trigo. O pão era feito de uma massa artificial. Havia na agricultura... um... agora não me recordo muito bem, era um... como poderíamos dizer, aqueles "steckrüebe" - eu digo isso em alemão porque não há uma expressão para o português.

Enfim, tudo isto nós passamos com as maiores privações, e tudo pensávamos que ia muito bem. A ocupação não atingiu a região onde nós morávamos, na Bavária. Mas, os nossos parentes na Renânia, naturalmente estavam sofrendo a ocupação francesa. Surgiram também na nossa região as companhias de forças estrangeiras, e a influência, evidentemente, não podia deixar de ceder às suas conseqüências, e também de certa forma havia as represálias. Não estávamos livres, nada disso. Surgiram então, neste campo, enormes dificuldades, contradições, principalmente rivalidades e ódio. Tudo isto aconteceu dentro de uma tensão tremenda, se criou aquela insegurança, aquele medo, enfim. Mas, veio aí, a partir de 1919, o começo da inflação. Talvez hoje não possamos compreender o que era aquela inflação.

Éramos ainda crianças e não poderíamos de modo algum interpretar, nem compreender as consequências do que poderia ser uma inflação, ou talvez até onde iria esta inflação que começou em 1919.

Naquela época eu ainda era criança, tinha 7 anos. Foi a época que tínhamos que ir para a escola. Todas as dificuldades foram enfrentadas, os pais também, principalmente as financeiras. Tudo era difícil. Mas a luta continuou e todo cidadão teve forçosamente que se sujeitar a essas intempéries e tudo o que a situação pós-guerra provocou. Era uma decadência total, como infelizmente ocorre no mundo atual, quando tais acontecimentos e revoluções ocorrem.

Mas talvez seria uma passagem interessante comparar aquilo que nós passamos na nossa pátria e aquilo que nós vivemos aqui. Afinal, foi justamente esta, a inflação, que nos obrigou a deixar nossa terra para procurarmos aqui no Brasil uma nova pátria. Eu gostaria que se levasse em consideração um trabalho que eu fiz quando morava, durante vinte e um anos, em São Bento, aqui em Santa Catarina.

Eu era fervoroso colecionador de selos e então elaborei um trabalho muito interessante, que, talvez, possa explicar melhor a inflação na Alemanha, de 1919 a 1923. Aliás, inflação é hoje um tema que preocupa todo o mundo, e naturalmente, nós aqui estamos sentindo de perto.

Então pediria permissão para que ligeiramente, ou dentro daquilo que o tempo permite, relatar um pouco do que é inflação e os efeitos que a inflação nos traz e que sentimos de perto. Eu queria apenas antecipar que a inflação chegou ao auge em novembro de 1923. Muito bem me recordo ainda quando minha mãe pedia, ou me mandava comprar pão. Digamos o pão, é o pão de cada dia, que nós precisamos. Eu saía de casa com duas malinhas cheias, cheias de dinheiro somente para comprar um pão. Mas, quando chegava ao padeiro, esse dinheiro não valia mais para receber o pão, e tinha que voltar, buscar mais dinheiro e outra malinha para então receber o pão. Apenas para exemplificar o que é que foi a inflação naquela época que eu mesmo vivi pelo que eu mesmo passei.

E quando nós partimos, então nós vimos este mesmo dinheiro, estava exposto nas vitrines para ser vendido como papel velho.

O dinheiro naquela época então valia apenas de uma hora para outra. Não se podia de maneira nenhuma estabelecer uma norma. O dinheiro em um momento valia tanto, já uma hora depois não tinha mais valor nenhum. Tanto é que, como posso mostrar em dinheiro que eu tenho aqui, que na época cada cidade emitia o seu próprio dinheiro. Tinha as próprias impressoras onde cada cidade emitia sua própria moeda. A mesma coisa aconteceu, por exemplo, nos selos, na coleção que há pouco me referi. O correio, o departamento dos correios, apenas emitia o modelo, o simples modelo de um padrão de selo, o de cor, e o número. Ou melhor, os valores sempre iam sendo inseridos, na medida em que o porte de uma carta fosse alterado. Então nós temos aqui, por exemplo, como Dona Sueli está verificando, uma folha que nós estamos ilustrando, com o valor máximo jamais emitido por um país, que um porte chegou ao valor de cinqüenta bilhões de marcos, não é isso? Cinqüenta... é: cinqüenta bilhões de marcos.

ķ

Esta folha, Dona. Sueli... Para comprovar, poderia facilmente dar autorização para fazer um xerox e comprovar o que aqui está na nossa frente. Temos o valor, aqui, máximo de 5 bilhões, de dez, de vinte e de cinqüenta bilhões. Agora, estes selos mesmo só estavam em circulação durante poucas horas, muito poucas horas. Por isso, que este selo de cinqüenta milhardes – justamente tem o valor apenas carimbado; porque sem carimbo, existem aos milhões; mas carimbado é muito difícil de encontrar.

Estou apenas ilustrando para fortalecer e argumentar o que foi a inflação. Talvez estou fugindo um pouquinho daquilo que faz parte deste trabalho. Um outro exemplo: Eu tinha um tio que era chefe de Estação da Estrada de Ferro, perto de nossa cidade natal Kitzingen. Eu me recordo muito bem quando o meu pai precisou viajar. Ele tinha levado só duas malas, e a viagem não era muito longe, era pertinho. O pai tinha levado então duas malas de dinheiro na certeza de que pudesse voltar. Mas, quando chegou à estação, pagou a passagem com todo o dinheiro que ele tinha na mala, e não tinha mais dinheiro para regressar. E isto era uma viagem de trem que ia de manhã e voltava à tarde. Somente pela posição do tio, que se chamava Franz Boesel, e sendo ele o chefe da estação, assumiu o compromisso para que meu pai, mesmo sem dinheiro, pudesse então voltar de viagem. Mais uma

vez um testemunho do que disse há pouco: o dinheiro desvalorizava-se de uma hora para outra.

Mas, voltando à minha infância: As dificuldades vinham-se agravando de uma forma que ninguém sabia mais o que fazer. Não havia mais condições. Os operários eram pagos de hora em hora, para que pudessem pelo menos comprar o pão de cada dia que eles precisavam para a manutenção de sua família. Os tempos se foram, e entram evidentemente também, como é lógico e natural os problemas políticos. Partidos surgiram, os da direita, mas a influência do outro lado também era muito grande. A rivalidade e o ódio tomaram conta. Tanto é que todos nós sentíamos a impossibilidade de uma saída dessa situação, dessa incrível situação que em palavras dificilmente se poderá transmitir, relatar ou reviver. Uns e outros até podem dizer que exageramos, que cometemos um exagero. Enfim, surgiu então, a idéia de nós deixarmos a nossa terra e procurarmos nova vida no exterior, em outras terras.

Eu me lembro ainda que na época recebemos a visita de um parente, eu não me recordo bem se era cunhado, enfim, não me recordo bem o grau de parentesco de um casal que tinha vindo de Angola. E é claro que dentro destas dificuldades que todos nós passávamos, o meu pai muito se deixava influenciar por pessoas estranhas. E assim, ele deixouse influenciar por este chamado parente e concretizou-se então a nossa imigração para Angola. O pai resolveu vender suas propriedades, e tudo estava pronto. A nossa bagagem já estava no porto de Hamburgo. Eu tenho ainda aqui presente a lista de bagagem do Vapor Baden. Eram trinta e três caixotes. Havíamos trazido panelas, enfim tudo, até carros, material, justamente material que o pai precisava para sua profissão. Naturalmente o pai queria novamente se estabelecer no exterior, cidade de destino ou outras terras. Então nosso destino estava marcado para Angola, a colônia portuguesa. Tanto é verdade que nós temos ainda aqui conosco objetos que deveríamos levar para este parente em Angola, que é uma peça muito valiosa: uma cruz feita à mão num dos presídios da colônia, uma das colônias africanas. Um objeto muito valioso. Vou mostrar isto para a Dona Sueli, para argumentar e testemunhar. E, no último instante o meu professor da Escola do Ginásio, que era o prof. Beibar, de Geografia, conseguiu, embora já anteriormente houvesse feito os maiores esforços, convencer meu pai que não fôssemos para a colônia portuguesa ou para a Angola, mas que mudássemos o nosso destino para o Brasil, e precisamente para Blumenau. Toda a nossa bagagem, como disse há pouco, já estava no porto de Hamburgo e consignada à Verman Linha (Woermann Linie). Foi toda ela então, redestinada para o Brasil.

Aqui está, Dona Sueli, em condições da senhora, pessoalmente, estar apreciando um documento original do cartório da cidade de Kitzingen, quando em 16 de novembro de 1923, o meu pai vendeu a sua propriedade. Apenas para exemplificar os números: diz aqui, na rubrica, primeira o preço da venda, não o preço de compra naquela época, convertido pelo valor daquela época, em 1918, quando meu pai havia comprado era de ... bem, vamos ver aqui se conseguimos citar os números: 238 trilhões, não é isso? 238 trilhões de marcos. E então acrescido a este valor os juros, como diz aqui ... é, juros devido às épocas de 1919, de 1920 e 21.

Então chegamos a uma soma de hum mil, quatrocentos e quarenta e dois trilhões de marcos. Somente as despesas de cartório, que pelo menos eu compus aqui, que conclui aqui, são 47 trilhões e duzentos e vinte e dois bilhões de marcos. Documento autêntico, se necessário está à disposição para fazer um xerox, enfim, aqui pode fazer uso conforme bem entender.

Quando, em novembro de 1923, saímos do porto de Hamburgo, ou melhor, quando embarcamos pelo vapor Baden, em Hamburgo, com destino ao Brasil, justamente neste dia é que surgiu a chamada Rentenmark. Infelizmente não estou em condições de designar uma expressão em português. É uma nova reforma monetária que naquela época o governo alemão havia estabelecido. E esta chamada Rentenmark então estabilizou; esta emissão entrou em vigor, como diz aqui no meu trabalho, no dia 1ª de dezembro de 1923. E mais tarde então surgiu o Reichsmark, o marco alemão.

E com isso também se estabilizou novamente a moeda alemã. Apenas

estou agora ilustrando, lendo de viva voz o final do meu trabalho: "Ilustramos isto pelos seguintes selos emitidos em 1ª de dezembro de 1923, que apenas trazem o número do valor, porém sem indicação da moeda. Utilizados para esta série, foram selos de emissão anterior, e os números apresentam Pfenig".

S.M.V.P. - Houve esta pequena interrupção para troca de fita.

F.B. - Embarcamos em Hamburgo no vapor Baden, com destino ao Brasil. As primeiras escalas foram então, o Porto Bilbau, na Espanha, depois com escala num porto de Portugal. Eu acredito que tenha sido Porto mesmo, não me recordo bem, mas em seguida fomos a Las Palmask, de Las Palmas, então com destino direto ao Rio de Janeiro. O Vapor Baden era um tipo de navio que apenas tinha classe única destinada para imigrantes, de modo que depois de terem ainda se associado centenas de imigrantes da Espanha com destino à Argentina, o vapor estava totalmente lotado em classe única, em salas grandes. Era tudo misturado.

Enfim, chegamos ao Rio. Depois de embarque no porto do Rio de Janeiro, fomos para a Ilha das Flores. Na ilha das Flores havia grandes galpões, especialmente construídos para abrigar todos os imigrantes que vinham do exterior.

Estes tinham que se submeter aos exames. Meu pai sempre tinha que se locomover para o Rio de Janeiro para conseguir a liberação da bagagem, a qual como já disse antes, era bastante volumosa, contendo vários caixões. Enfim havíamos trazido tudo, como disse. Porém, ainda ficaram lá vários volumes que continham, por exemplo, panos que meu pai precisava, para a sua profissão de estofador. No Rio então embarcamos no Vapor Capela que nos levou, via marítima, até o Porto de Florianópolis. Chegando lá - naquela época não ainda existia a ponte - tivemos que então atravessar o Estreito para então sermos acolhidos no Rancho dos Imigrantes. Lá, novamente via marítima, fomos até o Porto de Itajaí pelo Vapor Ana, que era da Cia. Navegação Hoepke. Em Itajaí, depois de desembarcados, fomos para o Hotel Lippmann. Lá já éramos menos porque os outros tomaram rumo diferente, e nós

fomos diretamente para o Vapor Blumenau. Fomos pelo rio Itajaí acima, no Vapor Blumenau, que naquela época puxava várias lanchas que transportavam cargas. E, depois de escala em Ilhota e Gaspar, chegamos a Blumenau, no dia 4 de janeiro de 1924.

S.M.V.P. - Como foi a sua chegada em Blumenau?

F.B. - Bem, Sueli. De fato esta é uma pergunta muito interessante. Quando nós chegamos em Hamburgo, evidentemente como a bagagem estava sendo destinada para a Angola, forçosamente tínhamos que permanecer alguns dias em Hamburgo para regularizar a mudança do destino da nossa carga para o Brasil. E aí, durante toda esta nossa estadia em Hamburgo, meu pai teve conhecimento de uma organização Franciscana, e, além disso, soubemos, através desta Organização, da existência da denominada Hanseatische Kolonisationsgeselschaft. Era uma Organização de Colonização com sede na Alemanha, mas com ramal e com agências espalhadas por aqui e, principalmente, na região de Hansa Humbold, como antigamente chamava-se a Ibirama. De modo que, através disto já tínhamos relações e já sabíamos de antemão, que havia alguém com quem poderíamos entrar em contato, quando da nossa chegada aqui em Blumenau. E é o que aconteceu de fato, porque esta organização Franciscana tinha, ou mantinha um Hotel que era o Hotel São José, naquela época de propriedade dos Franciscanos e que abrigava os imigrantes. Foi onde, nos primeiros dias, nós nos hospedamos.

S. M.V. P. - Este hotel em que o Sr. residiu ficava em que local?

F.B. - O Hotel São José ficava justamente no lugar onde hoje é o acesso da ponte do rio Itajaí, (Ponte Adolfo Konder). Quer dizer, bem nas imediações do Colégio Santo Antônio. Este Colégio estava sob a orientação dos Franciscanos, aqui de Blumenau. E assim, tivemos também o primeiro contato com a Congregação Franciscana, durante toda a curta permanência no Hotel São José.

Chegando aqui, naturalmente o primeiro passo de meu pai foi procurar se estabelecer. Tivemos contatos familiares. Como o destino é interessante! O primeiro contato que tivemos, foi justamente com a família da minha senhora, e não poderia imaginar que, anos mais tarde uma das filhas do Sr. José Maria Flesch fosse então tornar-se minha esposa.

O esforço do meu pai de procurar alguma casa, alguma propriedade, de fato foi coroado de êxito. Então nós adquirimos uma propriedade justamente onde hoje, estão instaladas a redação e as oficinas do Jornal de Santa Catarina. Todo começo é, naturalmente, difícil e para nós foi pouco mais, porque não conhecíamos a língua. E para contornar esta lacuna, meu pai empregou em seguida um velho caboclo. Desculpe esta expressão, mas um caboclo por demais simpático, uma pessoa, nosso amigo Silva, um velhinho, figura espetacular que eu gosto de manter na memória. Ele não sabia nenhuma palavra em alemão, como nós também pouco sabíamos em português, embora na Alemanha, mesmo antes da partida já tivéssemos aulas, porque nosso destino primitivo era a Angola onde também se falava Português. Mas depois de poucas semanas, já estávamos à altura de poder conversar e dialogar. E assim ligeiramente adquirimos o conhecimento da língua pátria (eu digo pátria porque o Brasil é a minha segunda pátria). Também meu pai fez o possível para que eu frequentasse a escola, que foi o Colégio Santo Antônio. A minha frequência na escola foi bastante curta. Acredito que nem foi um ano. Mas, enfim, o pai precisava alguém que o ajudasse na fábrica, principalmente com o relacionamento da língua. E assim fui obrigado, desde cedo, já praticamente com os meus 13-14 anos, entrar na vida real, ajudando o pai. E assim, fui designado para tratar dos negócios fora de Blumenau, em outras cidades.

E a fábrica do meu pai já progredia. A velha casa que havíamos adquirido foi ampliada, foi construído um anexo para a própria fábrica para instalação das máquinas, oficinas. Tudo o que foi necessário. Mais ainda um novo edificio para a loja. E tudo parecia muito bem, graças a Deus, com todo esforço, e parecia-me também que as primeiras dificuldades haveriam de ser vencidas. Infelizmente, no Natal de 1926, tudo foi destruído. Todas as nossas propriedades, tudo o que nós possuíamos, móveis, enfim, tudo foi tomado por um incêndio que

destruiu a casa. E nós, crianças, dormíamos no sótão. Os pais dormiam embaixo. Quando notamos o incêndio, como se tratava de um prédio muito velho, já não tínhamos mais condições de descer pela escada, e, fomos obrigados a pular pela janela. Os vizinhos que nos ajudaram e procuravam salvar o que fosse possível. Então estenderam panos embaixo e lá de cima pulamos. Salvamos, graças a Deus, nossa vida e só o que tínhamos no corpo.

S.M.V.P. - Depois desse incêndio como foi a vida de vocês em Blumenau?

F.B. - A vida continua e continuou. Eu acredito que, naquela época não tínhamos ainda esta interpretação, este pensamento da própria vida como a temos hoje. Mas, mesmo assim, tínhamos uma tremenda confiança em nós mesmos. Lutamos, reconstruímos e a nossa vida continuou com todo o esforço, com toda a dedicação. E tudo ia também aparentemente normal, se bem que as dificuldades financeiras tomavam um rumo bastante delicado, bastante sério porque tínhamos que começar uma vida nova. E ainda mais naquela época, os que vinham de fora não gozavam desta assistência e também não tinham esta segurança, porque tudo era novo. Também havia, infelizmente, alguns de nossos próprios compatriotas, que se aproveitaram muito mesmo desta situação. E destas situações, infelizmente, também o meu pai foi vítima. E diante destas dificuldades que atravessamos, houve quem se aproveitou e que causou uma tremenda influência no meu pai, principalmente no campo religioso. Nós recebíamos uma educação católica, éramos católicos, somos ainda católicos e meu pai, lamentavelmente, deixou se influenciar por uma seita que havia naquela época, com sede em Encano do Norte. Nós imaginávamos que fosse uma hipnose forte porque do contrário não poderíamos, de maneira nenhuma, acreditar que meu pai se deixasse levar de tal forma. Mas como dizia, eu era o mais velho e os temperamentos dos meus dois outros irmãos eram bastante diferentes e eu tinha obrigação de cuidar deles e também me esforcei para dedicar-me.

O meu pai, por força, queria que nós seguíssemos o mesmo caminho, que sabíamos perfeitamente que era perverso, prejudicial. Não concordávamos.

Aí começou a época mais difícil e mais dramática da minha própria vida. O meu pai então usou de violências, mas violências graves, gravíssimas, forçou-nos ou queria nos forçar. Nós negamos, mas sempre respeitávamos o nosso pai, evidentemente, mas não poderíamos concordar de maneira alguma com os atos de violências que ele praticava até contra a minha mãe. Agressividade aberta que requereu muitas vezes até a minha própria interferência corporal para evitar um desastre. Foi um período muito difícil, muito triste que não gosto muito de recordar, mas que, infelizmente, dentro desta entrevista sou obrigado a relatar este pequeno trecho da minha vida. E a luta continuou e a separação de minha mãe, digo, de entendimento entre nós, ou entre minha mãe e os irmãos ou com a própria família então se agravou cada vez mais.

O meu pai simplesmente não admitia que nós frequentássemos a nossa Igreja. E foi então, no dia 29 de setembro de 1929, quando na Igreja São Paulo Apóstolo de Blumenau, foi sagrado Bispo Frei Daniel Hostins (depois primeiro bispo de Lages), pedi para meu pai para que eu fosse a esta sagração, já que participava do coral da Igreja.

Dom Daniel, naquela época era vigário da paróquia e muito ligado a nossa família. Para nós ele sempre foi um grande conselheiro, e assim eu achava como direito meu de estar presente à sagração. E fui, contra a vontade de meu pai. Assisti a esta sagração. Quando, naquele mesmo dia, voltei para casa, meu pai apenas fechou para mim a porta, proibiu que eu entrasse em casa, e proibiu terminantemente que eu tivesse algum contato com a minha mãe. E eu estava na rua. Quem me abrigou então, naquele mesmo dia, foram os franciscanos, onde dormi no salão dos alunos, porque naquela época também tinha internato, e ali permaneci. Como o pai durante algumas semanas não permitia que eu voltasse para casa, fui obrigado a procurar emprego porque não estava em condições de dar assistência à minha mãe e aos meus dois outros irmãos. Procurei emprego na Firma Cia. Paul, que estava estabelecida em Itoupava Seca. Isto foi em setembro de 1929. Também mudei a minha pensão do Colégio dos Franciscanos para uma pensão na Itoupava Seca.

S.M.V.P. - Sr. Franz, essa sua saída de casa influenciou muito sua vida?

F.B. – Dona Sueli, se esta mudança ou esta atitude de meu pai teve alguma influência na minha vida, posso dizer em certo (ponto) sentido sim e também não. Porque a minha única preocupação foram naturalmente, minha mãe e meus irmãos, que eu de perto não podia mais dar aquele apoio que julgava já naquela época ter podido dar aos meus, em face da situação com o meu pai. E eu notava também que para os próprios negócios ele já não ligava mais tanto como antes, dado esta influência de sentido religioso.

Eu previa um verdadeiro desastre, mas não aquele desastre que de fato veio com o abandono da família pelo meu pai. Deixou-nos completamente sozinhos e não tínhamos condições financeiras. O pai havia assumido os compromissos, eu permanecia no meu emprego aguardando os acontecimentos e acreditava de fato que, com o nosso trabalho e da mãe, pudéssemos manter o negócio, a fábrica. Mas lamentavelmente, isto não aconteceu, porque já houve falso interesse de firmas fornecedoras, ou melhor, de uma firma fornecedora nossa, que há muito já pressentíamos quando começaram as rixas, as dificuldades. Houve o interesse de apoderar-se dessa nossa propriedade, o que realmente aconteceu. Só por causa de um compromisso que não podíamos pagar, porque não tínhamos dinheiro e não tínhamos condições. De modo que de fato mudou a minha vida. Mudou profundamente porque eu tinha que desligar da profissão que eu havia aderido, que era a profissão de meu pai.

De um dia para outro vi ou senti que isto não era mais possível. Por quê? Eu me estabelecer, não tinha meios. E precisava ter um rendimento para sustentar os meus. Então, também perdemos a casa toda, a propriedade foi empenhada. Perdemos toda a nossa propriedade, casa, terrenos bastante grandes, e tivemos que sair e mudar então para uma pequena casa que ficava nas proximidades, defronte à atual Comercial Arno Gaertner (naquela época tudo era diferente).

Mas lá também a vida continuou com maiores dificuldades ainda, tanto é que passamos fome. Às vezes, chegamos a tal ponto de nem termos

um pedacinho de pão na mesa, ou sapato para calçar. A minha mãe possuía uma máquina de costura que restava ainda daqueles poucos pertences, e esta máquina de costura foi empenhada porque não estávamos em condições de pagar o aluguel. Eu era o único que tinha o rendimento. Não sei quanto, mas era mais ou menos 250 mil réis.

A minha irmã gostava de costura, e então fiz o possível para que ela se empregasse na Malharia Thiellmann. O meu irmão que era o mais jovem, estava ainda na escola, mas saiu e foi se empregar na Empresa Industrial Garcia. Mas mesmo durante este período de privações e dificuldades e de completo abandono, jamais tivemos a intenção de abandonar o pai, porque sabíamos que ele era vítima. E sempre procuramos convencê-lo que voltasse à família. Ele não tinha uma oficina estabelecida. Ele fazia serviços avulsos aqui e por lá quando então na época de mais ou menos 1931 ou 32, não me recordo bem, eu interrompi o meu emprego na Cia. Paul, porque o pai se prontificou a voltar pra casa sob a condição de que eu voltasse a trabalhar com ele. Fiz este sacrificio, abandonei meu emprego na Cia. Paul e voltei a trabalhar com meu pai. Naturalmente, como não tinha oficina estabelecida, fazia trabalhos avulsos. Ele recebeu então um trabalho na cidade de Lages, junto ao Ginásio de Lages, onde na época era diretor Frei Luís, e que também em Blumenau fora meu professor durante curto tempo. Lá permanecemos seis meses aproximadamente, para depois voltarmos novamente para Blumenau. Mas, sentíamos logo que a familiarização de meu pai com os seus já era muito dificil. E devíamos conformar-nos mesmo da impossibilidade que havia de uma reintegração no seio da família. Então o pai nos abandonou definitivamente. E a vida continuou e continua. Somente a fé e a confiança em mim mesmo e graças aos ensinamentos que tínhamos recebido do nosso professor de religião Hermann Klug com quem até o ano retrasado, até o dia do seu falecimento, sempre mantínhamos ainda uma correspondência. Ele era o meu conselheiro em todas essas jornadas difíceis, e até hoje continuo guardando este sacerdote em tão saudosa memória, com todo o respeito e sincera admiração.

A vida continuou. Depois fiquei no emprego, na Cia. Paul, até 1933.

Dali fui empregado na Empresa Industrial Garcia. Garcia fechou e tive então novo emprego na Casa Falk Distribuidora das máquinas Pfaff. Com a Segunda Guerra Mundial surgiram tremendas dificuldades para conseguirmos novas máquinas importadas da Alemanha. E também a Casa Falk foi obrigada a fechar. Mas neste meio tempo a família sofria de muita doença, principalmente provocada e quase que exclusivamente pela malária. Tanto é que os meus dois filhos, minha senhora e eu sofríamos tanto de malária, que não havia remédios que pudessem criar uma reação; tão cheios estávamos de injeção de metileno, afebrina, enfim uma série de coisas que naquela época existiam. O Dr. Alfredo Hoess, que era médico-chefe do Hospital Santa Isabel, então recomendou a única salvação nossa: que mudássemos de clima. E fomos então em julho de 1945, para São Bento do Sul, onde fixamos residência durante 21 anos. Voltamos para Blumenau em setembro de 1966.

- S.M.V.P. O Sr. falou que estava no Brasil quando ocorreu a 2º Guerra Mundial. A sua nacionalidade é alemã. Como foi esta experiência, vivendo em Blumenau?
- F.B. Dona Sueli. È uma pergunta que faço absoluta questão de responder com muita sinceridade. Como disse, chegamos aqui em Blumenau, quando eu tinha 12 anos. Nunca mais retornei e nunca tive vontade de residir na minha cidade natal, que é Kitzingen, como já disse logo de início. Embora eu tenha de fato o desejo sincero de ao menos conhecer a minha cidade mais profundamente. As circunstâncias naquela época não permitiam que se viajasse. Aqui no Brasil, nunca tive relações ou contato algum com qualquer agremiação política de lá. Porque nem conhecia, nem tinha condições, nem saberia o que fazer, qual a finalidade, objetivos, enfim porque considerei e considero, ainda hoje, este país maravilhoso, que é o Brasil, a minha segunda pátria. Tanto é que, apesar da cidadania alemã, me considero brasileiro. De modo que eu reafirmo: nunca tive qualquer relação com qualquer entidade nacional socialista daquela época de trinta e três até a guerra.

S.M.V.P. - E qual foi o motivo por que o senhor não se naturalizou brasileiro?

Sr. Franz – Esta pergunta tem me preocupado muito, durante longos e longos anos. Não somente preocupado como também tenho manifestado esta minha preocupação a muitas pessoas ligadas a alta política e de grande influência, ou sejam, de altas patentes militares, enfim com quem a gente teve conhecimento também em São Bento onde moravamos. Eu, pessoalmente, na qualidade de correspondente da Firma Industrial Augusto Klimmek, fiz alguns processos de naturalização, menos o meu próprio. Eu quero explicar a razão da minha afirmativa, a razão do meu modo de entender.

Cheguei aqui aos 12 anos de idade, vivemos aqui no Brasil nesta terra abençoada. Que Deus conserve por muito tempo em paz e tranqüilidade. São mais de 50 anos no Brasil, acredito que existe aí alguma lacuna, houve alguma falha que o nosso governo deveria consertar, as autoridades deveriam consertar. Nós somos cidadãos brasileiros, vivemos aqui, nossos filhos prestaram o serviço militar, a esposa é brasileira e somente o fato de naquela época ainda não possuir propriedades é que me impediu que eu pudesse receber o título declaratório.

Agora, a naturalização eu interpreto de uma forma e o título declaratório interpreto de outra. Título declaratório é uma questão espontânea que vem do próprio governo. A naturalização é uma iniciativa da própria pessoa, porque eu pessoalmente, dou esta interpretação como puramente pessoal, é uma atitude que ao meu ver visa exclusivamente um fim, acho que eles apenas querem se aproveitar de uma situação ou circunstância ou enfim eu vejo nisto apenas um meio de se aproveitar de alguma coisa; e eu não, quero gozar, quero sentir que a gente aqui é brasileiro.

- S.M.V.P. Voltando à crise de 23 ocorrida na Alemanha, gostaria de perguntar que rivalidades e ódio estavam tomando conta da Alemanha, conforme o senhor comentou nesta entrevista?
- F.B. Bem. Acontece em todos os períodos após guerra, revolução em qualquer país, toda nação e todo um povo automaticamente passa por uma transformação. Isto não era apenas naquela época, também hoje, na época em que vivemos. É muito mais acentuado ainda hoje, levando

em conta os meios de comunicação que são rapidíssimos, coisa que não existia naquela época. A rivalidade, ódio e a inveja são fatores que entre povos surgem quando justamente estão na miséria, porque nunca jamais faltarão os aproveitadores, chamados especuladores, ou aqueles que se aproveitam da pobreza, da miséria dos seus semelhantes. É o que aconteceu. Já disse de início, naquela época conosco tudo era na base da moeda estrangeira que era à base do dólar. A Alemanha estava sob a ocupação do exército, principalmente do francês. A influência era grande. Havia aqueles que, naturalmente, não eram patriotas. Eram aqueles que viam, visavam apenas ao seu próprio proveito e assim se aproveitaram dessas circunstâncias em seu próprio benefício, explorando o seu semelhante. Eles tinham os meios, o capital nas suas mãos. Surgiram então também as correntes políticas. Da direita, bem como da esquerda. Isto, dentro desta situação conturbada, forçosamente, criou outro problema muito delicados que era a influência de raça. E aí, justamente, estava o capital dominante que controlava praticamente a vida de cada um. E o meu pai ingressou na chamada Stahlhelm (partido da extrema direita) que era uma organização da direita. E isto foi interpretado como um ato contrário à tendência que nós tínhamos, principalmente na nossa cidade de Kitingen. E assim, meu pai foi alvo de um boicote total. Tanto é que os principais clientes dele justamente eram dessas camadas que depois da guerra se aproveitaram desta tremenda situação. Eu, de início, de fato não me havia referido, mas agora sou obrigado a responder a esta pergunta da Dona Sueli. Eu estou respondendo, digamos à altura, sem a intenção de na época atual ferir alguém que possa, talvez, ser prejudicado. Não seria bom retornarmos a estas verdades, embora muitas verdades na vida real, às vezes, não podem ser ditas. Mas, houve naquela época, de fato, uma influência racista. E eu acredito que este ponto deva ser tratado com bastante delicadeza, com muita delicadeza mesmo, embora em certas camadas não seja reconhecido.

Bem, Dona Sueli, a nossa cidade, lá Alemanha, era conhecida como grande produtora de vinhos afamados e estas viniculturas estavam quase todas elas em mãos de israelitas. E foram estes, principalmente, que

eram a classe predominante de nossa cidade, pelo menos naquela época, e eram quase que exclusivamente os nossos clientes. É evidente que em face do ingresso do meu pai neste partido criou esta situação quase que inacreditável, e foi uma das principais causas da nossa saída da cidade de Kitingen, e imigramos aqui para o Brasil. A Alemanha era um país ocupado, não tínhamos mais indústrias.

As indústrias foram obrigadas a ser desmontadas. Foram em grande parte transportadas para outros países, naquela época inimigos da Alemanha. Quer dizer, não tínhamos meio de uma própria subsistência, não havia meios de garantir o nosso trabalho. Era o desemprego, era a falta de produtividade, de produção. Enfim, era um colapso total. E para corresponder a essa falta, o governo tinha que emitir dinheiro. E quanto mais dinheiro emitia, não havia em contra partida a segurança, a cobertura destes valores emitidos.

Forçosamente na medida que o governo vinha emitindo valores cada vez maiores, a inflação tornava-se cada vez mais galopante. Enfim acredito que hoje estamos orientados sobre os acontecimentos e tirando os ensinamentos de tudo o que se passou em anos passados e principalmente, sobre este colapso daquela época. Acredito, sinceramente, que o mundo atual não pode, de maneira nenhuma, arriscar-se num acontecimento semelhante. Mas retornando mais uma vez a sua pergunta, é muito difícil no momento recordar de passagens, expressões e conflitos porque a época era tão conturbada, era tão confusa, tão turbulenta, tão agitada que ninguém, ninguém sabia o que era e ninguém sabia também o que iria acontecer.

- S.M.V.P. Sr. Franz, é do meu conhecimento que o senhor participou de várias sociedades que atualmente estão extintas. O Sr. poderia comentar a respeito?
- F.B. É verdade, Dona Sueli. Quando criança, também na minha cidade natal, participava do coro da Igreja, conforme a fotografia que a senhora vê aí onde eu estou, no meio de todos os cantores. Quando nós chegamos aqui no Brasil, como já relatei, tive uma fase difícil, mas também tive graças a Deus, uma fase linda, uma fase tão agradável que dela eu muito

gosto. Uma delas foi a minha participação desde cedo de coros.

Aqui em Blumenau participo desde 1926, no chamado Coro Masculino Liederkranz. Este Liederkranz era um coro masculino dirigido pelo maestro Heinz Geyer, que depois dirigia o coro do Teatro Frohsinn. O Teatro Frohsinn se localizava na Rua das Palmeiras, onde hoje existe o prédio da CELESC. E, neste teatro vivi momentos maravilhosos. Naquela época Blumenau já era conhecida por causa de sua atividade artística cultural e nós participávamos muito em apresentação de operetas. Sempre em todas as interpretações eu era o solista. Obras maravilhosas. Além de operetas, também teatro. Tínhamos uma excelente sociedade teatral integrada no Teatro Frohsin, gente que hoje já não existe mais entre nós. Enfim, lá no Teatro Frohsin vivemos tempos maravilhosos. Também participamos de outras festas. Com o tempo se dissolveu o Liederkranz e integrou-se ao teatro Frohsin. Mas o desenvolvimento de Blumenau também se fez necessário, e nessa parte se atualizasse. E então, sob a orientação e iniciativa do próprio maestro Heinz Geyer iniciou-se a idéia de construir o atual Carlos Gomes. Então uma vez concluído o Carlos Gomes, automaticamente todo coro também ainda sob a regência do Maestro Heinz Geyer passou para a Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, onde sempre participei e ainda hoje continuo participando. Atualmente sou um dos membros mais antigos e ainda ativo daquela época.

- S.M.V.P. O Teatro Frohsin, era somente de cantos ou exercia outras funções sociais?
- F.B. O Teatro Frohsin era apenas o título. Mas o Teatro Frohsin também se dedicava a concertos e teatro, principalmente, e também abrigava, como é evidente, as Cias. que vinham de fora e aqui se apresentavam. Mas de fato se dedicava principalmente, ao teatro e concerto. Não havia ali uma arte recreativa como atualmente.
- S.M.V.P. Entre as sociedades de que o Sr. participou, qual é a mais antiga?
- F.B. A mais antiga é a Sociedade Musical Carlos Gomes, porque ela já vinha dos tempos antigos, dos primeiros colonos, quando já tinham as pequenas sociedades, e assim se integravam automaticamente na

atividade cultural do antigo Teatro Frohsin. Esta era a denominação, e automaticamente então passou o acervo, toda a parte artística como o coro e a própria orquestra. Então, é a atual Sociedade Dramática Musical Carlos Gomes.

- S.M.V.P. O Sr. atualmente é secretário desta sociedade.
- F.B. Sueli, quando começou o Carlos Gomes, isto foi na época de 36-37, mais ou menos. Foi naquela época, quando nós fizemos a 1º apresentação no atual salão de festas. E isto foi na presença do então saudoso governador Nereu Ramos onde foram apresentados peças, livretos e também uma cena da qual também participei, a Ópera Anita Garibaldi, composta pelo maestro Heinz Geyer e que teve as letras escritas pelo professor José Ferreira da Silva.
- S.M.V.P. Sr. Franz, o Sr. José Ferreira da Silva escrevia peças de operetas?
- F.B. Bem. O senhor José Ferreira da Silva foi historiador e prefeito da cidade. Sabemos o que se relaciona à vida e fundação de Blumenau, e segundo me consta, o Sr. José Ferreira da Silva foi um grande colaborador do Maestro Heinz Geyer. E foi ele que também, como historiador, fez letras para a ópera Anita Garibaldi.
- S.M.V.P. O Sr. falou das Companhias Musicais que vinham para Blumenau. De que locais vinham? Como eram, Sr. Franz?
- F.B. Sueli, as Companhias vinham de todas as partes. Vinham companhias brasileiras, de todos os outros países do exterior que aqui se apresentavam. E temos sentido que naquela época, talvez, aquilo que nós temos vivido, tenha sido bastante mais ativo, bastante mais movimentado em relação à vida artística cultural que estamos sentido na época que estamos vivendo agora, quando a própria, televisão está desviando muito as atenções desta vida artística-cultural.
- S.M.V.P. Aqueles clubes de moços, como o Sr. falou, eles se dedicavam a coros. Eles também faziam apresentações em outras cidades? As suas atividades, aqui em Blumenau, como é que eram, Sr. Franz?
- F.B. Exatamente, Sueli. Naquela época havia um intercâmbio muito grande.

Tanto é que em 1941, já em período de guerra, o coro fez uma excursão para São Paulo - Rio. E não somente o coro, como também a própria orquestra participava, já sob a bandeira do Carlos Gomes, ou melhor, da Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes.

Sempre havia um grande intercâmbio entre coros. Tanto é que existiam as grandes concentrações de coros. Aqui em Blumenau, tínhamos o chamado "Singer bund". Quer dizer uma congregação que reunia todos os coros, fossem masculinos, mistos ou coros juvenis, de todo Vale do Itajaí. Ou também às vezes se realizavam em nível de Estado, onde vinham também coros de Joinville, que também tinha uma vida artística bastante ativa. Quer dizer, isso foi a nossa grande obra, e devemos muito ao nosso maestro Heinz Geyer. Cultivávamos bastante o intercâmbio entre as várias cidades catarinenses e também com outros Estados como o Rio Grande/ São Paulo e Paraná.

- S.M.V.P. E a língua, era sempre em Português? Ou eram músicas típicas alemãs? Nós temos aqui a língua italiana que também é muito falada na nossa região. Sempre eram cantos em língua portuguesa, Sr. Franz?
- F.B. Sueli, a música e a arte são internacionais. Não conhecem assim uma predileção para uma determinada língua. Tanto é que nós cantávamos, em português, italiano e alemão. Nós fazíamos sempre os nossos cantos religiosos ... os nossos programas eram sempre divididos em três partes: a parte inicial, que era geralmente religiosa; depois a parte cultural, peças de coros de óperas, ou folclore; e então, a última parte, dedicada ao folclore nacional, ao folclore brasileiro.
- S.M.V.P. Durante a Guerra, o Sr. falou que houve uma parada nas atividades culturais do Carlos Gomes. Isto foi solicitado aos senhores? Houve algum motivo para que paralisassem?
- F.B. Bom, o motivo não posso dizer, mas achava-se por bem fazer um período de pausa nas atividades.
- S.M.V.P. Por que "achava-se por bem"?

- F.B. Porque em Blumenau, como é conhecido, naquela época era predominante a língua alemã. Isto é sabido, e com a entrada do Brasil na última Guerra Mundial, contra a Alemanha, foram fatores que aqui naturalmente impediam que se continuasse com o domínio da língua alemã, ou melhor, se praticasse a fala alemã.
- S.M.V.P. O senhor gostaria de comentar mais algum assunto sobre vida cultural-social aqui em Blumenau, Sr. Franz?
- F.B. Bem, Sueli. Como já disse, de um momento para outro muita coisa interessante talvez fugiu de minha lembrança. Eu poderia talvez recorrer a certos ... materiais que eu havia guardado durante longos anos que se referiam a minha própria vida dentro dos coros, dentro das sociedades. Lamentavelmente perdeu-se todo esse material. Mas mesmo assim, existem meios para poder lembrar, mas para isto precisa-se tempo, e este tempo naturalmente não me foi dado. Por isso, peço novamente desculpas se me ocorreram alguns enganos, talvez uma insegurança ou



5° Encontro Internacional de Cantores - Franz Brack regendo o Coral do Centro Cultural 25 de Julho de Blumenau - 1977.

talvez muitas coisas que poderiam ser mais fáceis. Além dos coros, me dediquei muito ao setor de filatelia. Era um fervoroso filatelista. Pertencia à Sociedade Filatélica de Blumenau, embora hoje não colecione mais. Fundei uma sociedade de filatelistas em São Bento do Sul. Lá, minha atividade foi também bastante extensa: fui secretário de quase todas as sociedades, participei da fundação do Ginásio São Bento, era secretário da Comissão Pró-Hospital, era secretário da Sociedade Bandeirante, de Ginástica, da Sociedade Amigos de São Bento. Enfim, pode se dizer que a minha atividade neste sentido foi bastante movimentada.

S.M.V.P. - Sr. Franz, quero deixar o meu agradecimento pela sua gentileza de conceder-me esta entrevista e para sua orientação lhe informo que a mesma passará a fazer parte do Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina, e estará à disposição dos pesquisadores para fazer uso da mesma quando necessário.

O Esporte Clube Metropol e a importância social do futebol em Criciúma

Maurício Ghedin Corrêa1

História & Historiografia

Resumo: O presente artigo visa discutir a importância social do futebol para a cidade de Criciúma a partir de um clube da cidade: o Esporte Clube Metropol. O recorte temporal escolhido para a discussão é o momento inicial da fase do "Metropol rico", que pode ser estipulado entre 1959-1962. Durante o desenvolvimento da argumentação, questões pertinentes à história do trabalho serão discutidas dentro da perspectiva do eixo História e cidade.

Palavras-Chave: Futebol; Metropol; Cidade; Criciúma; Mineiros.

O futebol, de forma geral, não é o assunto predileto da maioria dos intelectuais brasileiros. Há quem diga que o futebol é apenas uma ferramenta alienante que impede os trabalhadores de ingressar na luta revolucionária. Assim como há alguns que afirmam que a discussão sobre o tema



¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) – História.

seja um grande desperdício. Neste artigo pretendo, entre outras coisas, mostrar os diversos significados que o futebol possui frente às pessoas envoltas em sua esfera.

A problemática a ser discutida é uma análise sobre a importância social do futebol para a cidade de Criciúma. Tal análise será feita a partir dos impactos que a sociedade criciumense sofreu devido ao investimento no Metropol, em 1959.

Contextualizando o tema, não há exagero algum em afirmar que o futebol se consolidou na vida urbana da cidade de Criciúma devido à atividade mineradora. Devido a uma provável falta de lazer urbano, na década de 1940, a grande maioria das minas de carvão já possuía seus próprios times, que geralmente eram compostos pelos próprios mineiros. Como exemplo podemos citar o Clube Atlético Operário (time da carbonífera CBCA), o Esporte Clube Próspera (time da CSN/Próspera) e o Esporte Clube Metropol (time da carbonífera Metropolitana).

Em 1948 esses "times mineiros" se agrupam e, juntamente com o time dos comerciantes do centro da cidade, o Comerciário, fundam a L.A.R.M. (Liga Atlética da Região Mineira). Apesar das precariedades organizativas que essa liga possuía em seu princípio, a partir do momento em que os clubes se organizam para construir um ideal comum entre si, os esforços, as emoções e a rivalidade se acirram, formando um ethos competitivo próprio do esporte.

Futebol e transformações sociais.

O caso do Esporte Clube Metropol evidencia-se bem peculiar. É quase impossível imaginar que um clube de várzea, fundado "por um grupo de abnegados funcionários e operários da Companhia Metropolitana²", com seu grupo de jogadores trabalhando diariamente nas minas de carvão, e uma torcida que se restringia basicamente aos moradores do bairro Metropolitana, fosse ser penta-campeão catarinense, bi-campeão da Taça Sul-Brasil, excursionar por noventa dias pela Europa e ser responsável direto pela eleição de um deputado federal. Por incrível que pareça, foi assim que se construiu a história do Metropol.

O Metropol, fundado em 15 de novembro de 19453, pode ter sua

história dividida em duas partes: "Metropol pobre" e "Metropol rico". Apesar dos perigos oferecidos por periodizações excessivas, no caso da agremiação Metropolitana, as rupturas se constituem sob a intervenção de elementos externos ao monótono cotidiano do "Metropol pobre".

No início da década de 1950, o Metropol não possuía muito destaque no futebol criciumense. Devido à completa escassez de investimentos e à ausência de ligação entre o time e a carbonífera Metropolitana, o Metropol geralmente ocupava colocações não tão honrosas nos torneios promovidos pela L.A.R.M.. Nesta época, o futebol em Criciúma era dominado, principalmente pelo Comerciário e Atlético Operário. Até o final da década de 1950, o Metropol continuou vivendo sem muitos recursos financeiros⁴.

O advento do "Metropol rico" não se explica fora do contexto social daquela longínqua Criciúma da década de 40-50. Dentro do processo de regulamentação das leis trabalhistas no governo de Vargas, começam a surgir os primeiros sindicatos no Brasil. No caso criciumense, o "sindicato" surge em 1944, em forma de associação, e apenas em maio de 1945 é que essa associação assume o *status* de "Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Extração do Carvão de Criciúma"⁵.

Os mineiros de Criciúma ainda não possuíam contato com as experiências sindicais que se desenvolveram desde os primórdios da república nos grandes centros do país. Terezinha Volpato afirma que a criação do sindicato era muito mais uma plataforma eleitoreira do que um reconhecimento dos direitos operários⁶.

Na primeira década do sindicato dos mineiros de Criciúma, as tensões e disputas se concentravam no conflito entre os chamados "pelegos" e os "combativos", ou "autênticos". Os pelegos cumpriam uma política patronal e mantinham o modelo de sindicato idealizado pelo Estado, ou seja, agregavam ao sindicato um caráter assistencialista que beirava a filantropia. Salvas as duas estatais e os pequenos proprietários de minas, nas décadas de 1940 e 1950 as carboníferas de Criciúma eram quase todas de grandes empresários cariocas, entre eles Álvaro Catão e Milton Euvaldo Lodi. Este peleguismo dirigiu o sindicato dos mineiros de Criciúma até 1957, quando o combativo Antônio Parente foi eleito para assumir a diretoria do mesmo⁷.

Ao fim da década de 1950, a situação não é mais a mesma em

Criciúma. Os pelegos já não estão mais no sindicato, as greves passam a fazer parte do cotidiano da cidade e os grandes empresários cariocas já não possuem o mesmo monopólio sobre a indústria mineradora. Com esses três ingredientes bem misturados, temos a receita para o nascimento do Metropol Rico.

Com a presença dos combativos no sindicato dos mineiros de Criciúma, o órgão representativo dos trabalhadores do carvão perde a característica de "assistência social" e não se propõe mais a fazer o jogo dos patrões. Sendo assim, grosso modo, a solução imediata para os descasos patronais eram as greves. E foi neste contexto que os sócios Diomício Freitas e Santos Guglielmi compraram a Companhia Carbonífera Metropolitana, em agosto de 19598. Os sócios encontraram uma empresa atolada em dívidas e uma política de trabalho que era um "paraíso para quem quisesse trabalhar pouco e receber bem⁹".

É interessante, aqui, levantar uma breve discussão sobre "populismo". O conceito de populismo está em uma presente construção. Os debates sobre o que representou aquele 1956-1964 ainda estão longe de terminar. Entendo que o populismo não se constitui como forma unilateral de dominação, como afirma Francisco Weffort¹o. A meu entender, o populismo não representava uma dominação do governo sobre as massas, mas sim uma relação dialética de apropriação, onde ambas as partes, "povo" e "poder", tiravam proveito de situações que apresentassem possibilidades de ganhos. Será nessa lógica que a relação capital versus trabalho será abordada neste artigo.

Voltando para a "capital do carvão", em toda aquela loucura urbana, estava um Metropol franzino, pobre e que apanhava na maioria dos jogos da L.A.R.M. que disputava. Porém aos olhos de um patrão, ele poderia ser o único referencial comum aos funcionários da Carbonífera Metropolitana.

Sendo assim, Dite Freitas¹¹ conseguiu convencer o pai de que investir no Metropol poderia ser um bom negócio. O goleiro Rubens, que foi o jogador que em mais jogos atuou pelo Metropol, fala sobre o assunto:

"Foi uma época em que só se falava em greve, aí o Dite Freitas,¹² muito esperto, resolveu fazer o time do Esporte Clube Metropol, aonde só teve glórias e veio a acabar com a greve dos mineiros."¹³

Em 1959, a sociedade Freitas-Guglielmi passa a investir no Esporte Clube Metropol com intenções políticas sobrepostas ao simples gosto pelo esporte bretão. A partir desse momento, com o impulso financeiro da Carbonífera Metropolitana, começa a história do "Metropol rico", que com certeza nada tem a ver com aquele "Metropolzinho" de anos atrás.

Imprensa, política e futebol: Novas disputas no seio da cidade.

O que falam pela cidade? Esta pergunta não é uma proposta de investigação por mim levantada. Essa exposição foi feita em 1959, no jornal Tribuna Criciumense, e a partir dela pode-se tecer considerações interessantes sobre as mudanças que sofreria o Esporte Clube Metropol, e o próprio futebol criciumense.

Falavam pela cidade "que a filial do Atlético, (o Metropol) está contratando diversos gaúchos para a próxima temporada".

Esses eram os primeiros passos do Metropol rico: contratar jogadores que pudessem fazer o clube crescer. Porém, o mais interessante é a alusão ao Metropol como uma filial do Atlético. Na realidade, na década de 1950, época do Metropol pobre, os únicos times que possuíam capital para trazer bons jogadores de fora da região mineira eram Atlético Operário e Comerciário. O que se percebe nas páginas de jornal sobre as transações econômicas de jogadores, é que os demais times como o Metropol, Minerasil, Itaúna, entre outros, se abasteciam dos "restos" destes dois times. Talvez seja por isso que de 1948 a 1958, Comerciário e Atlético tenham ficado com sete, dos dez títulos disputados¹⁵.

Com os investimentos no Metropol, a hegemonia futebolística na cidade de Criciúma foi mudando de mãos. Em 1960, o Metropol foi vicecampeão do torneio da L.A.R.M., conquistando uma vaga para disputa do campeonato estadual. As percepções da cidade sobre o emergente escrete Metropolitano se demonstravam absolutamente extasiadas e, até mesmo, incrédulas dos feitos metropolitanos. Pode se perceber o espanto dos jornais quanto a uma simples vitória do Metropol sobre o pomposo Comerciário:

"Metropol 2 – Comerciário 1. Fogos espocaram no ar. Era o campeão do ano que caía diante do seu rival da temporada, que a pouco se findou." 16

O espanto era geral. Como poderia o franzino Metropol derrotar o campeão da cidade? O Metropol representaria bem a cidade de Criciúma no campeonato estadual?

A partir do advento do Metropol, o campo de disputas se intensificava, e aqui não me refiro a disputas dentro das quatro linhas. Eram disputas por espaço e disputas por poder, onde a própria concepção de identidade estava envolvida. Era uma nova fase do futebol criciumense.

Na década de 1950, era comum que os times financeiramente mais abastados promovessem amistosos com times de outros estados. Não era comum times de grande expressão, mas simples amistosos eram absolutamente normais. No início de 1961, a diretoria do Esporte Clube Metropol realizou um amistoso com o Internacional de Porto Alegre. O amistoso rendeu uma boa bilheteria, mas dinheiro não era o maior problema para o esquadrão Metropolitano naquela ocasião: O Metropol precisava se afirmar para a cidade.

Assim, para os populares foi oferecido um espetáculo antes não visto pelos criciumenses, além do que "Sábado à tarde (...), a direção do Metropol recebeu os dirigente do Internacional e a crônica falada e escrita de Porto Alegre e da cidade, com um magnífico coquetel" ¹⁷.

Este projeto idealizado para a nova fase do Metropol, pode ser compreendido de diversas formas. Entre elas, uma faz referência à citação acima exposta. O Metropol não deveria possuir apenas uma qualidade esportiva. O Metropol deveria ser o criciumense mais notório que já existiu. Para isso, para poder ocupar a posição de "criciumense de sucesso", o Metropol deveria conquistar espaços que não se restringiam apenas à esfera referente ao universo dos mineiros. Era necessário tentar se incluir cordialmente nos órgãos de imprensa e na vida social dos diversos grupos pertencentes à sociedade criciumense.

No decorrer do campeonato catarinense, as expectativas depositadas no Metropol foram aumentando. Não eram poucas as manchetes que depositavam a esperança do povo criciumense no "time dos mineiros", já que o Comerciário não fazia grande campanha no estadual. Os impactos do "Metropol rico" na sociedade criciumense podem ser percebidos na explanação que o jornal Tribuna Criciumense fez sobre o jogo Metropol x Marcílio Dias em jogo válido pelo campeonato catarinense de 1960¹8:

"O estádio Heriberto Hülse¹⁹ foi na tarde de ontem palco de público renda record na região mineira, no jogo das vedetes do ano.

Jogo tão esperado e discutido, e que deixou escrito uma página na história do futebol da terra do carvão".²⁰

De fato seria isso que o Metropol faria no decorrer de sua fase rica: escrever novas páginas na história, não só do futebol, da terra do carvão. Na conquista dos espaços da cidade, o ano de 1961 se demonstra talvez o mais importante para o Metropol. A ótima colocação do Metropol no campeonato catarinense gera circunstâncias que expõem situações interessantes:

"O clube – milionário - já fez o bastante em nome de Criciúma. Já projetou em todo país o nome da capital do Carvão. Pois todos os jornais das grandes centros como emissoras de rádio, anunciam Metropol de Criciúma líder invicto do certame catarinense. Parabéns metropolitanos, pois vós já fizestes muito pela região mineira".²¹

Os elogios proferidos nesta notícia não são uma exceção nas notas esportivas. Na década de 1960, a grande maioria das páginas esportivas do jornal Tribuna Criciumense davam um esmagador destaque ao Alvi-Verde da Metropolitana. Esta "atenção especial" que o Metropol vinha recebendo da imprensa local gerava conflitos com o antes "dono da cidade", o Comerciário. Os comercialinos, percebendo a gradual perda de espaço no cotidiano da cidade, passam a buscar formas de garantir a recuperação deste espaço perdido.

Nesta tentativa de reconquista, a redação da Tribuna Criciumense recebe uma carta, assinada somente por "um grupo de desportistas", criticando uma rádio local por apenas transmitir jogos do Metropol²². Fica claro que esse grupo de desportistas eram torcedores do Comerciário, pois apenas este time estava em atividade pelo campeonato estadual. Esta disputa entre Comerciário e Metropol seria um dos grandes conflitos sociais de Criciúma, na década de 1960.

Percebe-se então, que o Metropol não estava disputando somente com o sindicato dos mineiros de Criciúma. Aliás, é no mínimo ingênuo pensar qualquer relação social ou de classe, de forma unilateral, com efeitos previsíveis a uma causa, e no caso particular do futebol, esta linearidade de disputa torna-se completamente inviável, visto a dinâmica social que o mesmo possui.

Futebol e mineração: As intenções políticas do Metropol.

Tendo em vista que o maior inimigo dos proprietários da Carbonífera Metropolitana, Diomício Freitas e Santos Guglielmi era o sindicato, tecerei algumas considerações sobre as relações de trabalho em Criciúma.

Antes de 1957, as experiências de reivindicações dos mineiros de Criciúma não tinham ligação direta com o sindicato. O domínio sindical era "pelego" e o órgão não deflagrava greves em defesa dos mineiros. Assim sendo, todas as experiências combativas dos mineiros de Criciúma antes de 1957 eram autônomas ao sindicato, porém, absolutamente coletivas em sua realização²³.

Com a eleição dos combativos para a diretoria do sindicato em 1957, as greves passam a ser declaradas pelo órgão. Agora, o sindicato deixava de ser uma casa de assistência social e passava a representar os anseios e reivindicações dos trabalhadores²⁴.

Imediatamente, ao adquirirem a Carbonífera Metropolitana, os sócios, Freitas e Guglielmi,decidem investir no Esporte Clube Metropol. É absolutamente provável que os mineradores já soubessem o que teriam de enfrentar, pois de 1957 a 1959, ano da posse de ambos, o sindicato dos mineiros já havia declarado quatro greves²⁵.

Os investimentos no Metropol não tiveram efeitos imediatos sobre o sindicalismo criciumense, pois em janeiro de 1960 eclode, talvez, a maior greve já vista pela cidade de Criciúma. A greve, com foco central na Carbonífera Metropolitana, reivindicava o pagamento do salário insalubridade e teve duração de 24 dias. A mobilização foi geral em Criciúma, porém os ganhos não foram tão satisfatórios. O salário insalubridade foi manejado pelo governo de forma a contribuir com os mineradores. Os mineiros receberam aumento de salário apenas em agosto, quando o mesmo já era previsto por lei, tendo conseguido em média 44% de aumento, incluindo insalubridade²⁶.

Porém, a represália dos patrões foi o maior problema que os mineiros enfrentaram. Para ter uma pequena noção dos efeitos e da proporção dessa greve, apenas na Carbonífera Metropolitana foram demitidos mais de 50 mineiros, entre eles alguns com estabilidade. Os mineiros ainda acusavam os Freitas de trair e escravizar os operários²⁷.

Dando prosseguimento às táticas de entrosar o Metropol com a cidade de Criciúma e, principalmente, com os mineiros da Metropolitana, a direção do Metropol acertou um amistoso para inaugurar seu estádio contra o Clube de Regatas Flamengo.

No dia da inauguração do estádio, Diomício Freitas proferiu um discurso que foi posteriormente transcrito na seção esportiva do jornal Tribuna Criciumense. Nas entrelinhas de suas palavras, pode-se perceber determinadas situações que circundavam a política social da Carbonífera Metropolitana. Porém, uma em especial deve ser ressaltada: o clientelismo.

"Somente os que sentiram na carne o que nós sentimos, quando há dois anos passados, tomávamos o leme dessa carbonífera, poderão avaliar todo o nosso contentamento, por estarmos hoje todos unidos, empregados e empregadores, neste dia festivo. E, com todo ardor de nossa voz, com toda a fé de nossa alma, lembramos nesta oportunidade aos operários da empresa que conosco trabalham e convivem que: Não adiantam calúnias e ameaças contra nossas pessoas, como também não vingaram as agitações, alimentadas por pessoas, que têm por único objetivo pregar a destruição e a discórdia." ²⁸

E ainda:

"Prometemo-nos a nós mesmos, após aqueles malfadados dias, que haveríamos de fazer a Companhia Carbonífera Metropolitana um exemplo de empresa, onde empregados e empregadores com a mesma fé cristã, viveriam dias melhores, de prosperidade, de harmonia, de amizade e de compreensão. E, para júbilo nosso, essa promessa está se concretizando. Este estádio que hoje inauguramos é vosso senhores operários, como serão vossos também os melhoramentos que planejamos e que em breve iniciaremos, como seja: - casas residenciais mais confortáveis, um clube recreativo, e com igual finalidade, ampla assistência aos vossos filhos." 29

Diomício Freitas usa primeiramente o intimidamento para se afirmar frente seus empregados. Quando afirma que não adiantam ameaças ou calúnias, o minerador se coloca em um outro plano, no qual as ameaças dos trabalhadores não poderiam ter qualquer efeito. Já o clientelismo, elemento característico da grande maioria das ações do departamento social da Carbonífera Metropolitana, manifestava-se de diversas formas. A mais comum e que se percebe em vários fragmentos do discurso de Diomício Freitas, é a "contrapartida". Diomício constrói uma realidade harmônica, onde os empregados estão em sintonia com os empregadores, e a empresa é um

exemplo de empreendimento. Devido a isso, os trabalhadores ganhavam uma praça esportiva e futuramente teriam acesso a mais benesses promovidas pelos mineradores, afinal, a amizade e a compreensão estavam acima de qualquer ideal.

Estava lançada a contradição. Por que o senhor Diomício Freitas receberia ameaças se as relações de trabalho dentro da Carbonífera Metropolitana eram tão maravilhosas? Talvez pela falta de sensibilidade e de compreensão que o minerador possuía frente ao universo operário.

A proposta dos proprietários da carbonífera Metropolitana era o clientelismo social. Diomício Freitas deixa nas entrelinhas de seu discurso que o motivo das greves mineiras era de cunho absolutamente material. Se assim fosse, praças esportivas e moradias melhores resolveriam todo o problema. De fato, a questão salarial e/ou de cunho material sempre foi presente nas reivindicações mineiras. Porém, a característica principal de uma greve é a possibilidade de se "fazer ouvir". Nesta lógica, além dos ganhos materiais de quaisquer greves, a noção de identidade e, principalmente, de cidadania³⁰ permanece intrínseca as reivindicações operárias.

De acordo com a citação acima, a referência à "fé cristã" merece atenção especial. Na época "combativa" do sindicato dos mineiros de Criciúma, a Igreja Católica desempenhou papel fundamental na tentativa de "peleguizar" os trabalhadores. A Igreja, neste período, tinha como característica de sua doutrina social, o contato com os movimentos sociais e operários, a fim de se erradicar o perigo comunista³¹. No caso de Criciúma, a Igreja coordenava o "círculo operário". Segundo Terezinha Volpato, esse "círculo operário" era a plataforma de atuação dos candidatos à presidência do sindicato que tivessem o apoio dos mineradores. Assim sendo, era relativamente comum que nas missas de domingo os padres proferissem discursos, defendendo a chapa do "círculo operário", ou seja, a chapa dos pelegos ³². De 1957 a 1964, a Igreja foi uma das grandes difusoras da imagem negativa que o sindicato dos mineiros adquiriu posterior mente na cidade de Criciúma.

No caso específico do Metropol, a relação com a Igreja também era consideravelmente forte. O time possuía uma espécie de padre próprio, o padre Humberto, que abençoava os jogadores antes dos jogos e tinha "cadeira cativa" no banco de reservas. Infelizmente sem citar as fontes, José da Silva Jr., faz referência à atuação do Padre Humberto junto ao Metropol.

"A reverência ao futebol arrebatou inclusive Padre Humberto Oenning, vigário de Rio Maina e Metropolitana, comunidades vizinhas em Criciúma — ainda mais porque, na hora da oferenda, os proprietários da Metropolitana eram quem mais engordava a cestinha da Igreja da sagrada família. Nos sermões, Padre Humberto dedicava parte da preleção aos feitos do Metropol. Mais que um torcedor, ele se integrou, incluindo-se no banco de reservas, junto ao técnico e aos dirigentes. Costumava acompanhar a equipe nos jogos fora de Criciúma sob o título de Capelão. Nos domingos de futebol na Metropolitana, ele nunca se esquecia de convocar a população a comparecer no estádio". 33

Ao utilizar-se de sua autoridade moral para legitimar as ações de Diomício Freitas e Santos Guglielmi, o pároco incluía-se no ciclo desenvolvido pelo Metropol. Em recompensa ao "agrado" depositado por Diomício Freitas na cestinha da Igreja, o padre jogava no time dos mineradores, pois, além de desenvolver a doutrina social da Igreja no período³⁴, o padre incitava a comunidade a participar do ciclo de dominação promovido pelos sócios da carbonífera Metropolitana.

Porém, conforme a concepção de populismo já exposta, as benesses proporcionadas pela direção da carbonífera Metropolitana não podem se constituir em si como uma relação unilateral de dominação. A troca de passes do time do Metropol não proporcionava aos mineiros melhores condições de trabalho, melhores salários ou até a própria segurança de vida para trabalhar. É ingênuo pensar que o "circo" faça as pessoas pararem de pensar no "pão". É complicado partir-se da concepção de que um simples time de futebol pudesse anular e imobilizar toda a experiência cotidiana dos mineiros da carbonífera Metropolitana.

Percebe-se, através de uma cronologia das greves³⁵, que desde o investimento no Metropol até o golpe militar de 1964, a região de Criciúma registrou cinco greves mineiras. Claro que o Metropol cumpriu em parte sua função política frente ao sindicato dos mineiros, porém, não se pode pensar que as experiências operárias foram simplesmente desconsideradas pelo advento do Metropol rico.

O futebol e o cotidiano criciumense.

Na Criciúma da década de 1960, eram restritas as opções de lazer urbano. Além dos cinemas recém implantados na cidade³⁶, os passeios pe-

las praças e os jogos de futebol eram as principais atividades de lazer da capital do carvão.

O futebol, especificamente, ocupava lugar de destaque no cotidiano criciumense. Para os que pensam que futebol é "coisa de macho", o caso de Criciúma é suficiente para desmentir o machismo da afirmação. O texto transcrito abaixo foi publicado no *Jornal do Dia* de Porto Alegre, no dia 23 de outubro de 1965 e retirado do livro de José da Silva Jr.

"TORCIDA DE SAIAS

A primeira coisa que nos chamou a atenção, já na manhã de domingo em Criciúma, foi o predomínio do sexo frágil nas ruas da cidade. Na praça, então, nem se fala. E que garotas! Mas o mais impressionante nos foi dado a assistir no campo do Metropol. Lá chegamos às 15 horas e o pavilhão social dos donos da casa já estava lotado e, surpreendam-se, com uma torcida constituída em pelo menos 60% de mulheres. Voltando-nos para os portões de entrada observamos que de cada cinco pessoas que entravam no estádio, apenas duas eram homens. Durante a partida, os "gritinhos histéricos" da grande torcida de saias criciumenses destacou-se, dando a nítida impressão de que quem estava na cancha não eram atletas metropolitanos e comercialinos, mas sim os Beatles. É, fora de dúvidas, Criciúma, uma das poucas cidades do mundo que consegue arrastar a um campo de futebol mais mulheres do que homens". 37

A citação evidencia a importância que o futebol ocupava no cotidiano criciumense. O futebol mobilizava não apenas homens ao estádio, mas sim, famílias inteiras, como expõe Paulo Escarduelli, na apresentação do livro de José da Silva Jr.

"Minha principal lembrança não eram os jogos, os jogadores, nem o estádio. Mas o passeio. Sim, o passeio de casa pro campo e do campo pra casa. Pra mim, as tardes de domingo eram o melhor momento da semana. E como custavam chegar! Meu pai trabalhava na Carbonífera Metropolitana e ganhava menos de dois salários mínimos. Minha mãe fazia jornada tripla: cuidava da casa, dos quatro filhos – era uma escadinha, o primeiro nascido em 61 e o último em 64 - e ainda costurava pra fora.

No domingo ninguém trabalhava. De manhã saíamos da missa, sempre com a mesma bênção do Padre Humberto: "hoje tem jogo do Metropol, vamos em paz e que Deus nos acompanhe". Depois do almoço a gente se preparava pra ir pro campo. A mãe enchia a sacola com bolacha e rosquinha de polvilho, feitos na

véspera e lá íamos nós, a pé, pelas ruas encardidas de pirita. O irmão mais velho ia na frente. Os outros não largavam da mão da mãe. E eu, o mais novo, as vezes pedia colo. Meu pai preferia me atender. Assim caminhávamos mais rápido e chegávamos no campo em pouco mais de uma hora.

Nunca estávamos sozinhos. O passeio pro campo parecia procissão, de tanta gente indo pra mesma direção. Disseram pro Zé da Silva que em dia de jogo do Metropol nem cachorro ficava em casa. Bem, disso eu não lembro'88.

O que se percebe em ambas as citações, é que, apesar dos investimentos no Metropol terem sido de caráter político e econômico, os efeitos não se restringiam apenas a essas esferas. Acima de tudo, as conseqüências do Metropol rico devem ser entendidas como eminentemente culturais. O projeto idealizado pelos sócios da carbonífera Metropolitana, só poderia dar certo se as pessoas "envolvidas" nele respondessem ao estímulo inicial. De fato, quando o Metropol recebeu os investimentos da Carbonífera Metropolitana, esperava-se que ele envolvesse as pessoas necessárias, para que o investimento tivesse valido a pena.

A partir do momento em que o Metropol passou a abranger não mais somente os mineiros, mas também suas famílias, a esfera de atuação do Metropol passou a ser, também, cultural. Os sentidos e as percepções dos criciumenses sobre o futebol, passaram a sofrer resignificações após a ascensão do "Metropol rico".

Ao ser perguntado sobre suas maiores lembranças da Criciúma da década de 1960, o goleiro Rubens recorda a importância que o Metropol tinha para as pessoas:

"A minha melhor lembrança é quando tinha os mineiros da metropolitana, aonde, eles acompanhavam nós em todas as partidas, e viajavam de caminhão, e o Metropol de ônibus. Eles iam de Siderópolis, iam de Nova Veneza, Forquilinha, por esses arredores todos para acompanhar o Esporte Clube Metropol.³⁹"

A relação de identidade e até mesmo de pertencimento que o Metropol conseguiu desenvolver nos mineiros e em suas famílias é algo a ser fortemente considerado. É inegavelmente um orgulho, ver um time do seu bairro, no qual alguns jogadores trabalhavam diariamente nas minas próximas a sua casa, ser campeão do Estado, por exemplo. A noção de pertencimento não se restringe a bairro⁴⁰. O fato de ser mineiro e torcedor do Metropol,

eclodia um sentimento de unidade dentro da diversidade. Ao mesmo tempo em que eram mineiros das mais variadas funções, morando nos mais diversos lugares com as mais diversas dificuldades, eles eram torcedores do Metropol, time dos mineiros e campeões do Estado. Além, é claro, do maior requisito de pertencimento que um torcedor do Metropol deveria ter: torcer contra o Comerciário.

Mas a pergunta a ser feita é a seguinte: O que fez o futebol virar tão popular em Criciúma? Dentro das muitas repostas possíveis para essa questão, uma em particular deve ser discutida.

Conforme exposto acima, o lazer em Criciúma na década de 1960 era restrito a algumas atividades. Dentro dessas atividades, o futebol se destacava por ser um referencial coletivo a diferentes grupos presente na cidade. Por estar intrínseca a noção de coletividade na absorção do futebol, o esporte se mostrava como uma interessante ferramenta de persuasão da cidade.

Mais uma vez, temos a "persuasão" como elemento central nas discussões sobre a cidade de Criciúma. É interessante deixar bem claro que "persuasão" nesse caso não possui nenhum caráter "pejorativo". No jornal Tribuna Criciumense do dia 10 de julho de 1961, o seguinte comentário é difundido:

"Não resta menor dúvida de que Criciúma, nos últimos tempos, vem se destacando, no seu meio esportista, com o desenrolar, entre nós, de importantes pelejas futebolísticas, patrocinadas por destacadas figuras da nossa indústria carvoeira.

Isto, importa, naturalmente, no merecimento de se ter fora do município, um bom conceito no que tange a vida esportiva catarinense.

Com a permanência nos nossos campos de quadro da importância do C.R. Flamengo e dentro de breves dias, o Botafogo de F. e Regatas, carreamos, para o local das pelejas, um mundo entusiasmado de apaixonados desportistas, alem da possibilidade de se conseguir, por este meio bons resultados econômicos para a sobrevivência, como se faz preciso, dessas entidades esportistas da cidade.

O fato é para merecer congratulações aos patrocinadores da idéia, porque, assim, deram sanchas aos nossos meios esportistas para a diversão, grandemente incrementada nos nossos dias, em todo país, senão mundialmente conhecida e praticada" 1

Dando-se conta do significado do social que o futebol possuía para os criciumenses, os mineradores patrocinavam grandes espetáculos na terra do carvão. No caso do Metropol, as disputas geralmente serviam como pagamento de uma transição econômica. O time vendia um jogador, recebia metade do dinheiro, e o restante seria pago na forma de um amistoso no estádio do Metropol. Assim sendo, o Metropol conseguia o dinheiro da transação, e ainda promovia um grande jogo para a cidade.

Este foi o curso do futebol criciumense na década de 1960. Mineradores como Álvaro Catão e Diomício Freitas patrocinavam amistosos contra grandes times, que diversas vezes ocupavam a página principal do jornal da cidade.

Com essa "boa vontade", os mineradores se afirmavam no imaginário da cidade como sendo boas pessoas, preocupadas com o bem-estar e o lazer dos criciumenses.

Considerações finais

Destaco neste estudo a importância social do futebol em Criciúma. As múltiplas facetas que envolvem a atuação do "Metropol rico" na cidade de Criciúma devem ser compreendidas não de forma unilateral, como sendo um processo coercitivo de dominação dos trabalhadores. A ascensão do futebol, elemento de características políticas, econômicas e culturais, deve ser compreendida dentro de suas esferas de atuação: a própria cidade.

Visto que, os grupos pertencentes a uma cidade não vivem em constante harmonia, e sim em permanente conflito, o futebol não pode ser compreendido como tendo importância para um determinado conjunto, com suas conseqüências sendo particulares a si próprios. A dinâmica do processo de difusão cultural presente em uma cidade, sendo ela politicamente demarcada ou não, deve ser compreendida nos mais diversos espaços, classes e lugares.

Em Criciúma não poderia ser diferente. Os investimentos no Metropol provocaram diversas reações na cidade. As esferas de conflito iam desde a imprensa, a política e o trabalho, até o próprio cotidiano da cidade. Tudo isso, devido a um simples investimento, em um simples time de futebol.

Este artigo é parte de uma pesquisa ainda em andamento, e devido a isso, as conclusões ainda estão longe de chegar. Por fim, tendo por base um estudo de caso, o texto tem primordial interesse de servir como contribuição para estudos referentes à História da Cidade.

Bibliografia

ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. O futebol nas fábricas. Revista USP, nº 22, jun./ago.1994.

ARNS, Otília. CRICIUMA 1880-1980: a semente deu bons frutos. Florianópolis: Casa Civil, 1985.

BATALHA, Cláudio.; SILVA, Fernando Teixeira da.; FORTES, Alexandre. Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sóciopolíticos do futebol brasileiro. Revista USP, nº 22, jun./ago. 1994.

CANTO, César M. do. História do futebol catarinense. Florianópolis, Insular, 1984.

CAROLA, Carlos Renato. Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP, nº 22, jun./ago. 1994.

DUARTE, Adriano Luiz. Os sentidos da comunidade: notas para um estudo sobre bairros operários e identidade cultural. In: **Trajetos**: revista de História da UFC. Fortaleza, vol.1, n°2. jun/2002.

FAUSTO, Boris (org.). História da civilização brasileira. III – O Brasil republicano. Economia e cultura. São Paulo, DIFEL, 1984.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

FORTES, Alexandre [et. al.] Na luta por direitos: estudos recentes em história social do trabalho. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

GOULARTI Filho, Alcides. Formação econômica de Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária. São Paulo: Paz e Terra, 4ª ed., 2000.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. Revista USP, nº 22, jun./ago. 1994.

MILANEZ, Pedro. Fundamentos históricos de Criciúma. Florianópolis: Ed. do Autor, 1991.

História & Historiografia

PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro, Firmo, 1994

RODRIGUES, Nelson. A sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SALDANHA, João. Os subterrâneos do futebol.. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

SANTOS, Joel Rufino dos. Historia política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. Revista USP, nº 22, jun./ago. 1994.

SILVA, Jr., José da. Histórias que a bola esqueceu – a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Futebol, malandragem e identidade. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Secretar, 1994.

SOUZA, Rogério Luiz de e KLANOVICZ, Jô (orgs.). História: Trabalho cultura e poder. Florianópolis: ANPUH/SC; PROEXTENSÂO/UFSC, 2004.

TEIXEIRA, Jose Paulo. Os donos da cidade. Florianópolis: Insular, 1996.

THOMPSON, E. P.. Aformação da classe operária inglesa I – A árvore da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 4ª Ed., 2004.

VOLPATO, Terezinha Gascho. A pirita humana: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Ed. da UFSC/Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

	. Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão.	Tubarão:
Editora Unisul, 2001	Principles was not you and all it is not a sense of a	

WITTER, Jose Sebastião. O que é futebol. 1a ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.

NOTASDEFIM

- 2 Metropol: 16 anos de Glórias. Tribuna Criciumense. 13 de novembro de 1961. p. 9
- 3 Idem.
- 4 SILVA, Jr., José da. Histórias que a bola esqueceu a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.
- 5 VOLPATO, Terezinha Gascho. A pirita humana: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Ed. da UFSC/Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.
- 6 _____. Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão. Tubarão: Editora Unisul, 2001

- 7 GOULARTI Filho, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos 1950 e 1960. In. SOUZA, Rogério Luiz de e KLANOVICZ, Jó (orgs.). História: Trabalho cultura e poder. Florianópolis: ANPUH/SC; PROEXTENSÂO/UFSC, 2004. pág 287.
- 8 SILVA, Jr., José da. Histórias que a bola esqueceu a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.
- 9Idem, p. 19.
- 10 WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.
- 11 Dite Freitas era filho do Sr. Diomício Freitas e na época do Metropol rico, foi o patrono do time.
- 12 Entrevista concedida ao autor em novembro de 2004. Doada a Universidade Federal de Santa Catarina.
- 14 O que falam pela cidade. Tribuna Criciumense. 31 de agosto de 1959. p. 7
- 15 Curiosidades. Tribuna Criciumense. 7 de setembro de 1959. p.7
- 16 Empate seria Justo, mas Metropol venceu 2x1. **Tribuna Criciumense.** 20 de junho de 1960. P.7.
- 17 Internacional 3 Metropol 1. Tribuna Criciumense. 23 de janeiro de 1961. P.7
- 18 Na época, o campeonato não era regulado de acordo com o calendário gregoriano. O campeonato de 1960 não necessariamente precisaria começar e terminar em 1960.
- 19 Estádio do Comerciário Esporte Clube.
- 20 Empate no jogo das vedetes: 1x1. Tribuna Criciumense. 27 de março de 1961. P. 7.
- 21 Metropol irresistível e arrazador estraçalhou o Leão do Sul: 6x0. **Tribuna Criciumense.** 17 de abril de 1961. P. 7.
- 22 Desportistas reclamam. Tribuna Criciumense. 15 de maio de 1961. P.7.
- 23 VOLPATO, Teresinha Gascho. Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão. Tubarão: Editora Unisul, 2001.
- 24 GOULARTI Filho, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos 1950 e 1960. In. SOUZA, Rogério Luiz de e KLANOVICZ, Jó (orgs.). História: Trabalho cultura e poder. Florianópolis: ANPUH/SC; PROEXTENSÂO/UFSC, 2004. pág 287.
- 25 Idem.
- 26VOLPATO, Teresinha Gascho. Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão. Tubarão: Editora Unisul, 2001.
- 27GOULARTI Filho, Alcides. Op. Cit. p. 289.
- 28 Majestoso Estádio Brilhantes festejos. **Tribuna Criciumense.** 5 de junho de 1961. p.7 29 Idem.

História & Historiografia

- 30SILVA, Fernando Teixeira da. Direito, política e trabalho no porto de Santos. In: FORTES, Alexandre (et al). Na luta por direitos: estudos recentes em história social do trabalho. Campinas: Editora da UNICAMP. 1999.
- 31 PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira & SOUZA, Beatriz Muniz de & CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris (org.). **História da civilização brasileira**. III O Brasil republicano. Economia e cultura. São Paulo, DIFEL, 1984.
- 32VOLPATO, Teresinha Gascho. Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão. Tubarão: Editora Unisul, 2001.
- 33SILVA, Jr., José da. Op cit. Pág 45-46.
- 34 Para uma cronologia das doutrinas sociais da Igreja Católica ver: PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira & SOUZA, Beatriz Muniz de & CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris (org.). História da civilização brasileira. III O Brasil republicano. Economia e cultura. São Paulo, DIFEL, 1984.
- 35 Para analisar a cronologia das greves dos mineiros em Criciúma, de 1950 a 1970, ver: GOULARTI Filho, Alcides e LIVRAMENTO, Ângela Maria Antunes do. Movimento operário mineiro em Santa Catarina nos anos 1950 e 1960. In. SOUZA, Rogério Luiz de e KLANOVICZ, Jó (orgs.). História: Trabalho cultura e poder. Florianópolis: ANPUH/SC; PROEXTENSÃO/UFSC, 2004. pág 287.
- 36 Percebeu-se a importância dos cinemas como forma de lazer na cidade de Criciúma através dos anúncios presentes nos jornais, principalmente na década de 1960.
- 37 Jornal do dia, 23 de outubro de 1965. Transcrito de: SILVA, Jr., José da. Op cit. Pág 174.
- 38SILVA, Jr., José da. Apresentação. In: **Histórias que a bola esqueceu** a trajetória do Esporte Clube Metropol e de sua torcida. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.
- 39 Entrevista concedida ao autor em novembro de 2004. Doada a Universidade Federal de Santa Catarina.
- 40 Para uma discussão teórica sobre bairros e comunidades ver: DUARTE, Adriano Luiz. Os sentidos da comunidade: notas para um estudo sobre bairros operários e identidade cultural. In: **Trajetos**: revista de História da UFC. Fortaleza, vol.1, n°2. jun/2002.
- 41 O padrão esportivo de Criciúma. **Tribuna Criciumense.** 10 de julho de 1961. p.9.

Lutador solitário

Enéas Athanázio1

Autores Catarinenses

Em ligeira viagem pelo Estado, chegamos à cidade de Irani, às margens da BR 153 – a Transbrasiliana. Nas cercanias ocorreu o combate que daria início real à Guerra do Contestado que se estenderia até 1916. Ali pereceram, no dia 22 de dezembro de 1912, o coronel João Gualberto, comandantes das forças legais, e o monge José Maria, líder dos revoltosos. Fatos que calaram fundo na alma do povo e transformaram a cidade no local onde foi aceso o estopim da mais sangrenta conflagração civil de nossa história. O cemitério e o monumento do Contestado são atrações turísticas muito visitadas.

Percorrendo o centro urbano, limpo e bem cuidado, conversando com um e outro, logo veio à tona o nome do Prof. Vicente Telles, segundo a vox populi a maior autoridade nos assuntos do Contestado. Já o conhecia de nome há muitos anos, tinha notícia de suas atividades e havia lido trabalhos de sua autoria. Reside numa fazenda, herdada dos antepassados, cerca de dois quilômetros além da cidade, e para lá nos dirigimos. Tem uma casa ampla e bonita, construída num pátio elevado e limpo, de



¹ Escritor e Advogado.

onde de avista o imenso vale verdejante que se estende a perder de vista, com os campos manchados de capões e onde farfalham muitos pinheiros e árvores nativas. Ali não se toca em nada, diria o dono, mais tarde. Como fosse um sábado, tivemos a sorte de encontrá-lo em casa e ele não tardou a aparecer. Homem alto, com os cabelos pelos ombros, simpático e falante, logo entrosamos uma conversa algo desencontrada, como é comum nos primeiros encontros. Ele nos deixou à vontade e logo pudemos avaliar a amplitude de seus conhecimentos sobre o Contestado, seus feitos, causas e conseqüências. Modesto, ele se considera um rábula da história, embora eu prefira dizer que é doutor pela boca do povo, como se considerava o poeta Ascenso Ferreira. Naquele dia, como em todos os sábados, ele faria um programa na rádio local, "A Voz do Contestado", para o qual me convidou e lá fomos nós, realizando uma entrevista improvisada na qual pude falar um pouco de minha obra.

Vicente Telles é um lutador solitário. Criou e dirige a "Fundação do Contestado", cuja sede está instalada numa espécie de museu que construiu por sua conta nas proximidades da casa. Bate-se pela implantação do Parque Temático cuja "maquette" nos exibiu, expondo em detalhes o projeto. Esbarra, como sempre acontece, nas teias da burocracia e nos enredos da política, retardando a consecução de uma obra que introduziria a região no mapa turístico e cultural do Estado de forma destacada. Luta também pela preservação da memória da Guerra, desfigurada em tantos pontos, e, acima de tudo, pela afirmação da identidade catarinense e pelos valores espirituais que nortearam a ação dos revoltosos. Apóia e participa do grupo Folclore Itinerante do Contestado, apresentando peças, montagens e performances de grande porte, algumas em praça pública. Musicista e poeta, é autor de vários trabalhos sobre o assunto, alguns dos quais nos ofertou. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, foi membro do Conselho Estadual de Cultura.

Como tantos que lutam pela cultura em nosso país, ele trabalha só, enfrentando todas as dificuldades. Mas tem a vontade férrea dos idealistas e nada o fará desistir. Está convencido de que, mais dia menos dia, suas realizações integração Irani e a região entre os mais visitados itinerários de nosso Estado.

Outra vez na estrada, pouco adiante de Irani, fazemos uma parada para rever o Monumento do Contestado, erigido em concreto escuro, à margem da BR 1 5 3. São duas imensas mãos que seguram uma cruz em sinal de paz e fé. Está em local estratégico, no pico elevado de um coxilhão, e pode ser visto a grande distância. Tem sido vítima dos vândalos e uma de suas peças foi arrancada e lançada ao chão. Pensei em escrever ao prefeito, mas – que diabo! – eu não sou a palmatória do mundo. Outrem que o faça!

Visitamos, em seguida, o Cemitério do Contestado, na outra margem da rodovia. Tem o portão aberto e contém túmulos muito antigos que guardam os restos mortais de caboclos anônimos que pereceram no primeiro grande embate, aquele que deflagrou a Guerra do Contestado, em 22 de outubro de 1912. Existem também túmulos mais recentes. Está conservado e a grama é baixa, sinal de que é bastante visitado. Como afirmou Vicente Telles, foi a única lembrança que restou daqueles miseráveis que perderam a vida na luta por um pedaço de terras onde plantar para comer. Ao lado, em casarão de madeira imitando rancho caboclo, está o Museu Histórico do Contestado. Como tantos outros pelo país a fora, está fechado.

Dando largas à imaginação, visualizei a luta naquele remoto e trágico dia. À esquerda, descendo pelo coxilhão, avançam os "jagunços" (os "pelados"), maltrapilhos, armados de picapaus, garruchas, lanças e facões feitos de madeira de cerne. À direita, costeando a lagoa, marcham os soldados bem armados (os "peludos"), arrastando a metralhadora – a "matadeira" – que deveria "costurar" os insurgentes. E ali se dá o entrevero, morrendo o coronel João Gualberto, comandante das forças legais, e o monge José Maria, líder dos revoltosos. Gritos, tiros, relinchos, latidos enchem de sons os descampados e ecoam pelas coxilhas, espantando os bichos e os pássaros, viventes pacíficos daqueles ínvios. Mas o engasgo da metralhadora seria fatal para os fardados, impedindo que o coronel desfilasse "com a caboclada xucra amarrada em cordas" pela Rua XV de Novembro, em Curitiba, como vinha proclamando o comandante. Ali, à beira de uma plácida lagoa campeira, ele derramou seu sangue, regando o chão seco dos campos.

A Guerra durou quatro anos, custou a vida de milhares de pessoas e marcou para sempre a sofrida população da região.

UM HOMEM CHAMADO BRASIL

Visto por um homem do Sul

Embora criticado na época de seu lançamento como obra superficial e incompleta, "Câmara Cascudo - Um homem chamado Brasil", de Gildson Oliveira (Brasília Jurídica - DF - 1999) contém 500 páginas de informações a respeito do mestre do folclore e da etnografia no Brasil e serve, quando mais não seja, como fonte de recapitulação para os que conhecem o tema ou de iniciação para os jejunos. Luís da Câmara Cascudo (1898/ 1986), em que pesem a importância de sua obra e a existência pontilhada de incidentes curiosos, não teve até hoje a biografia que merece, aquela que refaça em minúcias sua caminhada terrena e penetre fundo na sua obra, numa análise individual e de conjunto. Ele não teve até agora a sorte de encontrar um Edgard Cavalheiro ou um Ruy Castro, pesquisadores incansáveis que traçaram os perfis de figuras da maior relevância no panorama cultural. Os livros que existem sobre Cascudo abordam apenas aspectos de sua vida/obra, sem a pretensão de constituírem biografias nos moldes convencionais. Diante disso, pelo esforço na coleta de tantos e tão variados elementos informativos, o livro de Gildson Oliveira merece este comentário. Como diz o nosso povo, quem não tem cão caça com gato.

Gildson Oliveira é nascido no Rio Grande do Norte, portanto conterrâneo de Cascudo, formado em jornalismo e atuante na cidade do Recife, onde se radicou, e que, além de importante centro cultural, dispõe de uma das melhores imprensas do país. Apesar da diferença de idades, conviveu bastante com o escritor, entrevistando-o em sua residência e com ele conversando em diversas visitas, tomando o pulso daquele homem enciclopédico, como tal reconhecido, e ao mesmo tempo afável e humilde. Como se sabe, Cascudo foi dos poucos intelectuais de verdadeiro renome que permaneceu em sua Província, assim como fizeram Gilberto Freyre, no Recife, e Érico Veríssimo, em Porto Alegre, incentivando com suas presenças a vida cultural local. Essa recusa em deixar a cidade lhe valeu a alcunha de "provinciano incurável", atribuída por Afrânio Peixoto, e que ele adotou gostosamente. Para a realização deste livro, Gildson leu milhares de páginas, enfiou o nariz em incontáveis livros, vasculhou publicações e papela-

da velha, entrevistou numerosas pessoas, visitou, indagou, perquiriu, viajou, venceu resistências. Obteve muitas fotografias, desenhos e ilustrações interessantes e que enriquecem o volume.

"Dom" Luís da Câmara Cascudo, como o tratavam os íntimos, nasceu (30 de dezembro de 1898) e faleceu (30 de julho de 1986), no mesmo bairro da Ribeira, na cidade de Natal. Ali viveu toda sua vida, grande parte dela no sobrado da Avenida Junqueira Aires, 377, hoje Avenida Câmara Cascudo, e que se tornou célebre, sendo até apontado como atração turística da capital potiguar. Filho de pai abastado, fazendeiro, comerciante e político, teve infância de menino rico, embora de saúde frágil, o que obrigou a família a viver por certo período no sertão do Seridó em busca de melhores ares para o garoto. Essa experiência, como todas as vividas por um escritor, resultou benéfica pelo que ele aprendeu, viu e mais tarde descreveu em suas obras. Foi um moço refinado, sempre vestido de forma impecável, usando palheta, bengala e flor na lapela. Desfilava pelas ruas fazendo pose em seu Ford de bigode e cativava as moças casadoiras com seus olhos verdes e seu constante bom humor, embora não fosse considerado um rapaz bonito. Estudou medicina na Bahia, até o quarto ano, voltando-se depois para o curso jurídico até bacharelar-se pela famosa Faculdade de Direito do Recife, em 1928. Nos anos em que residiu na capital pernambucana participou da boemia intelectual, então em grande fase, e conquistou amigos para a vida inteira. Era um notívago que amava caminhar à noite, conversando com amigos, bebendo umas e outras nos bares alegres e dançando onde houvesse oportunidade.

Retornando à cidade natal, teve que trabalhar. Em dificuldades financeiras causadas pelas suas excessivas prodigalidades, o pai não podia manter o nível de vida de outros tempos. Passou então a exercer o jornalismo e a lecionar em conhecido Colégio da cidade. Mais tarde passaria a lecionar na Faculdade de Direito da UFRN. Como as "disciplinas que dispunham de Códigos", consideradas mais fáceis, foram logo ocupadas, sobrou para ele o Direito Internacional Público, matéria em que se aprofundou e sobre a qual ministrou aulas que eram autênticas conferências, jamais esquecidas por seus alunos. Além de dominar a matéria, tinha uma oratória vibrante, vasta erudição e grande simpatia pessoal, atraindo inclusive alunos de outras classes para ouvi-lo, fazendo pequena a sala onde exercia o

magistério. Revelava de início especial interesse pela Historia, tudo indicando que seria mais um historiador. Aos poucos, porém, começou a observar as coisas do povo, seu modo de vida, sua fala, seus costumes, crenças, religiões, santos, relações entre as pessoas, ditos, cantigas, versos. Essa inclinação pelo popular prenunciava o nascimento do folclorista e do etnógrafo, inclinação aplaudida por Mário de Andrade em sua visita a Natal. Cascudo nessa época já aderira ao Movimento Modernista, influenciando outros intelectuais a engrossarem a corrente, como Ascenso Ferreira. No correr da carreira nas letras seria historiador, biógrafo, jurista, tradutor, memorialista, ensaísta, ficcionista, poeta bissexto, articulista, cronista, e, acima de tudo, folclorista e etnógrafo. Também foi aplicado missivista, daqueles que não deixavam bilhete sem resposta, e suas cartas contam-se aos milhares. Gostava de estar entre as pessoas do povo, tinha amor a elas, observando-as, ouvindo-as, absorvendo as coisas da sabedoria popular. Sentia-se à vontade nos mercados, nas feiras livres, nos festejos populares, nas cantorias e declamações de rua, nos botecos e pontos de aglomeração de gente humilde. Ali colhia, ao vivo, sem intermediários, os ensinamentos da cultura popular.

Seu livro de estréia apareceu em 1921 - "Alma Patrícia" - e, como obra lançada na província, obteve parca repercussão. Ele, porém, não se abalou, asseverando, para escândalo dos bairristas, que "Natal não consagra e nem desconsagra ninguém!" Numa época em que os intelectuais brasileiros consideravam a França sua segunda pátria intelectual, o livro revela um viés nacionalista e de amor à terra natal. Após a estréia silenciosa, sairiam de sua máquina 145 livros publicados, alguns em dois volumes e com numerosas páginas, além de 12 inéditos e milhares de artigos e crônicas espalhados em jornais e revistas e nunca reunidos em livros. Como disse alguém, foi "autor de uma obra amazônica" em que abordou a história de seu Estado e da cidade de Natal, diversas figuras destacadas por seus feitos e obras, aspectos do desenvolvimento nacional, excursões pelo sertão, poesia própria e de outros, temas jurídicos, peixes, vaqueiros, cantadores, nomes, lendas, fanáticos, mitos, contos, populares, festas, magia, literatura oral, jogos infantis, jangada e jangadeiros, comadres e compadres, superstições, rede de dormir, vizinhança, comida africana, coisas que o povo diz, nomes da terra, cachaça e outras bebidas, locuções tradicionais, tradição, religião, amuletos, adivinhações, civilização, cultura, universidade, história de vários municípios, costumes indígenas e, naturalmente, folclore e etnografia, além de numerosos outros temas. Avultam em sua obra o "Dicionário do Folclore Brasileiro", "História da Alimentação no Brasil", "Sociologia do Açúcar" e "Civilização e Cultura", todos eles indispensáveis ao conhecimento do nosso país. Em 1973 foi publicada uma "Seleta", organizada por Américo de Oliveira Costa, fornecendo uma idéia da vastidão de suas pesquisas. É interessante observar que, além da pesquisa in loco, ele afundava no estudo dos clássicos para lá encontrar, num passado às vezes milenar, as origens de nosso comportamento, nossos costumes e gestos, aprimorando para isso seu domínio de outros idiomas. Sua curiosidade pelas coisas do povo não tinha limites. "Ora, - escreveu - a mim interessa tudo o que é do povo, até o que ele faz no banheiro ou no mato." Na incansável busca, chegou a traduzir Montaigne, quando este tratava dos canibais brasileiros, e outros autores, como Fábio Fiallo, Walt Whitman, e até livro sobre a mitologia indígena do Amazonas (inédito). Esses traços, tão longe encontrados, mostram que o folclore é, ao mesmo tempo, regional e universal. Teve obras publicadas em Portugal, Espanha e Cuba, sem falar nas traduções que apareceriam depois. Seu processo criativo era eminentemente mental: só depois de muito meditado o tema era datilografado, sem rascunho, emendas e erros.

Continuava com seus hábitos notívagos, trocando a noite pelo dia. Não raro o sol o surpreendia agarrado ao trabalho e isso o obrigava a dormir pela manhã, razão pela qual uma placa no pórtico de sua casa avisava: "O Professor Cascudo só recebe na parte da tarde." Aos poucos, devagar e quieto, o reconhecimento foi chegando, vindo de todos os cantos, do Brasil e do Exterior. Chegavam convites para cargos, entidades, instituições, sempre recusados porque não desejava deixar sua cidade.

Fez viagens etnográficas à Europa, particularmente a Portugal, e à África, em busca de respostas. Essas andanças pelo mundo até hoje não se encontram bem documentadas; pouco se sabe a respeito delas. É um hiato em sua biografia. Na opinião de inúmeros intelectuais, brasileiros e estrangeiros, é simplesmente assombroso que um homem só, batucando sua máquina, numa cidade de província, sem grandes fontes informativas, realizasse uma obra tão vasta e que, em outro país, teria à sua disposição toda

uma equipe. A correspondência explica em parte; muitas de suas cartas são verdadeiros questionários enviados a conhecidos, amigos e pesquisadores de perto e de longe. Foi "uma correspondência alucinante" – definiu alguém. Grande parte dessa correspondência continua arquivada, sem possibilidade de acesso ao leitor em geral, inclusive a que trocou com Monteiro Lobato. É curioso observar que nas "Cartas Escolhidas", de Lobato, organizadas por Edgard Cavalheiro, não haja uma só dirigida a Cascudo.

Para ele, cultura popular é mais ampla que folclore. Seus conceitos de folclore (campo espiritual da sabedoria popular) e etnografia (campo material da mesma) eram muito claros. Repisar discussões teóricas em detrimento da pesquisa seria perda de tempo (p. 153). Desde o início uma preocupação norteava seus estudos – a identidade nacional. Quem é o brasileiro? – indagava, tentando obter uma resposta científica, acima das frases feitas e conceitos moldados. Nesse sentido, a escritora Maria Lúcia Amaral disse muito bem: "Ele contribuiu para preservar a nossa identidade, já tão conspurcada pelos americanismos, linguagens e costumes alienígenas" (p. 166). Para ele, o melhor do Brasil ainda é o brasileiro, frase que anda por aí em outras bocas, sem citação da autoria (p. 160).

Em sua bela e antiga morada da Ribeira havia uma romaria de amigos, leitores, admiradores. Muitos se tornaram habitués, outros compareciam a intervalos. Gilberto Freyre, Ascenso Ferreira, Joaquim Inojosa, Veríssimo de Melo e outros tantos registraram essas visitas. Políticos e funcionários de alto bordo, professores, alunos subiram aqueles degraus para conhecerem o mestre e ele a todos recebia com simpatia, em sua cadeira de balanço e saboreando um bom charuto. Eu próprio, em 1983, três anos antes de seu falecimento, tive o prazer de passar uma tarde em companhia dele e sua esposa, Dahlia. Ficou alegre com a visita e muito conversamos. Para ele, eu era "o mais meridional de seus correspondentes." No Memorial Câmara Cascudo encontrei livros meus, todos assinalados, sinal de que ele os leu. Informou a diretora, sua neta, que existem cartas minhas nos arquivos. Ele chegou a escrever sobre meu livro "O Azul da Montanha." O casarão da antiga Junqueira Aires, hoje Avenida Câmara Cascudo, está fechado e ainda contém boa parte de seu acervo. Mas o homem que o agitava e lhe dava vida está ausente. Queixam-se as pessoas do descaso das autoridades em dar à morada da mais ilustre figura da intelectualidade do Estado

um destino digno e uma conservação adequada. Muita coisa, em pouco tempo, poderá se perder.

Grande parte do livro é destinada a depoimentos. Familiares, amigos, conhecidos, intelectuais, gente do povo, cada qual abordando um ou mais aspectos da vida/obra do folclorista. Surgem inúmeros casos, incidentes, lembranças e fatos, formando um conjunto admirável de informações. É geral a aclamação do pesquisador como homem e como intelectual. Apenas o poeta Ascendino Leite parece reticente, sugerindo suas palavras que Cascudo gastou o tempo em vão, cuidando dessas coisas do povo e confessa que não considera literatura o cordel, os casos transmitidos por via oral e outras manifestações do gênero. Autor de uma poesia elitista, desinteressada das causas do povo, sua posição não é de surpreender. Gilberto Freyre, apesar de algumas diferenças, reconhece e proclama o valor da obra cascudiana. Carlos Augusto Lyra se transformou em exímio conhecedor da obra e da vida do escritor e possui a maior coleção de livros, publicações, documentos, fotos e objetos sobre ele (p. 126). Muitos livros, teses, dissertações, ensaios, artigos, reportagens e documentários têm vindo à luz sobre ele, formando um conjunto expressivo. Cursos e seminários têm sido organizados.

No terreno das homenagens, inúmeras lhe têm sido prestadas, inclusive motivadas pelo centenário de nascimento (1998). Pela sua importância, avulta a criação do Memorial Câmara Cascudo, à praça André de Albuquerque, em Natal. Instalado em prédio histórico, restaurado, abriga parte do acervo do escritor, devendo em breve receber o restante, transformando-se em centro cultural e de estudos cascudianos sem similar. É dirigido pela neta Daliana, que vem dando o melhor de si a esse projeto. Diante do prédio encontra-se estátua em bronze do escritor, em tamanho natural, sobre uma mão espalmada, significando sua doação à cidade e ao país. A sugestão para a criação do museu partiu do jornalista Paulo Macedo e foi executada pelo arquiteto Sami-El Ali, que abriu mão de seus honorários. Existe ainda o Museu Câmara Cascudo, no bairro do Tirol, integrado à UFRN. Exceto o nome, nada tem com o escritor e seu horário é muito reduzido, dificultando a visitação. Mereceu ainda uma sessão solene da Câmara Federal, ocasião em que se manifestaram vários oradores. O Tribunal Superior do Trabalho (TST) lhe concedeu a "Medalha do Mérito Judici-

ário", em homenagem póstuma. A Academia Brasileira de Letras (ABL) lhe dedicou uma sessão solene e a União Brasileira de Escritores (UBE) o elegeu Intelectual do Ano, conferindo-lhe o troféu Juca Pato. Joãozinho Trinta o homenageou no carnaval carioca em sua escola de samba. A Empresa de Correios e Telégrafos (ECT) emitiu um selo em homenagem ao escritor, com sua efígie. Ainda em vida, foi sagrado membro do "Clube dos Inocentes", entidade que reúne a boemia intelectual, e a "Ordem da Castanha" o condecorou. Recebeu inúmeras condecorações, prêmios, medalhas e distinções, nacionais e estrangeiras. Em outras cidades surgiram bibliotecas públicas com seu nome. Cursos sobre sua obra são ministrados pela UFRN e em escolas de diversas cidades. A coleção de suas Obras Completas vem sendo reeditada pela Global Editora. A maior homenagem, porém, aquela que mais prezaria, vem do povo, das ruas, dos cantadores e violeiros. Todos os poetas populares conhecidos lhe dedicaram poemas, ABCs, louvações, desde Patativa do Assaré, Pedro Bandeira, Ivanildo Vila Nova, Dedé Monteiro, Oliveira de Panelas, Raimundo Santa Helena, Azulão, Rodolfo Coelho Cavalcante, sem faltarem meus velhos amigos Paulo Nunes Batista, Hildemar de Araújo Costa e Manoel Monteiro. Raros escritores, em país de poucos leitores, mereceram tais e tantas manifestações de carinho e consideração. Contrariando o dito popular, Cascudo é santo em sua terra e não alimento o temor de alguns de que seja esquecido.

É o livro de Gildson Oliveira, então, um retrato de corpo inteiro? Ainda não! Falta ao mestre de Natal uma biografia sistemática e analítica que desvende toda sua vida e obra, seguindo seus passos além-mar e fazendo uma interpretação de conjunto, à luz das teorias e da prática do folclore e da etnografia. Franklin Jorge é autor de um livro inédito que poderá trazer boas contribuições. Seja como for, o livro aqui comentado é boa fonte de informações variadas e confiáveis.

QUEM ESCREVE O QUÊ E ONDE (IV)

Mesmo não sendo um primor, em termos literários, as memórias de Sidney Sheldon constituem uma leitura viva e agradável. Seus relatos são um mergulho nos tempos em que o cinema e a literatura norte-americanos exerciam sobre nós intensa e agradável influência. Figuras que nos fascina-

vam, povoando nossos sonhos de vivências, aventuras e sucesso. Kirk Douglas, Robert Mitchum, Frank Sinatra. James Dean, Elvis Presley, entre os atores; Ava Gardner, Jane Russel, Elizabeth Taylor, Doris Day, Kim Novak, Jane Mansfield, entre as atrizes, além de tantas outras figuras marcantes e talentosas. E os escritores cujas obras nos deslumbravam e que líamos sem cessar, como Ernest Hemingway, John Steinbeck, F. Scott Fitzgerald, John dos Passos, William Faulkner, Mark Twain, outros e mais outros. Todos aparecem no livro, em retratos diretos ou apenas sugeridos, nos corredores das grandes empresas do cinema e do teatro. Também lembra momentos amargos da história do país, como o "machartysmo", que tantas vítimas fez naquele mundo. Escrito em linguagem simples e direta, valeu a leitura como uma recordação, junto com o autor, dos dias dourados da vida artística dos Estados Unidos ("O Outro Lado de Mim" – Editora Record – 2005).

O poeta siciliano Marco Scalabrino, já bem conhecido entre nós, organizou e publicou a belíssima antologia tri-língüe "Canzuna - Di vita, Di morti, D'amuri" (Samperi editori), englobando três versões de seu poema original em dialeto siciliano para o português, o inglês, por Gaitano Cipolla, e o italiano, por Maria Pia Virgilio com Flora Restivo. A tradução para o português coube a Nelson Hoffmann, também autor de ilustrativo comentário, onde diz: "A poesia de Marco Scalabrino é uma poesia de poucas palavras, mas palavras carregadas, viscerais, contundentes. Elas não tocam, apalpam, acariciam; elas batem, ferem, machucam. Elas penetram na gente, ocupam seu lugar e ditam rumos. Depois de lido Scalabrino, a gente não é mais o que foi. E nem será" (pág. 17). É fácil imaginar o desafio posto ao crítico gaúcho: se traduzir poesia de uma língua bem conhecida já é difícil, calcule-se quando se trata de um dialeto e, ainda mais, quando é uma poética sofisticada e complexa. Mas ele se saiu bem, tanto que sua versão foi acolhida e publicada e hoje corre mundo. "Canzuna" tem sido meu companheiro nestes últimos dias. Leio, releio e tresleio aquelas versos cujo impacto fica ecoando dentro de nós. Comparo textos nas três línguas e vejo que em qualquer delas foi preservada a poesia. Como se o próprio poeta declamasse ele mesmo em todas elas. (Contatos com Scalabrino: Via Gen. A. Cascino, 4 - 91100 - TRAPANI - Itália).

Elmar Carvalho, magistrado e poeta piauiense, acaba de publicar "Lira dos Cinqüentanos", com o qual comemora meio século de proficua existência. É um belo livro, tanto no feitio gráfico como no conteúdo, dividido em "Ensaio", "50 Poemas Escolhidos", "Poemas Inéditos", "Prosa Escolhida", "Entrevista", "Fortuna Crítica" e "Iconografia." O volume confirma que o autor, além de excelente poeta, é um cronista primoroso. A publicação é um marco na sua vida pessoal e literária, fornecendo um retrato de corpo inteiro de quem dá o melhor de si à literatura.. Ele publica também "Parnaíba no Coração", pequeno volume que é um repositório de sentimento espontâneo e sincero.

Dois catarinenses estão com novas obras na praça. Francisco José Pereira publica "Contos Completos" (Garapuvu – Florianópolis), reunindo sua produção no gênero ficcional a que mais se dedica. A incansável Anair Weirich publica "Melo(dias) do Coração" (Edição da Autora – Chapecó), contendo poemas em que desdobra seu romantismo generoso, convencida de que "haverá um dia em que a música fará as almas dançarem ao enlevo dos corações. Então todas as nações serão embaladas pela poesia!" Desejo a ambos os conterrâneos o melhor sucesso.

Registro, por fim, o aparecimento da revista "Literatura – A revista do escritor brasileiro" em sua edição número 31 (Brasília/Fortaleza). Fundada por Nilto Maciel, com quinze anos de circulação, é hoje a mais conhecida e uma das melhores publicações do gênero no país. Com 150 páginas, bem ilustrada, contém contos, crônicas, críticas, resenhas, poemas, entrevistas, notícias e fotos de autores de todos os recantos brasileiros, uma vez que seu lema é ser nacional. Tenho a satisfação de colaborar desde o número inicial, publicando neste dois ensaios ("O Conto no Ceará" e "Capítulos de um Romance Amazônico".

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber numeros antigos ou
tomos completos encadernados, procure-nos.
Abaixo informamos nossos preços:
- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
R\$ 10,00 (anos 60)
R\$ 10,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois
volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.
() Sim, desejo assinar a revista <i>Blumenau em Cadernos</i> para o ano de 2006 (Tomo 47). Anexo a este cupom, a quantia de R\$,00 (reais) conforme opções de pagamento abaixo.
Formas de pagamento: () Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos () Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle. () Cheque - Banco:
Dados do Assinante:
Nome:
Endereço:
Bairro: Cx. Postal:
CEP: Fone para contato:
Cidade: Estado:

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-6874 Blumenau (SC) – E-mail: <u>arquivohistorico@fcblu.com.br</u>





Unidades Culturais

Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva arquivohistorico@feblu.com.br

Centro Cultural da Vila Itoupava Museu da Família Colonial

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller

Galeria Municipal de Arte Museu de Arte de Blumenau

Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

Editora Cultura em Movimento

editora@fcblu.com.br

www.fcblu.com.br



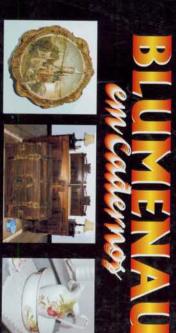












ISSN 0006-5218









TOMO XLVII Maio/Junho de 26116 N° 5/6

Apoio Cultural:

Willy Sievert (in memorram) Victória Sievert

Genésio Deschamps

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aco Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm 43 S/A Gráfica e Editora













